

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Eduardo Klein Carmona

**ATLETAS DEFICIENTES VISUAIS SUL-RIO-GRANDENSES NOS JOGOS
PARALÍMPICOS: cenários e memórias**

**PORTO ALEGRE
2015**

Eduardo Klein Carmona

**ATLETAS DEFICIENTES VISUAIS SUL-RIO-GRANDENSES NOS JOGOS
PARALÍMPICOS: cenários e memórias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

**PORTO ALEGRE
2015**

Eduardo Klein Carmona

**ATLETAS DEFICIENTES VISUAIS SUL-RIO-GRANDENSES NOS JOGOS
PARALÍMPICOS: cenários e memórias**

Conceito final: A

Aprovado em 24 de setembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marli Hatje – UFSM

Profa. Dra. Martha Maria Ratenieks Roessler – UFRGS

Profa. Dra. Rosilene Moraes Diehl – ULBRA/SOGIPA

Orientadora – Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Carmona, Eduardo Klein

Atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses
nos Jogos Paralímpicos: cenários e memórias / Eduardo
Klein Carmona. -- 2015.

110 f.

Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Jogos Paralímpicos. 2. Deficientes visuais. 3.
História do esporte. I. Zarpellon Mazo, Janice,
orient. II. Título.

Aos atletas que entrevistei, os quais me mostraram um universo esportivo sem ou com pouca luz, mas repleto de histórias cheias de cores.

RESUMO

A presente investigação histórica trata da participação de atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos, nas edições de 1984 até 2012. Os Jogos Paralímpicos de 1984, em Nova York (Estados Unidos) abalizam a presença, pela primeira vez, de atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses na delegação brasileira. Desde então, exceto nos Jogos de 1996, em Atlanta (Estados Unidos), atletas com deficiência visual do Rio Grande do Sul sempre integraram a delegação brasileira até os Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres (Inglaterra). Todavia, há poucos registros, bem como trabalhos científicos que abordem a participação dos atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos. Sendo assim, estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: como ocorreu a participação de atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos nas edições de 1984 até 2012? Para tanto, além da revisão bibliográfica sobre o assunto, realizamos entrevistas com os atletas que participaram dos eventos, bem como com pessoas envolvidas com o esporte para deficientes visuais no estado. Tais entrevistas seguiram os procedimentos metodológicos da história oral. Os resultados desta investigação foram distribuídos em três estudos independentes, porém interligados. O primeiro estudo, intitulado “Práticas esportivas de deficientes visuais em Porto Alegre, Rio Grande do Sul: indícios de uma história” trata de apresentar um cenário histórico dos esportes praticados por deficientes visuais na cidade de Porto Alegre, enfocando as instituições que desenvolveram ou ainda desenvolvem os esportes na capital do estado. O segundo estudo, denominado “Atletismo paralímpico sul-rio-grandense: montando um quebra-cabeça (1984-1992)”, descrevemos as participações de atletas paralímpicos sul-rio-grandenses com deficiência visual nas competições de atletismo nos Jogos Paralímpicos de 1984 a 1992, tendo como foco os depoimentos de três mulheres. O terceiro estudo, intitulado “Nos sons dos guizos: as vozes de dois atletas paralímpicos brasileiros”, abordamos o percurso de dois deficientes visuais do estado do Rio Grande do Sul medalhistas em esportes coletivos nos Jogos Paralímpicos. Após a realização dos três estudos, podemos inferir que, os poucos atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses que participaram dos Jogos Paralímpicos, possuem históricas únicas, as quais, ao serem somadas, contribuem para construir o cenário histórico da participação brasileira no evento. Por fim, ainda, consideramos ser importante salientar a originalidade, relevância e potencialidades do tema tratado.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos, deficientes visuais, História do esporte, atletismo, futebol de 5, goalball.

ABSTRACT

This historical research deals with the participation of visually impaired athletes from Rio Grande do Sul in the Paralympic Games, in the editions from 1984 to 2012. The Paralympic Games of 1984 in New York (United States) point out the presence, for the first time, of visually impaired athletes from Rio Grande do Sul in the Brazilian delegation. Since then, except for the 1996 Games in Atlanta (USA), visually impaired athletes from Rio Grande do Sul always integrated the Brazilian delegation until the 2012 Paralympic Games in London (England). However, there are few records, as well as scientific papers that address the participation of Paralympic athletes from Rio Grande do Sul. Thus, we established the following research problem: how did it occur the participation of visually impaired athletes from Rio Grande do Sul in the Paralympic Games in the editions from 1984 to 2012. To this end, in addition to literature review on the subject, we conducted interviews with athletes that attended the events, as well as people involved in the sport for the visually impaired people in the state of Rio Grande do Sul. Such interviews followed the methodological procedures of oral history. The results of this research were divided into three independent studies, but interconnected. The first study, entitled "Sports practices for visually impaired people in Porto Alegre, Rio Grande do Sul: evidence of a history" is to present a historical setting of sports practiced by the visually impaired people in Porto Alegre, focusing on the institutions that have developed or develop sports in the state capital. The second study, called "Paralympic Athletics from Rio Grande do Sul: assembling a puzzle (1984-1992)", described the participation of Paralympic visually impaired athletes from Rio Grande do Sul in track and field events from 1984 to 1992 Paralympic Games, focusing on the testimony of three women. The third study, entitled "In the sounds of bells: voices of two Brazilian Paralympic athletes", we approach the course of two visually impaired people from Rio Grande do Sul, which are medalists in team sports at the Paralympic Games. After completion of the three studies, we can infer that the few visually impaired athletes from Rio Grande do Sul who participated in the Paralympic Games, have unique histories, which, when they are added together, contribute to build the historical setting of the Brazilian participation at the event. Finally, though, we consider it important to highlight the originality, relevance and potentials of the theme.

Keywords: Paralympics, visually impaired, history of sports, athletics, football 5, goalball.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Aula de atletismo no Instituto Santa Luzia	32
Imagem 2 - Certificado de participação da 1ª Rústica de Deficientes Visuais	34
Imagem 3 - Equipe sul-rio-grandense campeã dos V Jogos Sul-Brasileiros de Deficientes Visuais.....	36
Imagem 4 - Delegação brasileira que participou dos Jogos Paralímpicos de Nova York, Estados Unidos, 1984.....	50
Imagem 5 - Medalhas conquistadas por Anelise nos Jogos Paralímpicos Nova York (1984).....	52
Imagem 6 - Anelise carregando a bandeira brasileira na cerimônia de encerramento dos Jogos Paralímpicos Nova York (1984).....	52
Imagem 7 - Delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988).....	55
Imagem 8 - As quatro mulheres atletas deficientes visuais que participaram das provas do atletismo nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988).....	55
Imagem 9 - Pirâmide de flores decorando a cidade Seul durante os Jogos Paralímpicos.....	57
Imagem 10 - Medalhas conquistadas por Anelise nos Jogos Paralímpicos Seul (1988).....	58
Imagem 11 - Diploma e medalha de participação de Vera Begamo nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988).....	60
Imagem 12 - Alex competindo nos Jogos de Paralímpicos de Londres (2012).....	77
Imagem 13 - Ricardinho competindo nos Jogos de Paralímpicos de Londres (2012).....	82

SUMÁRIO

APROXIMAÇÃO COM O TEMA DE PESQUISA	6
INTRODUÇÃO	9
ESTUDO 1 - PRÁTICAS ESPORTIVAS DE DEFICIENTES VISUAIS EM PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL: indícios de uma história	20
ESTUDO 2 - ATLETISMO PARALÍMPICO SUL-RIO-GRANDENSE: montando um quebra-cabeça (1984-1992).....	43
ESTUDO 3 - NOS SONS DOS GUIZOS: as vozes de dois atletas paralímpicos brasileiros	67
CONCLUSÕES	92
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXO A - PICTOGRAMA DOS ESPORTES PARALÍMPICOS DOS JOGOS DO RIO DE JANEIRO (2016).....	105
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO E ROTEIRO DE ENTREVISTA	106

APROXIMAÇÃO COM O TEMA DE PESQUISA

Desde 2010 sou membro do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da UFRGS, o qual é coordenado pela Profa. Janice Zarpellon Mazo e tem como finalidade a produção de pesquisas sobre a História do Esporte e da Educação Física, bem como busca a divulgá-las por meio de publicações e atividades de ensino e extensão.

Em 2013, mesmo ano em que ingressei no PPGCMH, nosso grupo teve a aprovação do projeto¹ de pesquisa intitulado “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)” pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o qual tem como objetivos: a) Realizar um levantamento bibliográfico acerca dos esportes paralímpicos no Brasil; b) Descrever o contexto político-econômico e sociocultural que possibilitou a participação de atletas brasileiros em Jogos Paralímpicos no período de 1972 a 2012; c) Interpretar a trajetória esportiva de atletas paralímpicos brasileiros no período de 1972 a 2012; d) Construir um acervo público composto por banco de dados, de imagens e depoimentos de atletas acerca do esporte paralímpico brasileiro.

Eu passei a me envolver de forma ativa nas ações do projeto, pois no mestrado iria desenvolver a mesma temática. Então, devido há algumas circunstâncias e combinações internas, pude ficar a frente da realização de grande parte das entrevistas até então gravadas. Função que me permitiu conhecer, em 2014 e 2015, diversos atletas paralímpicos e suas histórias de vida, as quais, por vezes, apresentam momentos de ruptura, descompasso e dificuldades, bem como momentos de glória, empenho, treinamento intenso e doação integral ao esporte.

Ainda em virtude do projeto e por acreditarmos (o grupo NEHME) que a pesquisa não deve estar dissociada do ensino e da extensão, pois é a base que rege as ações universitárias, também buscamos outras atividades como forma de

¹ Este projeto é desenvolvido em parceria com a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

divulgar os resultados do projeto e os conteúdos acerca dos esportes adaptados e paralímpicos².

No primeiro semestre de 2014, em parceria com a UCS, promovemos uma mesa-redonda³ na aula inaugural de semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade, unidade Bento Gonçalves, a qual foi intitulada “Esportes paralímpicos no Brasil olímpico: que diálogos são possíveis?”. E, em parceria com a Associação de Profissionais de Educação Física (APEF), organizamos outra mesa-redonda no Nacional dos Profissionais de Educação Física (ENAPEF) 2014, a qual foi intitulada “Memórias do Brasil Paralímpico”. Além do “Seminário Esportes Paralímpicos, Inclusão e Educação Física” na UFSM, em 2015. Em ambos os eventos pude representar o grupo NEHME e discorrer sobre ações do projeto e sobre conteúdos acerca do esporte paralímpico. Estas atividades foram compreendidas pelo projeto de extensão “Laboratório de História do Esporte Paralímpico Brasileiro”⁴, que foi criado com o intuito de abarcar as atividades externas à universidade e de divulgação online das atividades do projeto, configurando, atualmente, um *blog*⁵ e uma página no *facebook*⁶, e posteriormente um site.

Na segunda metade de 2014, além de divulgarmos uma pequena parte do projeto no IV Congresso Paradesportivo Internacional, criamos a disciplina “Tópicos Especiais⁷ em Esporte II – Esportes Adaptados”. Na súmula da disciplina constava:

Aborda conhecimentos teórico-práticos sobre os esportes adaptados para pessoas com deficiência. Trata de fundamentos e técnicas, como também promove vivências acerca de esportes adaptados. Analisa os esportes adaptados em relação aos aspectos técnicos e sócio-histórico-culturais. Instiga os estudantes a refletir criticamente sobre as temáticas abordadas e autores tratados.

² Os esportes adaptados são esportes adequados as necessidades de pessoas com deficiência e, por sua vez, os esportes paralímpicos são os esporte adaptados de alto rendimento que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos.

³ Esta atividade tinha como objetivo, de acordo com seu programa, oferecer aos acadêmicos e professores do curso de Educação Física, um momento de integração ao ambiente universitário, valendo-se das reflexões contemporâneas acerca do campo da Educação Física e suas interfaces com os megaeventos esportivos iminentes.

⁴ Este projeto de extensão foi aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS sob o número 25134. Atualmente encontra-se na sua segunda edição sob o número 27734.

⁵ Disponível em: <http://ufrgsnehme.blogspot.com.br>

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/laboratorioesporteparalimpico>

⁷ As disciplinas de tópicos tratam de “temas da atualidade relativos as áreas da Educação Física (podem ser concedidos através de cursos de extensão ou estudos em projetos de pesquisa cujos planos de ensino ou atividades e sistemas de avaliação tenham sido previamente aprovados pela COMGRAD-EFI)”.

Essa disciplina tinha o intuito de divulgar conteúdos não abarcados no currículo dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da UFRGS, visto que a disciplina de Fundamentos da Educação Física Especial, a qual é obrigatória, compreende poucos conteúdos sobre esportes adaptados. Além disso, esta disciplina foi editada novamente no primeiro semestre de 2015 e serviu para que eu fizesse o estágio de docência, o qual é uma exigência para alunos bolsistas do PPGCMH.

Dessa forma, o grupo NEHME vem se mobilizando com relação à temática dos esportes adaptados e paralímpicos, desencadeando, assim, diversas ações que culminaram em um projeto de extensão, uma disciplina na graduação e um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. Por sua vez, cabe destacar que esta dissertação é um dos eixos do projeto de pesquisa mencionado.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda a participação de atletas sul-rio-grandenses deficientes visuais nos Jogos Paralímpicos. As pessoas com deficiência visual configuram uma população unida por uma característica tida como anormal ou restritiva com relação à funcionalidade corporal, no que tange ao sentido da visão. Cabe destacar que a deficiência é uma construção sócio-histórica-cultural que busca agrupar e ao mesmo tempo diferenciar as pessoas com base em características comuns e outras nem tão comuns de alguns seres humanos (BRUMER; PAVEI; MOCELIN; 2004).

De acordo com o Censo⁸ 2010, no Brasil, aproximadamente 45,6 milhões de pessoas declararam ter ao menos um tipo de deficiência, o que corresponde a 23% da população do país. Dentre as deficiências relacionadas, a visual é a que atinge um maior percentual entre os brasileiros (18%), sendo que 3,46% são possuidores de deficiência visual severa, ou seja, pessoas cegas ou com baixa visão (OLIVEIRA, 2012). Com o expressivo crescimento das produções científicas no Brasil, principalmente devido ao acréscimo do número de programas de pós-graduação e de revistas científicas nas diversas áreas do conhecimento (TEIXEIRA *et al.*, 2015), a partir dos anos 2000, investigações acerca das pessoas com deficiência e, conseqüentemente, sobre deficientes visuais têm aumentado também. No entanto, no campo da Educação Física no Brasil, durante nosso processo de revisão de literatura, não identificamos estudos diretamente relacionados aos atletas deficientes visuais brasileiros e suas participações nos Jogos Paralímpicos.

Diante desse panorama, acreditamos que seja pertinente contextualizar elementos que nos permitam justificar de que forma emergiu o tema central desta dissertação. Por exemplo, no campo da Educação Física no Brasil, a demanda por conteúdos acerca das pessoas com deficiência começou a ser discutida juntamente com os debates sobre a reforma curricular dos cursos de graduação em Educação Física na década de 1980. Com o Parecer nº 215 de 1987 e com a Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987, houve um relativo avanço nesta questão, pois ambos indicavam a inserção da Educação Física Adaptada nos currículos (RIBEIRO;

⁸ Cabe destacar que os dados do Censo, o qual é realizado pelo IBGE, no que se refere às questões acerca das pessoas com deficiência, “refletem a percepção que as pessoas têm sobre suas funcionalidades” (OLIVEIRA, 2012, p. 10).

ARAÚJO, 2004; ARAÚJO, 2011). Ferreira e colaboradores (2013, p. 584) mencionam que as disciplinas específicas destinadas aos conteúdos sobre as pessoas com deficiência devem “permitir que o graduando compreenda as características da pessoa com deficiência e, com isso, influenciar a sua prática de atividade física, levando o futuro professor de Educação Física a ampliar suas possibilidades de atuação, permitindo a inclusão social em suas aulas”.

No entanto, mesmo com a obrigatoriedade, o processo de inserção nos cursos de Educação Física foi demorado, pois não havia professores capacitados para ministrarem os conteúdos nos cursos. Como um modo de impulsionar este campo do conhecimento na área da Educação Física, foram promovidos, principalmente no decorrer da década de 1990, diversos cursos de especialização *lato sensu* sobre Educação Física adaptada com o intuito de formar recursos humanos para a área. Nesse período, grande parte dos professores dos cursos de especialização vinha de outras áreas e/ou de outros países para ministrar as aulas de forma intensiva (LIMA, 1998). A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) tem um papel de destaque na promoção, desde a década de 1980, de cursos *lato sensu* enfocando atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência.

Paralelamente ao processo de formação de professores para o ensino superior e inserção de disciplinas acerca das pessoas com deficiência nos cursos de graduação em Educação Física, ainda na década de 1990, foi criada a Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA). A entidade visa agregar estudiosos da área de atividade motora adaptada, apoiar e incentivar o desenvolvimento técnico-científico. A SOBAMA realiza diversas atividades para promover a área, como, por exemplo, congressos, cursos e publicações.

No entanto, sobre a produção de conhecimento no campo da Educação Física acerca das pessoas com deficiência e esportes adaptados e paralímpicos no Brasil, podemos destacar as investigações desenvolvidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o qual constitui um espaço consolidado para o desenvolvimento de investigações dessa natureza⁹ (CARMONA, PEREIRA, MAZO, 2014). Isto pode ser averiguado em nosso

⁹ Cabe destacar que o PPGCMH da UFRGS já possuiu entre suas linhas de pesquisa uma denominada “Movimento Humano e Portadores de Necessidades Especiais” (MOLINA NETO; MULLER; AMARAL, 2003), a qual promovia investigações relacionadas às pessoas com deficiência, porém foi extinta em meados dos anos 2000 com a aposentadoria de professores que a mantinham.

processo de revisão, no qual encontramos a predominância de produções (dissertações e teses) no Brasil oriundas da instituição. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de mencionar a existência de grupos de pesquisa específicos sobre a temática, os quais foram criados pelas iniciativas, em suma, individuais de alguns professores em outras universidades brasileiras.

Ainda sobre a produção de conhecimento na área da Educação Física acerca pessoas com deficiência, porém especificamente relacionado ao esporte e prática esportiva de rendimento, emerge, em 2010, a Academia Paralímpica Brasileira. A qual possui a finalidade de fomentar e desenvolver as áreas de educação e formação e produção científica e tecnológica. Tal entidade é a principal responsável pela promoção do Congresso Paradesportivo Internacional.

Além disso, vale ressaltar algumas questões pertinentes ao esporte paralímpico. Considera-se esporte paralímpico as práticas esportivas adaptadas ou especialmente criadas para as pessoas com deficiência que compõem o programa dos Jogos Paralímpicos (PARSONS; WINCKLER, 2012). Defini-se esporte adaptado como o esporte modificado (regras, materiais e locais) ou, especialmente, uma prática criada para ir ao encontro das necessidades de indivíduos com algum tipo de deficiência (WINNICK, 2004; ARAÚJO, 2011; CARDOSO, 2011). Cabe referir que nem todo esporte adaptado é paralímpico, caso, por exemplo, do handebol em cadeira de rodas.

Em 2016, nos Jogos Paralímpicos da cidade do Rio de Janeiro, farão parte do programa do evento 22 modalidades esportivas: atletismo, basquete em cadeira de rodas, ciclismo, esgrima em cadeira de rodas, futebol de cinco, futebol de sete, goalball, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rúgbi em cadeira de rodas, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, vela e vôlei sentado (MELLO; WINCKLER, 2012; MACHADO, 2012). Além dessas, duas modalidades estrearão na competição: a canoagem e o triatlo¹⁰.

De acordo com a modalidade esportiva são elegíveis à participação nos Jogos Paralímpicos, pessoas com deficiências motoras, visuais e intelectuais, além de atletas com doenças crônico-degenerativas, desde que apresentem comprometimentos orgânicos, caracterizando uma deficiência, por exemplo,

¹⁰ No anexo A, segue uma imagem com os pictogramas dos esportes que farão partes do programa dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

limitações funcionais em decorrência do Mal de Parkinson. Deficientes auditivos e surdos, por questões ideológicas, políticas e culturais não participam do evento, tendo um evento mundial próprio: os Jogos Surdolímpicos.

Historicamente, um marco para as pessoas com deficiência e, em especial, para o desenvolvimento do esporte adaptado, mais tarde conhecido também como esporte paralímpico, foi o período após a II Guerra Mundial (1939-1945). Isso porque, com a volta dos lesados da guerra, torna-se latente a necessidade de se criar programas de reabilitação para essas pessoas como forma de reintegrá-los à vida em sociedade. O esporte, por sua vez, foi utilizado como uma prática terapêutica no tratamento dos ex-combatentes. Porém, em pouco tempo essas práticas passaram a ser ampliadas, culminando em 1960, na primeira edição dos Jogos Paralímpicos, na cidade de Roma, Itália (PARSONS; WINCKLER, 2012; ARAÚJO, 1997). E, desde então, os Jogos vêm sendo realizados a cada quatro anos e exatamente no ano dos Jogos Olímpicos.

Os Jogos Paralímpicos de Seul, Coréia do Sul, 1988, marcam uma nova fase do evento. Foi a partir dessa edição que os Jogos mantiveram-se na mesma cidade e instalações onde haviam ocorrido há pouco tempo os Jogos Olímpicos. De acordo com Parsons e Winckler (2012), o evento deu início a “era moderna” dos Jogos Paralímpicos. Tal afirmação deve-se a toda a preparação e melhorias feitas na cidade de Seul para atender as necessidades dos atletas com deficiência. Na ocasião, o esporte que fazia sua estreia nos Jogos era o judô, específico para deficientes visuais. Esta edição também marca o início da utilização de uma simbologia que representasse o movimento paralímpico: os Tae-Geuks¹¹.

No Brasil, o início das manifestações acerca de esportes adaptados data do ano de 1958, com a fundação do Clube dos Paraplégicos, em São Paulo, e do Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, os quais foram criados, respectivamente, por Sérgio Serafim Del Grande e por Robson Sampaio de Almeida para a prática do basquete em cadeira de rodas. Ambos foram reabilitados nos Estados Unidos após terem sofrido acidentes que os deixaram sem os movimentos dos membros inferiores. Lá tiveram contato com o esporte como parte de suas terapias e, ao retornarem ao

¹¹ Simbologia coreana utilizada para representar o movimento paralímpico. Inicialmente semelhante aos aros olímpicos, porém com as novas edições dos Jogos Paralímpicos os símbolos foram reconfigurados algumas vezes.

Brasil, deram início a essas instituições onde promoveram o esporte em cadeira de rodas (COSTA; SOUSA, 2004).

Nos últimos anos é visível a organização e o desenvolvimento do esporte paralímpico no Brasil, entretanto a situação do esporte no país em décadas passadas era muito precária, pois até o princípio da década de 1970 os atletas brasileiros não tinham a oportunidade de participar dos Jogos Paralímpicos. Apenas no ano de 1972 o Brasil conseguiu enviar uma delegação para o evento em Heidelberg, Alemanha (ARAÚJO, 1997; PARSONS; WINCKLER, 2012). Estes Jogos representam um marco para a história esportiva do Brasil, contudo, ainda hoje pouco se sabe dos caminhos percorridos por esses brasileiros na competição. Nos anos seguintes a participação brasileira no evento, várias associações específicas para as múltiplas deficiências foram organizadas no país: Associação Brasileira de Desportos co Cadeira de Rodas (ABRADECAR), Associação Nacional de Desportos para Excepcionais (ANDE) e Associação Nacional de Desporto para Cegos (ABDC). No entanto, foi apenas na década de 1980 que se começou a gestar a ideia da criação de uma entidade maior, através da iniciativa dos presidentes das associações acima citadas, respectivamente: José Gomes Blanco, Aldo Miccolis e Mario Sergio Fontes.

A partir da criação do Comitê Paraolímpico Brasileiro, atual Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em 1995, o esporte para as pessoas com deficiência vem ganhando maior projeção nacional e internacional. Contudo, foi com a promulgação da Lei Agnelo Piva (2001) e com cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Sidney (2000) e de Atenas (2004) que o esporte paralímpico brasileiro recebeu forte impulso para a projeção que tem hoje, mesmo ainda sendo, de certa forma, inferior se comparado com ao futebol e os esportes olímpicos (PARSONS; WINCKLER, 2012).

Mais recentemente, nos Jogos Paralímpicos de Londres, Inglaterra, 2012, o esporte paralímpico brasileiro demonstrou estar se tornando uma potência mundial, pois os atletas retornaram da competição com dezenas de medalhas e a melhor colocação do Brasil na história dos Jogos: a sétima posição no quadro de medalhas (FURTADO, 2012). O resultado positivo da edição faz parte de um planejamento estratégico do CPB que estima alcançar a quinta colocação nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016.

Apesar de, historicamente os atletas paralímpicos terem sido invisibilizados, conseguimos identificar publicações nas quais os atletas paralímpicos brasileiros são protagonistas. Estas publicações são produções com características biográficas, as quais foram escritos por jornalistas. No livro “Guerreiros Paraolímpicos: vida e magia” (2008), Patrícia Osandón descreve as histórias de vida de 28 participantes dos Jogos de Atenas 2004. Furtado (2012), por sua vez, apura histórias de atletas tendo como pano de fundo suas participações nos Jogos de Londres, 2012. Recentemente, Joanna de Assis publicou o livro “Para-Heróis” (2014), no qual a jornalista conta histórias de dez atletas paralímpicos brasileiros medalhistas. As histórias descritas em ambas às publicações enfocam as limitações inerentes às deficiências dos atletas e o processo de superação de dificuldades, mesma situação identificada por Hilgemberg (2014) em estudo sobre reportagens jornalísticas nas quais o foco central era o atleta paralímpico.

No âmbito acadêmico e científico brasileiro, por sua vez, encontramos alguns estudos, entre teses, dissertações e artigos científicos, alicerçados na perceptiva historiográfica, os quais buscam descrever cenários acerca do esporte adaptado e paralímpico brasileiro (ARAÚJO, 1997; COSTA; SANTOS, 2002; FREITAS; CIDADE, 2002; CIDADE; FERREIRA, 2002; MANDARINO, 2003; COSTA; SOUSA; 2004; RIBEIRO; ARAÚJO, 2004; SILVA, 2007; FLORENCE, 2009; MARQUES *et al.*, 2009; LOPES FILHO; FROSI; MAZO, 2010; CARDOSO, 2011; MIRANDA, 2011; BENFICA, 2012; SANT’ANNA; PRATES, 2012; HERBST; MASCARENHAS; SLONSKI, 2013; BORGMAN; ALMEIDA, 2015). No entanto, apenas o estudo de Lopes Filho, Frosi e Mazo (2010), o qual trata de uma pesquisa documental que objetivou reconstruir a participação das atletas paraolímpicas brasileiras nos Jogos de 2008 em Pequim, teve como temática principal a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos.

A participação de atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos já se tornou foco central de diversos estudos (TODT *et al.*, 2006; MAZO; FROSI; MADURO, 2010; MARTINI, 2013; CARMONA *et al.*, 2014; MAZO, 2014; PEREIRA; SILVA; MAZO, 2015), mas não encontramos investigações que enfocassem atletas do estado nos Jogos Paralímpicos. Dessa forma, diante dos cenários apresentados anteriormente e buscando consonância com o projeto “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)” surgiu o seguinte problema de pesquisa: como

ocorreu a participação de atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos de 1984 a 2012?

A escolha pelo grupo de deficientes visuais se deu porque, no processo de identificação de atletas do estado que participaram dos Jogos Paralímpicos, reconhecemos haver certa predominância no número de atletas com esse tipo de deficiência que foram ao evento. O Rio Grande do Sul, desde que o Brasil iniciou sua participação nos Jogos Paralímpicos em 1972, teve apenas dez atletas participando os Jogos, sendo sete deficientes visuais. O quadro a seguir identifica os respectivos nomes desses atletas, o esporte que praticam ou praticaram e as suas participações em Jogos Paralímpicos.

Quadro 1: Atletas paralímpicos deficientes visuais sul-rio-grandenses.

NOME	ESPORTE	CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL	JOGOS PARALÍMPICOS
Alexsander Almeida Maciel Celente	Goalball	B1	Pequim 2008 – Londres 2012
André Luiz Garcia de Andrade	Atletismo	B3	Sidney 2000 - Atenas 2004 Pequim 2008 - Londres 2012
Anelise Hermany	Atletismo	B2	Nova York 1984 - Seul 1988
Guaracy Fernandes	Atletismo	B3	Nova York 1984
Leila Marques	Atletismo	B3	Seul 1988 - Barcelona 1992
Ricardo Steinmetz Alves	Futebol de 5	B1	Pequim 2008 – Londres 2012
Vera Luiza Bergamo	Atletismo	B1	Seul 1988

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

O processo para identificação e mapeamento dos atletas listados no quadro acima nos exigiu diversas visitas as instituições¹² de Porto Alegre e região metropolitana que pudessem, de alguma forma, contribuir com nossa busca. Através destas visitas fomos construindo uma rede informações e de informantes ou futuros informantes para esta investigação. No início, fizemos conversar informais (pessoalmente, por email, telefone ou através de redes sociais) para tentar mapear os atletas. Nessas conversas, às vezes, as pessoas deixam “escapar” nomes de

¹² Centro de Treinamento Esportivo do Estado (CETE), Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS), Associação Gaúcha de Futsal para Cegos (AGAFUC), Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (FUNDERGS), Instituto Santa Luiza, Associação de Cegos Louis Braille (ACELB).

peças ou locais, e, desta forma, fomos identificando a existência de atletas que foram aos Jogos Paralímpicos na década de 1980 e que, até então, não tínhamos registro algum sobre eles.

Com esse levantamento, pudemos identificar que a primeira participação de atletas do Rio Grande do Sul nos Jogos Paralímpicos foi feita por deficientes visuais, nos Jogos de Nova York, Estados Unidos, 1984. Além disso, exceto os Jogos de Atlanta, Estados Unidos, 1996, o estado sempre teve atletas com esse tipo de deficiência nos Jogos Paralímpicos. Então, a partir dessas informações, delimitamos o recorte temporal deste estudo, que vai de 1984 até 2012, ou seja, da primeira à última participação de atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos.

Na realização do presente estudo, mobilizamos como principais fontes de informação as entrevistas com os atletas acima listados, as quais as entendemos como registros de memória (LE GOFF, 2006). No entanto, apenas dois atletas não puderam ser entrevistados: André e Guaracy. O primeiro, atualmente, reside fora do estado e as tentativas de contato não avançaram. O segundo, por sua vez, ainda reside no estado, mas não foi possível o contato. Estas entrevistas seguiram um roteiro prévio¹³, mas, ao mesmo tempo, tinham caráter semiestruturado, possibilitando, assim, a interferência do entrevistador sempre que necessário. As entrevistas seguiram os procedimentos metodológicos estabelecidos pela História Oral (ALBERTI, 2010; MEIHY; HOLANDA, 2007; FERREIRA, 1998; THOMPSON, 1992), os quais indicam que as entrevistas devem ser transcritas e aprovadas pelos entrevistados antes da sua utilização na pesquisa. Cabe salientar que os entrevistados assinaram um termo de consentimento da entrevista autorizando o uso das informações para fins de pesquisa.

Além dos atletas, também entrevistamos outras pessoas que, de alguma forma, contribuíram com informações sobre o campo do esporte para deficientes visuais no Rio Grande do Sul e Brasil. Nessas entrevistas, os roteiros foram diferenciados levando em consideração as particularidades de cada sujeito, pois esses possuem vínculos diferentes com o esporte de deficientes visuais. Abaixo

¹³ Em anexo segue o roteiro e termo de consentimento da entrevista, os quais são mesmos utilizados no projeto “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)”.

segue outro quadro no qual contém o nome desses entrevistados e uma pequena descrição de seus vínculos com do esporte de deficientes visuais.

Quadro 2: Demais sujeitos entrevistados.

NOME	DESCRIÇÃO
Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira (Dodô)	Ex-professor de Educação Física do Instituto Santa Luzia
Carlos Aurélio Machado Gomes	Técnico de goalball do RS
Elizabeth Pedrosa Ribeiro	Ex-professora de Educação Física da Sociedade Esportiva Louis Braille
Ismael Baldissera	Ex-técnico de futebol de 5 do RS
Mario Sergio Fontes (paranaense)	Professor de Educação Física, atleta paralímpico, um dos fundadores CBDV (Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais)
Odilon Fernandes de Souza	Presidente da Associação de Cegos Louis Braille (ACELB), deficiente visual e ex-praticante de esportes

Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Durante o processo de realização das entrevistas e de contato com as instituições, também buscamos recolher materiais (fotos, documentos, atas, recortes de jornais, entre outros) que pudessem nos ajudar a reconstruir o cenário dos esportes de deficientes visuais no estado e participações dos atletas nos Jogos Paralímpicos. Todavia, uma tônica que se fez presente quando perguntávamos se possuíam registros que pudessem disponibilizar de alguma forma, as respostas, em suma, foram a seguinte: “nós não temos registros!”. Acreditamos que isso se deve porque o hábito de registrar, fotografar ou documentar, por vezes, não tinha sentido e/ou significado para o grupo de deficientes visuais, pois não havia atribuição de valor a um documento ou registro de imagem, por exemplo, devido ao fato de não enxergá-los. Essa carência de documentos, de certa forma, serviu para reformar nossa principal fonte de informação, ou seja, as entrevistas com as pessoas que vivenciaram o esporte. Cabe salientar, ainda, que nesta investigação os nomes dos atletas e demais entrevistados são divulgados, pois esses se constituem como sujeitos históricos.

Caracterizamos esta investigação como um estudo historiográfico aportado na História do Esporte¹⁴ (VAMPLEW, 2013), a qual pode ser entendida como um subcampo que dialoga com os campos da História e da Educação Física. Vamplew (2013, p.6) designa a História do Esporte como “a memória esportiva de uma nação”. No entanto, a afirmação anterior não dá conta de representar todo o universo compreendido pela História do Esporte. Cabe referir que, ao tratarmos de História do Esporte, não estamos restringindo as investigações apenas aos esportes em si, tendo em vista que este subcampo abrange a história das práticas corporais (MELO; FORTES, 2010).

Por sua vez, a História do Esporte busca legitimar-se a partir de um campo historiográfico mais recente (datado da segunda metade do século XX), a História Cultural¹⁵, a qual, através da interface com outras ciências, busca investigar grupos “invisibilizados” para preencher lacunas históricas. A História Cultural não desconsidera a história “oficial”, mas, em sua perspectiva, busca entender a “história vista de baixo”, aquela produzida no cotidiano, por grupos minoritários, excluídos, marginalizados, por exemplo. A História Cultural objetiva, ao identificar *práticas* e interpretar *representações*¹⁶ de um tempo não vivido, ir ao encontro de acontecimentos passados, assim construindo uma versão possível da realidade (CHARTIER, 2000; BURKE, 2005; PESAVENTO, 2004). Ao aliarmos a História Cultural à História do Esporte, concordamos com Burke (2005) que afirma o esporte enquanto prática cultural.

Diante de todo o panorama acima apresentado, esta dissertação, após a Introdução, foi estruturada em três estudos independentes, mas interligados. O primeiro estudo, intitulado “Práticas esportivas de deficientes visuais em Porto Alegre, Rio Grande do Sul: indícios de uma história”, tratamos do cenário histórico das práticas esportivas de deficientes visuais na cidade de Porto Alegre, enfocando

¹⁴ No Brasil, por exemplo, a História do Esporte se estabelece através dos diversos pesquisadores da área e seus estudos e, também, pela legitimação do Congresso Brasileiro de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física, que já teve a sua 13ª edição.

¹⁵ A cultura é entendida como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo, além de uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, é carregada de significados e de uma apreciação valorativa (CHARTIER, 2002; PESAVENTO, 2004).

¹⁶ Práticas e representações são os conceitos principais da História Cultural, sendo práticas geradoras de representações e vice versa. Representações são construções psíquicas feitas a partir de uma imagem do real (PESAVENTO, 2004). Por sua vez, práticas são ações “realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo” (BARROS, 2009, p.56).

as instituições que desenvolveram ou ainda desenvolvem os esportes na capital. O segundo estudo, denominado “Atletismo paralímpico sul-rio-grandense: montando um quebra-cabeça (1984-1992)”, descrevemos as participações de atletas paralímpicos sul-rio-grandenses com deficiência visual nas competições de atletismo nos Jogos Paralímpicos de 1984 a 1992, tendo como foco as memórias de três mulheres. O terceiro estudo, intitulado “Nos sons dos guizos: as vozes de dois atletas paralímpicos brasileiros”, abordamos o percurso de dois deficientes visuais do estado do Rio Grande do Sul praticantes de esportes coletivos, capitães de suas seleções e medalhistas nos Jogos Paralímpicos. Após os estudos, são apresentadas as Conclusões e as Referências consultadas, bem como os Anexos.

ESTUDO 1 - PRÁTICAS ESPORTIVAS DE DEFICIENTES VISUAIS EM PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL: indícios de uma história

RESUMO

Este estudo teve como objetivo descrever o cenário histórico das práticas esportivas de deficientes visuais na cidade de Porto Alegre. Para tanto, foram realizadas entrevistas orientadas pelos procedimentos metodológicos da história oral com sujeitos que contribuíram para esse cenário em Porto Alegre e no Brasil, sendo alguns videntes e outros deficientes visuais, algumas fontes documentais também foram utilizadas. A trajetória do esporte para essa população foi iniciada no Instituto Santa Luzia com o futebol e o atletismo na segunda metade do século XX. Posteriormente, as práticas foram apropriadas por outras instituições destinadas aos deficientes visuais e, na década de 1990 o goalball se tornou outra prática dos deficientes visuais da capital.

Palavras-chave: deficientes visuais, história do esporte, goalball, atletismo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A população brasileira com deficiência visual, ao longo da história, tem configurado demandas sociais que o Estado, em certa medida, tem buscado atender, mesmo que de forma morosa e com ações pontuais em diferentes momentos históricos. Recentemente, a lei de cotas e a implantação de piso tátil em espaços públicos demonstram a intervenção do Estado com relação aos deficientes visuais. Todavia, não podemos descartar a existência de ações anteriores. Na segunda metade do século XIX, por exemplo, há a primeira iniciativa no Brasil para a população com deficiência visual através da criação de um instituto de educação dos cegos (MANSINI, 1993). No século XX, novos institutos foram criados no país e esses locais se tornaram espaços para a comunidade deficiente visual brasileira, tanto em termos políticos e sociais, como, também, esportivos (FONTES, 2006).

As práticas esportivas foram introduzidas, principalmente, pela iniciativa dos próprios internos dos institutos. Na capital sul-rio-grandense, que também teve a criação de uma instituição da mesma natureza, não foi diferente e os esportes começaram através dos alunos. Porém, mais tarde, essas práticas extrapolaram os muros do instituto porto alegre e passaram a ser desenvolvidas em outros locais próprios para os deficientes visuais na capital.

Com o intuito de contribuir com os estudos acerca das pessoas com deficiência visual na área da Educação Física e diante desse breve panorama histórico, este estudo tem como objetivo descrever, através da narrativa de sujeitos históricos, a trajetória do cenário das práticas esportivas de deficientes visuais¹⁷ na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A História Cultural, campo historiográfico o qual permitiu que o esporte e as práticas corporais fossem introduzidos como temáticas passíveis de estudo e que, ao mesmo tempo, contribuiu para a emergência da História do Esporte (MELO; FORTES, 2010), se propôs a utilizar uma multiplicidade de novas fontes (PESAVENTO, 2004). Desta forma, os depoimentos orais passaram a se legitimar como fontes de informações e este processo fortaleceu a emergência de outro campo historiográfico: a História Oral. Apesar de certas discussões sobre sua legitimidade enquanto campo, parece ser consensual que a História Oral trata-se de uma metodologia historiográfica (ALBERTI, 2010; MEIHY; HOLANDA, 2007; FERREIRA, 1998; THOMPSON, 1992).

Alberti (1989) afirma que este método de pesquisa “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (p. 1). A História Oral busca conhecer o passado através dos depoimentos de pessoas que vivenciaram este passado e, assim, recorre à memória¹⁸ dos entrevistados para construir uma narrativa acerca dos fatos e acontecimentos. As memórias são histórias “com vida”, próprias de cada pessoa. No entanto, não podemos esquecer que existem memórias coletivas que são comuns a grupos específicos. Segundo Alberti (2010, p. 167), “a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade”.

¹⁷ Neste estudo adotamos a expressão “de deficientes visuais” ao invés de “para deficientes visuais”, pois a segunda faz referência há algo a ser usufruído pelo grupo (quase que de forma passiva) e não como algo próprio do grupo, como revela a primeira expressão.

¹⁸ Roussou (2000, p.94) descreve a memória como “uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado”.

A partir dessa breve descrição, adotamos os procedimentos metodológicos da História Oral, tanto pelas potencialidades do método, como também, devido às dificuldades encontradas na obtenção de outras fontes (documentais e imagéticas) com relação ao meio esportivo dos deficientes visuais no Rio Grande do Sul. Assim, entrevistamos sujeitos que contribuíram, fizeram ou ainda fazem parte do cenário esportivo dos deficientes visuais em Porto Alegre e no Brasil, sendo alguns videntes e outros deficientes visuais: Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira, Anelise Hermany, Carlos Aurélio Machado Gomes, Elizabeth Pedrosa Ribeiro, Ismael Baldissera, Mario Sergio Fontes, Odilon Fernandes de Souza e Vera Bergamo. No decorrer dos capítulos a seguir, iremos apresentá-los e, ao mesmo tempo, trazer as memórias narradas por estes sujeitos. Destacamos que, durante o processo de realização das entrevistas, obtivemos algumas poucas fontes documentais as quais também apresentaremos no texto.

AS PRÁTICAS ESPORTIVAS DE DEFICIENTES VISUAIS EM PORTO ALEGRE

O início das práticas esportivas de deficientes visuais no Brasil está diretamente atrelado aos institutos de educação dos cegos distribuídos pelo território nacional. Os primeiros institutos são oriundos do continente Europeu e datam dos séculos XVIII e XIX, dentre os quais se destaca o Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, na França, a primeira e mais representativa entidade dessa natureza a ser criada e que serviu de modelo para a fundação de outros institutos (FRANCO; DIAS, 2005). O método Braille¹⁹, por exemplo, foi criado por um aluno do instituto parisiense e passou a ser amplamente difundido pelo mundo como sistema de escrita e leitura dos cegos e deficientes visuais severos.

Mansini (1993), em seu estudo sobre a educação de deficientes visuais, comenta sobre a criação dos institutos no Brasil:

A primeira preocupação, no Brasil, com a educação de deficientes, apareceu a 12 de setembro de 1854. O imperador Pedro II baixou o Decreto Imperial nº, 1.428, criando o Imperial Instituto de Meninos Cegos — marco inicial da educação de deficientes visuais no Brasil e América Latina. Após o advento da República esse Instituto passou a

¹⁹Sistema que é baseado em símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos, o qual foi criado por Louis Braille.

denominar-se Benjamin Constant, única instituição encarregada da educação de deficientes visuais no Brasil até 1926²⁰, quando foi inaugurado, em Belo Horizonte, o Instituto São Rafael (p. 61).

Em 1927, um ano após a criação da instituição mineira, foi fundado o Instituto para Cegos Padre Chico em São Paulo (MATARUNA *et al.*, 2006) e, anos mais tarde, em 1941, o Instituto Santa Luzia na cidade de Porto Alegre, que na época foi batizado de Instituto Santa Luzia de Assistência aos Cegos. Cabe destacar que houve a criação de outros institutos no país durante o século XX, porém com menor expressão e representatividade (FRANCO; DIAS, 2007).

Os institutos²¹ brasileiros funcionavam como escolas que atendiam crianças e jovens do estado ou região onde estavam instalados, sendo instituições filantrópicas que normalmente sobreviviam da caridade de doadores. No século XIX e durante grande parte do XX, prevalecia uma visão assistencialista nas ações dos institutos, como forma de atender as necessidades básicas (alimentação e moradia) dos internos, bem como, a educação básica e o ensino do método Braille. A partir da segunda metade do século XX, principalmente, os alunos dos institutos começaram a ser preparados para a vida fora destes espaços, fazendo treinamentos de orientação e mobilidade para melhorar a forma de se deslocarem em ambientes urbanos, além de receberem cursos práticos e profissionalizantes para auxiliar a inserção no mercado de trabalho. Nesta mesma época, as práticas esportivas se tornaram mais evidentes nesses locais (MATARUNA *et al.*, 2006).

O instituto sul-rio-grandense, o Santa Luzia, nasceu por iniciativa da imigrante italiana Lydia Moschetti, uma mulher da alta sociedade porto-alegrense que dedicou grande parte de sua vida as ações de caridade²², criando diversas entidades com fins assistenciais, além de ter sido uma das pioneiras na inserção das mulheres no campo das artes e literatura na capital (PETRÓ, 2012). Em 1942, Lydia doou o instituto à congregação católica Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente

²⁰ O Instituto de Cegos Antônio Pessoa de Queiroz de Recife, Pernambuco, foi fundado em 1909, ou seja, foi a segunda instituição dessa natureza a ser criada no país, mas devido a sua vinculação com a Santa Casa de Misericórdia da cidade sua existência foi despercebida.

²¹ Os institutos ainda estão em funcionamento, porém muitos tiveram que ser reestruturados, ou melhor, adequados para atender as novas demandas da sociedade brasileira a partir das últimas décadas do século XX.

²² Entre suas obras, destaca-se, além do instituto, o Hospital Banco de Olhos de Porto Alegre, referência em tratamentos oftalmológicos.

de Paulo²³, mesma entidade que já administrava o Instituto Padre Chico em São Paulo.

No início, o Instituto Santa Luzia se localizava no Bairro Centro da capital e atendia um número pequeno de pessoas. Após receber a doação de um terreno da prefeitura, na década de 1950, o panorama se modificou e o instituto passou a ser um centro de referência na educação de deficientes visuais no sul do país. Com a nova estrutura os atendimentos feitos pelo instituto, principalmente no regime de internato, aumentaram (HISTÓRIA, 2015). Cabe destacar que muitas das pessoas atendidas vinham do interior do estado e de estados como Santa Catarina e Paraná. Além disso, suas idades eram as mais diversas: desde crianças de colo até adolescentes e adultos.

O Sr. Odilon Fernandes de Souza²⁴ comentou a sobre de troca de sede e funcionamento do Instituto Santa Luiza:

Eles vieram da Avenida Independência, lá era cego e surdo. [...] não deu certo, daí eles ganharam um terreno onde é o DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito) hoje, na Avenida João Pessoa. Mas por interesse de não sei quem, eles trocaram para onde está o Santa Luzia atualmente, na Avenida Cavahada. Lá ficou só cego, ficando segregado. Cego casando com cega, fazendo mais cego. Mas tem um lado bom, como não tinha nada no interior do estado, era ali que eles aprendiam. Muitos permaneciam no instituto [...], porque eles moravam ali e tinham toda uma infraestrutura para estudar. Então, se tornou mais fácil, tinham casa, comida, roupa lavada e estudo de boa qualidade. Tinha música, artesanato, tudo, tudo! Aí, como eles saíram dali?! Queriam sair na verdade, mas na época eles ficavam lá até morrer.

Assim, o ambiente do instituto permitia que o grupo de deficientes visuais se organizasse enquanto uma comunidade e começasse a construir uma identidade cultural (ASSMANN, 1995), a qual foi manipulada e configurada através das práticas e representações (PESAVENTO, 2004) comuns ao grupo que vivia na instituição.

Nessa época, as práticas esportivas se faziam presentes nas aulas de Educação Física, bem como através de iniciativas espontâneas dos próprios internos, que utilizavam latas ou bolas envoltas em sacolas plásticas para jogar futebol nos corredores, pavilhões e dependências do instituto. Freire e Conrado

²³ Hoje conhecida com a rede Vicentina de Ensino.

²⁴ Atual presidente da Associação de Cegos Louis Braille (ACELB), deficiente visual e ex-praticante de esportes.

(2014) revelam que isso foi uma prática comum em outros institutos, como no Bejamin Constant e no Padre Chico, que também tinham o regime de internato. Podemos identificar essa situação no depoimento do Prof. Mario Sergio Fontes²⁵:

[...] o futebol que teve as suas primeiras manifestações dentro dos institutos, porque os cegos queriam participar. Eles sabiam que existia o futebol, conheciam o futebol ou viam o futebol e começaram a jogar futebol, até mesmo, com qualquer objeto que fizesse barulho. Hoje nós temos uma bola com guizo a partir de projetos mais recentes, mas naquele momento, lá, na década de 50 e 60 se jogava futebol com alguma coisa que fazia barulho, uma lata, por exemplo. Então isso aconteceu, a verdade é que o desporto de cegos nasceu dos cegos.

Ou seja, as comunidades de deficientes visuais dos institutos se apropriaram de uma prática esportiva identificada com a nação brasileira, através das representações culturais acerca da modalidade, re-significando (CERTEAU, 2008) o futebol dos videntes por meio de estratégias diversas e adaptações para praticá-lo, criando assim uma nova prática.

Até meados da década de 1960, a única entidade sul-rio-grandense destinada especificamente aos deficientes visuais era Instituto Santa Luzia. Com o passar dos anos, muitos alunos continuaram morando na instituição, mesmo tendo terminado suas formações, outros continuaram morando na capital e alguns retornaram às casas de seus familiares. Parte do grupo que permaneceu em Porto Alegre, após identificar dificuldades para a entrada no mercado de trabalho e para realizar outras atividades básicas e essenciais da vida diária, as quais não foram adaptadas à vida não vidente, e também por entenderem a necessidade de se representarem enquanto grupo social, fundou a Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS). Criada no dia 20 de outubro de 1967, com sede no Bairro Centro da capital, esta entidade filantrópica contou com número expressivo de associados-fundadores²⁶ chegando a quase 100 pessoas na ocasião (HISTÓRICO, 2015). A

²⁵ Deficiente visual paranaense, professor de educação física, atleta paralímpico, um dos fundadores da ABDC (Associação Brasileira de Desporto para Cegos), atual CBDV (Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais), e um dos grandes militantes e incentivadores dos esportes de deficientes visuais no país.

²⁶ Entre eles estava Lydia Moschetti, que também foi homenageada pela associação. No art. 55 de seu estatuto há o reconhecimento da homenagem, que descreve o seguinte: “fica eleita, enquanto a ACERGS existir, a senhora Lydia Moschetti como único patrono da entidade, num justo preito de reconhecimento pelos seus relevantes serviços prestados à humanidade, em especial, à causa dos cegos” (ASSOCIAÇÃO DE CEGOS DO RIO GRANDE DO SUL, 2012).

filiação à ACERGS tornou-se, então, um caminho espontâneo para os ex-alunos do Instituto Santa Luzia. Ainda em funcionamento,

[...] a entidade tem por finalidade prestar um serviço de assistência social para os deficientes visuais que passam por necessidades, distribuindo cestas básicas, consultas a oftalmologistas, dentistas, psicólogos e psiquiatras (principalmente para aqueles que perdem a visão depois de adultos), cadastrando-os para a obtenção de passe livre nos ônibus e buscando capacitá-los e qualificá-los para a obtenção de empregos (TOLEDO; ECKERT, 2003, p.14).

A ACERGS foi criada para atender os deficientes visuais nas suas necessidades fora do ambiente institucional; mediar e auxiliar o acesso e inserção dos associados ao mercado de trabalho; vender “quinquilharias” utilizadas no cotidiano da vida doméstica; comercializar bilhetes de loteria para a revenda. Toledo e Eckert (2003), em um estudo narrativo sobre o trabalho de deficientes visuais ambulantes, identificaram que a revenda de bilhetes de loteria ainda é uma prática comum entre os deficientes visuais de Porto Alegre, sendo para muitos a principal fonte de renda.

Fundada e administrada por deficientes visuais, a ACERGS estabeleceu como objetivo principal a promoção de atividades de assistência social e o esporte não foi uma prática cultural apropriada pela instituição logo no início. Contudo, alguns associados percebiam a necessidade de se praticar esporte como uma forma de lazer e socialização. A fim de suprir esta demanda pela prática esportiva, Antônio Quaresma da Silva e Wenceslau Antônio Padilha, ambos associados à ACERGS na época, em cinco de maio de 1973, fundaram a Sociedade Esportiva Louis Braille (SELB).

Acerca da criação da SELB, Odilon comenta que membros da ACERGS “reuniram um grupo que queria fazer esporte, porque até então eles jogavam, mas [...] queriam ter uma coisa mais estruturada. Como a ACERGS era voltada para outras coisas, eles fundaram essa associação que seria só de esporte”. Como forma de afirmar a identidade cultural da sociedade, de acordo com sua ata de fundação, foi proposta uma programação oficial para o dia seguinte a sua fundação, a qual foi composta por, “às 9:30 horas, Batismo Oficial, com uma partida de futebol de salão, jogada pelos associados cegos” (SOCIEDADE ESPORTIVA LOUIS BRAILLE, 1973), além da leitura do estatuto, a posse da diretoria e o churrasco de confraternização.

Essa sociedade passou por algumas rupturas que fizeram com que a sua identidade fosse negociada e renegociada até se perder sua finalidade original, ou seja, a promoção das práticas esportivas de deficientes visuais. Isto é evidenciado, especialmente, nos momentos que sucedem as alterações na denominação da entidade. Odilon revela que

[...] trocaram o nome de Sociedade Esportiva Louis Braille, para Sociedade Louis Braille, porque tinha que fazer assistência social e a ACERGS não queria fazer isso para ele. Então, trocaram o nome para Sociedade Louis Braille, tiraram o esportiva, mas continuaram a fazer esporte [...] Aí, em 1995, eu vim pra cá como dirigente e disse que nós tínhamos que trocar de novo esse nome, porque ligavam para cá e não sabiam o que significava. Tinha que colocar o cego no nome e virou Associação de Cegos Louis Braille (ACELB), que é o que está até hoje. Então sofreu três mudanças no nome e também mudou o perfil a cada hora, começou com o esporte, misturou com a assistência social e agora trouxemos o projeto da Casa-Lar do Cego Idoso.

A escolha pela última mudança ocorreu em virtude de que “a rede normal de asilos não aceita a pessoa com deficiência na rede, então achamos que tínhamos que ter nossa própria casa”, revela Odilon.

A criação da SELB nos remete a um fenômeno sociocultural visivelmente presente no cenário porto-alegrense entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX no reduto dos clubes étnicos da capital: o associativismo esportivo. Silva e Mazo (2015, p.384) o entendem como algo além de “uma estrutura de sociabilidade entre indivíduos que se interessam por esporte, é um ambiente onde se dá sentido ao mundo por meio de representações construídas e expressas neste local” e, ao mesmo tempo, um espaço para afirmar a identidade cultural do grupo através de suas práticas (PESAVENTO, 2004). Assim, a criação da SELB foi, de certa forma, uma apropriação do modelo associativo para o esporte já existente na capital, porém sem perder suas características singulares e próprias que configuravam uma identidade ao grupo de deficientes visuais. O nome da entidade, contendo do “Louis Braille”, e a prática do futebol adaptado, são, por exemplo, elementos significativos para afirmar essa identidade cultural.

Ambas as instituições, o Instituto Santa Luzia, a ACERGS e a antiga SELB, são as principais entidades responsáveis pelo desenvolvimento das práticas esportivas de deficientes visuais no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, outras entidades da capital também promoveram o esporte, mesmo que durante períodos

curtos, caso, por exemplo, da Associação de Cegos do CETE²⁷ (ACCETE) e o Centro Louis Braille²⁸. Além dessas, mais recentemente, em 2011, outra entidade somente com fins esportivos foi fundada, Associação Gaúcha de Futsal para Cegos (AGAFUC).

Cabe ainda um adendo acerca das associações esportivas ou não de deficientes visuais. Entidades criadas por deficientes carregam em seus estatutos uma representação identitária a qual assegura que somente pessoas com deficiência visual poderão assumir cargos de presidência e vice-presidência das respectivas instituições. Na atual ACELB, antiga SELB, o capítulo 8º traz a seguinte descrição: “as respectivas presidências e vice-presidência deverá ser ocupada por pessoas com deficiência visual” (ASSOCIAÇÃO DE CEGOS LOUIS BRAILLE, 2011). Odilon estabelece o seguinte comentário ao revelar essa informação:

[...] em todas as associações, inclusive nessa, têm um artigo no estatuto que preserva que o presidente e o vice, de qualquer conselho, tem que ser cego. Isso é para não perder a característica de cego. Porque senão se transforma no Santa Luzia: para cegos, para eles. Não seria deles.

Isto se repete em outras entidades nacionais, como no artigo 56º do estatuto da CBVD, onde está escrito que “os cargos de presidente e de secretário geral apenas poderão ser ocupados por pessoas com deficiência visual” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS, 2014). Isto, de certa forma, é uma maneira de afirmar a identidade da instituição e das pessoas filiadas a ela.

REMINISCÊNCIAS DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: o atletismo, o futebol e o goalball

O futebol foi a primeira prática esportiva a ser apropriada pelos deficientes visuais no Brasil e no Rio Grande do Sul. A princípio com adaptações rudimentares para o seu desenvolvimento, fosse colando tampas de garras em bolas ou as envolvendo em sacolas plásticas ou mesmo utilizando outros materiais como latas

²⁷ Centro de Treinamento Esportivo do Estado.

²⁸ Escola estadual hoje extinta destinada ao ensino de deficientes visuais, a qual era a Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (FADERS).

que emitsem sons (FONTES, 2006; MATARUNA *et al.*, 2006; FREIRE; MORATO, 2012; FREIRE; CONRADO, 2014).

A primeira competição esportiva entre deficientes visuais no país de que se tem registro foi nas dependências do Instituto Santa Luzia. O Prof. Mario Sergio revelou que “[...] na década de 70, a primeira manifestação de um encontro entre entidades de cegos aconteceu em Porto Alegre. Lá no Instituto de Santa Luzia com a participação de equipe do Mato Grosso, de São Paulo”. Anelise Hermany²⁹, na época interna do instituto, mencionou que a iniciativa foi apoiada pelas irmãs³⁰ e que a realização de tal evento foi representativo para os alunos internos.

Nossa! Elas [as irmãs] abriram as portas, em 74, para o pessoal de Minas, Mato Grosso e, acho, talvez, São Paulo. Foram as primeiras “Olimpíadas”, que na verdade eram Jogos. Foi uma repercussão muito grande.

Não se tem registro ao certo sobre quais esportes foram praticados no evento, mas o futebol entre deficientes visuais foi um deles (FREIRE, CONRADO, 2014). Nessa mesma década os deficientes visuais conseguiram introduzir o seu futebol nos Jogos das APAEs (Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais), em Natal, Rio Grande do Norte (FONTES, 2006). Essas e outras iniciativas posteriores, entre o final dos anos de 1970 e a primeira metade dos anos 1980, foram essenciais para organização de entidades esportivas dos deficientes visuais no país. Outros fatores que contribuíram nesse cenário foram mobilizações de pessoas como o Prof. Mario Sergio Fontes da ADEVIPAR³¹, Aldo Miccolis da ANDE³² e Wenceslau Antônio Padilha da SELB.

Se não me engano, no dia 17 de janeiro de 1981, aqui em Curitiba, num chamado Parque Castelo Branco que é um centro de exposições, me reuni com o senhor Aldo e com uma pessoa do Rio Grande do Sul, chamada Wenceslau Padilha, hoje já falecido. Era um deficiente visual, que estava em Curitiba também por conta de um torneio. [...] Enfim, Aldo Miccolis, eu Mario Sérgio, e o senhor Wenceslau Padilha conversamos e naquele minuto foi que se deu o primeiro passo para a criação da ABDC, Associação Brasileira de Desporto para Cegos, mais tarde criada em 1984. Mas o princípio, a ideia de se criar uma organização desportiva que dirigisse os

²⁹ Primeira mulher brasileira a ser medalhista nos Jogos Paralímpicos, na edição de Nova York, Estados Unidos, 1984.

³⁰ Palavra utilizada para fazer referência às freiras.

³¹ Associação dos Deficientes Visuais do Paraná.

³² Associação Nacional de Desporto para Excepcionais, atual Associação Nacional de Desporto para Deficientes.

destinos do desporto de cegos do Brasil, nasceu exatamente naquele minuto [...] De lá pra cá, nós começamos a organizar os campeonatos e torneios que deram origem até a própria fundação da associação em 84.

Allen Guttmann (1978) chamaria de burocratização do esporte moderno esse processo de criar instituições a fim de organizar e gerir as práticas esportivas. De acordo com sua teoria, para diferenciar uma prática primitiva de um esporte moderno algumas características são necessárias, são: a secularização, a especialização de papéis, a igualdade, a racionalização, a burocratização, a quantificação e a busca por recordes. A modernização de esportes praticados por pessoas sem deficiência data, principalmente, a segunda metade do século XIX e a primeira do XX. A segunda metade do século XX, período após a II Guerra Mundial, marca o início das práticas esportivas de pessoas com deficiência (PARSONS; WINCKLER, 2012) e muitas destas surgem modernas ou a caminho de sua modernização por serem, na sua maioria, adaptações de esportes já existentes.

Além do futebol “improvisado” a princípio, que veio a ser tornar prática regular nas aulas de Educação Física ou em ambientes fora do horário de aulas, as novas instalações da década 1970 possibilitaram a apropriação das práticas de atletismo e ginástica nas dependências do Instituto Santa Luzia. Anelise lembra que o Prof. Bruxo³³ foi o responsável pela inserção do atletismo e lembra-se de algumas adaptações que eram necessárias para que a prática ocorresse.

Ele [o Bruxo] começou e com a gente. Não tinha como correr, não tinha pista, nem nada. Era uma reta, eu nunca esqueço. Eles esticaram uma corda de náilon e colocaram rolos de papel e corríamos todos na corda e marcávamos pelo tempo. [...] O salto em altura era com areia. Nós tínhamos dois ferros, um de cada lado, amarrávamos os elásticos e íamos subindo e saltando. A gente improvisava tudo, era muito legal.

Em 1976, o Prof. Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira, o Dodô como é conhecido, assumiu o lugar do Prof. Bruxo na instituição. Além dele, o instituto também contava com a Profa. Mirta Rodrigues Pereira. Dodô revela que não havia preparo para trabalhar com deficientes visuais.

O primeiro ano foi difícil porque eu ia dar aula para cegos e eu queria ficar na frente, demonstrando o exercício, mas o cara não enxerga, como eu vou demonstrar?! [...] tu fazes o exercício e os alunos estão

³³ Não foi possível identificar o nome completo do professor.

olhando, né? Com o cego não tem comunicação gestual, é só falando com eles, em relação ao corpo deles, esquerda, direita, à frente e atrás.

Mas aos poucos foi se adaptando e entendendo como era o processo de ensino para deficientes visuais. Dodô também era o responsável pela equipe de futebol e de atletismo dos meninos, enquanto Mirta treinava as meninas. O trabalho de ambos os professores realizado no instituto começou a repercutir de forma positiva e, em 1979, o Instituto Santa Luzia foi convidado para fazer uma demonstração e participar de jogos na Argentina.

O Jornal Folha da Tarde³⁴, na época, divulgou uma matéria destacando a futura participação do instituto em terras argentinas, onde os jogos seriam realizados no campo do *River Plate*. Segundo as informações do periódico, tal convite havia sido feito porque a Educação Física para cegos no Brasil estava bastante desenvolvida e eles gostariam de sensibilizar o governo argentino com relação aos Jogos Paralímpicos que aconteceriam na Holanda no ano seguinte. Porém, o evento acabou não ocorrendo.

Além disso, a reportagem traz um trecho da entrevista com o Prof. Dodô, na qual ele destaca o apoio de bancos e peculiaridades do treinamento de cegos: “nós ficamos na ponta da cancha batendo palmas para que eles se orientem e andem em linha reta” (CEGOS VÃO..., 1979). Outro destaque foi seguinte: “mostrando o que um cego pode fazer em atletismo e ginástica, os 19 alunos [...] pretendem trazer medalhas e troféus da Argentina” (CEGOS VÃO..., 1979). Tal trecho elucida uma representação bastante comum no meio esportivo quanto às pessoas com deficiências, a de que fazer esporte é uma forma de superar as limitações corporais.

³⁴ Jornal da capital sul-rio-grandense que circulou entre os anos de 1936 e 1984.

Imagem 1 - Aula de atletismo no Instituto Santa Luzia.



Fonte: Jornal Folha da Tarde (02/07/1979).

Vera Bergamo³⁵ também comenta sobre os jogos.

O Santa Luzia recebeu um convite para ir à Argentina fazer uma demonstração de atletismo. A Mirta fez uma espécie de seleção conosco, uns testes para ver quem tinha condições de fazer alguma coisa dentro do atletismo e eu fui uma das que entrei nesta turma. Ela me treinou, na época, para fazer 100 metros, salto em altura e salto em distância, eu acho. Não, na verdade era só 100 metros e salto em altura. Eu treinei, nós fizemos toda aquela função, depois no fim eles cancelaram tudo na Argentina e nós acabamos não indo.

Apesar do não acontecimento do evento argentino, no mesmo ano, em outubro, ocorreu as 1ª Olimpibis³⁶ ou Olimpíadas de Deficientes Visuais no estádio do Pacaembu em São Paulo e o Instituto Santa Luzia levou representantes no atletismo e futebol. O Instituto Santa Luzia conquistou “o título de campeão em atletismo e vice-campeão no futebol de salão, ganhando ao todo 56 medalhas” (CEGOS..., 1980). Vera estava entre os atletas e revela que na competição também havia adaptações para que a prática do atletismo ocorresse, existindo, na época, uma prova de 50 metros.

³⁵Também interna do Instituto Santa Luzia participante dos Jogos Paralímpicos de Seul, Coréia do Sul, 1988.

³⁶ O evento foi denominado Olimpibis por ter sido promovido pelo Instituto Brasileiro de Integração Social (IBIS).

[...] ainda não existia muita tecnologia, ninguém tinha conhecimento para fazer os treinamentos ou para competir. [...] Na verdade era assim em todas as corridas que aconteceram lá, nós não tínhamos guias como se usa atualmente, era uma corda que eles colocavam na pista. Eles fixavam duas estacas, no início e no final dos 100 metros, por exemplo, e nós pegávamos outra cordinha na mão que deslizava sobre aquela corda que estava estendida ali na pista. Assim, nós íamos correndo por aquela cordinha. Nos guiando por aquela cordinha. Só que como se pegava com a mão esquerda, então, tu ficavas com o braço esquerdo parado e só podias movimentar o direito.

Hoje essas alterações são praticamente inaceitáveis no campo esportivo, todavia, naquele momento, foi a forma utilizada para que os deficientes visuais pudessem participar e competir no atletismo. Assim, estas práticas esportivas adaptadas foram manifestações de representações apropriadas pelos grupos para o desenvolvimento do atletismo no seu meio. Além disso, havia ainda certa dificuldade quanto às padronizações em âmbito nacional das provas de atletismo nas competições de deficientes visuais devido à falta de intercâmbio e interlocução com outros países.

A década de 1980 marca um período propício para o desenvolvimento do esporte de deficientes visuais no Rio Grande do Sul e Brasil, tendo o atletismo e o futebol como as principais práticas. O esporte era amador e sobrevivia por meio da iniciativa dos próprios deficientes visuais e de pessoas e profissionais da área da Educação Física vinculados ao meio. Além do Instituto Santa Luzia, a ACERGS, o Centro Louis Braille³⁷ e a SELB, que modificou seu nome para Sociedade Louis Braille (SOLB) em 1985, passaram a desenvolver o atletismo neste período.

Em 1980, o Instituto Santa Luzia conseguiu pela primeira vez inscrever alguns alunos para participar de uma corrida de rua promovida pelo SESI (Serviço Social da Indústria). Tal evento foi destaque no Jornal Folha da Tarde com a seguinte chama “Cegos esperam novas oportunidades. Tudo pela Integração” (CEGOS..., 1980). Na reportagem a irmã responsável pela coordenação pedagógica na época revela que “o cego é apenas um deficiente visual, e não só pode praticar esportes como deve fazê-lo. O esporte deve apenas ser adaptado a suas dificuldades” (CEGOS..., 1980).

³⁷ Escola do estado do Rio Grande do Sul a vinculado a atual FADERS (Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul) que atendia deficientes visuais, promovendo cursos de orientação e mobilidade, o ensino do Braille, entre outras práticas.

Esta competição foi apenas o pontapé inicial para que os alunos deficientes visuais do Instituto Santa Luzia e das outras instituições começassem a participar de corridas de rua.

No ano Internacional da Pessoa Deficiente (1981), em comemoração ao aniversário de 40 anos do Instituto Santa Luzia, foi promovida a I Rústica de Deficientes Visuais na cidade de Porto Alegre, no dia 19 de setembro, organizado pelos professores Dodô e Mirta. Além disso, o evento fez parte do calendário esportivo da Federação Atlética Riograndense (FARG). O evento tinha o percurso de quatro quilômetros e contou com a participação de mais de 60 deficientes visuais (CEGOS..., 1981) entre atletas do próprio instituto e das outras entidades da capital. Para que os deficientes visuais pudessem competir nas provas de rua, Dodô revelou que eles corriam em dupla, “um segurando o braço do outro, o que não é fácil”. Normalmente as duplas eram formadas por um aluno totalmente cego e um guia de baixa visão ou um vidente convidado. Essa foi outra adaptação necessária para que a já apropriada prática das corridas rústicas fizesse parte do campo esportivo dos deficientes visuais de Porto Alegre.

Imagem 2 - Certificado de participação da 1ª Rústica de Deficientes Visuais.



Fonte: Acervo pessoal do prof. Dodô.

Como já havia movimentos de organização das práticas esportivas de deficientes visuais no Brasil e as instituições do Rio Grande do Sul mostravam interesse em promover o esporte, em 1982 a capital sediou o II Torneio Sul-

Brasileiro de Deficientes Visuais. A competição contou com o futebol e as provas de atletismo e, provavelmente, de natação e de xadrez também, outras práticas comuns entre os deficientes visuais na época. O atletismo e o futebol foram disputados nas dependências do Parque Ramiro Souto, o qual se localiza dentro do Parque Farroupilha ou Parque na Redenção, próximo ao bairro Centro de Porto Alegre. Anelise relembra a competição como um marco para sua carreira esportiva:

Em 82, eles fizeram os jogos lá na Redenção. Nós participamos e dali foi, começamos a treinar e daí eu gostei da coisa, treinar para competição mesmo. Comecei a dar valor, ter vontade mesmo de treinar e competir.

O Prof. Mario Sergio ressalta a importância do torneio como uma forma de mobilização acerca da criação de uma entidade nacional e descreve como o próprio foi realizado.

[...] esse torneio já foi maior, porque nós fizemos um torneio sul brasileiro e já nascia a ideia de se criar a associação brasileira. Já se falava pelo Brasil a fora. Então esse torneio sul brasileiro foi um torneio recheado de grupos, de equipes que não eram só do sul. Participou o pessoal do Rio Grande do Sul através da SOLB, do Santa Luzia, ADEVIPAR, participou Santa Catarina com o AJIDEVI [Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais] de Joinville que já tinha sido fundada também. Não! A AJIDEVI acho que foi em 83, perdão. Em 82, quem participou foi a ACIC [Associação Catarinense para Integração do Cego], aquela de Florianópolis, e vieram também equipes do Rio de Janeiro e do Espírito Santo.

Enquanto o Instituto Santa Luzia realizava os treinamentos de seus alunos nas dependências e no entorno da instituição, os alunos do Centro Louis Braille utilizavam o Parque Ramiro, com a orientação da Profa. Elizabeth Pedrosa Ribeiro e do Prof. Airton Jordani Jardim³⁸. A Profa. Elisabeth revelou que

[...] fazia atendimentos individuais aos alunos da escola e, por vezes, os levava para caminhar na Redenção e eles como começaram a gostar. Como eu também gostava do atletismo, começamos a fazer treinamentos: corridas, saltos [...] Primeiro participamos de corridas de rua aqui em Porto Alegre e depois e outras competições de atletismo aqui e fora daqui: Minas, São Paulo.

³⁸ Além desses professores, alguns entrevistados destacaram a atuação de outra pessoa junto às equipes de atletismo de deficientes visuais de Porto Alegre: o “Joca”. Ele não era professor de Educação Física, mas, sim, um entusiasta e conhecedor do esporte, trabalhando voluntariamente nas equipes de atletismos, como guia e/ou treinador. Infelizmente não conseguimos identificar seu nome completo, porém soubemos de seu falecimento no início dos anos 2000.

Após o término dos estudos no Instituto Santa Luzia, alunos que ainda queriam continuar vinculados ao esporte buscavam a equipe do Centro Louis Braille, como foi o caso de Anelise Hermany e Vera Bergamo. Em 1985, aconteceu uma espécie de seleção dos atletas do Instituto Santa Luzia, do Centro Louis Braille e da ACERGS para formarem o Grêmio Estudantil Esportivo Louis Braille (GEELB) e assim participar dos V Jogos Sul-Brasileiros de Deficientes Visuais que aconteceu em São Paulo. Essa nova equipe sul-rio-grandense, formada pela seleção de atletas, sagrou campeã do torneio, seguida pela ADEVIPAR do Paraná e da SOLB também do Rio Grande do Sul (GEELB..., 1985).

Imagem 3 - Equipe sul-rio-grandense campeã dos V Jogos Sul-Brasileiros de Deficientes Visuais.



Fonte: Jornal do Comércio (24/07/1985).

Nos anos seguintes o atletismo sul-rio-grandense continuou tendo representatividade no cenário brasileiro, tanto que as atletas Vera Bergamo, Leila Marques e Anelise Hermany, que já não treinava mais no estado e já era a primeira mulher a ter conquistado uma medalha em Jogos Paralímpicos na edição anterior, foram aos Jogos de Seul, Coréia do Sul, em 1988. Leila repetiu o feito indo aos Jogos de Barcelona em 1992. Durante esse tempo, algumas pessoas continuaram treinando, outras trocaram de entidade, alguns profissionais pararam de trabalhar com os deficientes e, assim, houve, paulatinamente, um processo de enfraquecimento da prática de atletismo entre os deficientes a partir da década de 1990.

O período entre final da década de 1980 e início dos anos de 1990, marca a vinda de duas novas práticas esportivas coirmãs à comunidade deficiente visual de

Porto Alegre: o torball e o goalball³⁹, sendo a Profa. Lia Teresinha Hoffmann⁴⁰ uma das principais responsáveis pela prática de ambas as modalidades para o estado. Esta professora também trabalhou o atletismo com deficientes visuais, principalmente na década de 1990. Carlos Aurélio Machado Gomes⁴¹ revelou que na época que conheceu o trabalho da Profa. Lia “ela não fazia goalball, ela fazia torball, que é um esporte parecido com goalball. Mudou para goalball mais adiante, mais ou menos quando eu comecei a me juntar com o grupo, no ano seguinte”, isto por volta de 1994. O Prof. Mario Sergio comentou que “o Torbal, na verdade, nunca chegou no Brasil. Ele passou por aqui muito rapidamente, mas acabou não se estabelecendo”.

O goalball, enquanto uma novidade esportiva, foi rapidamente apropriada pelos deficientes visuais da capital, sendo, por exemplo, em pouco tempo, praticada como modalidade esportiva nas aulas de Educação Física Santa Luzia. Como foram poucas as entidades que promoveram o esporte, isto facilitou que todos os praticantes se conhecessem e formassem uma espécie de grupo do goalball. Para que esse grupo mantivesse ativa a prática do goalball, a partir do final dos anos 1990, passou a se vincular a diferentes instituições em anos distintos. Fosse devido a algum auxílio ou pelo empréstimo de espaço para treinos. Carlos Aurélio comentou que “A equipe leva o nome da entidade que ela representa. No Grêmio⁴², era Grêmio, no Santa Luzia era Instituto Santa Luzia, ISL, porque nós usávamos a sigla. ACERGS era “ACERGS”. [...] A equipe leva o nome da entidade.” Dessa forma, percebemos que, para este grupo, existe uma representação identitária e de pertencimento relacionada à modalidade e não as entidades que representaram.

Paralelamente, o futebol não deixou de ser praticado. No Instituto Santa Luzia ele era praticado nas aulas de Educação Física e em momentos extraclasse. Fora dos muros do Instituto o futebol estava mais associado a uma prática de lazer. Odilon lembra que na SELB, então SOLB, o futebol “era mais fraco e praticado por uma velharada, que só queria se divertir”. O futebol passou a ser levado a sério “quando nós nos organizamos mesmo para conquistar medalhas, foi quando fomos

³⁹ Ambos são esportes parecidos e criados especificamente para a prática de deficientes visuais, porém o goalball faz parte do programa paralímpico e, por isso, foi mais difundido.

⁴⁰ Professora do estado do Rio Grande do Sul cedida para ministrar aulas de educação física para deficientes no CETE.

⁴¹ Professor de educação física e treinador de goalball de equipes sul-rio-grandenses.

⁴² Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

todos para a ACERGS”. Em 1995, a SOLB fechou seu departamento de esportes e, neste mesmo ano, trocou sua identidade para ACELB, passando a atender o deficiente visual idoso. Assim, apenas a ACERGS manteve a prática do futebol de forma competitiva e, em 1999, a equipe figurou entre as três melhores da Copa Brasil de Futebol de Cinco. Feito que foi superado em 2005, com a conquista do título (FREIRE; MORATO, 2012).

A ACERGS continuou figurando entre as melhores equipes do Brasil e, em 2010, sagrou-se vice-campeã da competição nacional (FREIRE; CONRADO, 2014). No entanto, após a competição, devido a conflitos de interesse entre os atletas e a instituição, houve o desmembramento da equipe de futebol, originando assim a AGAFUC, única instituição sul-rio-grandense puramente destinada ao esporte de deficientes visuais em atividade (BALDISSERA, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas esportivas para deficientes visuais na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, estão diretamente vinculadas às instituições criadas para atendê-los no âmbito da educação ou fundadas pelos próprios deficientes visuais com fins puramente esportivos ou não. Os esportes, especialmente o futebol e o atletismo, foram apropriados pelos deficientes com adaptações rudimentares para que suas práticas ocorressem. O Instituto Santa Luzia tem papel de destaque nesse cenário por ser a primeira instituição para deficientes visuais do Rio Grande do Sul, onde se manifestaram e devolveram as primeiras práticas esportivas. Em 1973, um grupo de deficientes visuais oriundo do instituto e da ACERGS fundou uma associação apenas com fins esportivos, a Sociedade Louis Braille, que no decorrer do tempo foi modificando sua identidade até perder sua essência esportiva.

A década de 1980 é marcada pela participação de deficientes visuais sul-rio-grandenses em competições de locais (corridas de rua, por exemplo), nacionais e internacionais. O Centro Louis Braille se destacou na formação de atletas para o atletismo, realizando seus treinamentos, principalmente, nas dependências do Parque Ramiro Souto. Na década de 1990, observamos um declínio do atletismo e a ascensão do goalball, que configurava como uma nova prática no cenário dos esportes para deficientes visuais. Ao mesmo tempo, o futebol passou a ser levado

mais a sério, sendo formada uma equipe competitiva pela ACERGS, que posteriormente deu origem a AGAFUC.

Este estudo valoriza e potencializa a memória como fonte de informação, tanto devido à falta de registros, como também, por ser uma forma de preservar as narrativas de sujeitos históricos do cenário esportivo dos deficientes visuais em Porto Alegre. Todavia, limita-se por não abarcar um número maior de entrevistados como forma de cotejar informações. Importa, ainda, salientar sua originalidade em âmbito científico a qual foi detectada no processo de revisão de literatura sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. História dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-220.

ALBERTI, V. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ASSMANN, J. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, p. 125-133, 1995.

ASSOCIAÇÃO DE CEGOS DO RIO GRANDE DO SUL - ACERGS. **Estatuto**. Porto Alegre, 2 maio 2012.

ASSOCIAÇÃO DE CEGOS LOUIS BRAILLE - ACELB. **Estatuto**. Porto Alegre, 27 dez. 2011.

BALDISSERA, I. **Ismael Baldissera**: depoimento 04 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

BERGAMO, V. L. **Vera Luiza Bergamo**: depoimento 24 fev. 2015. Entrevistadores: Josiana Ayala Ledur e Rafaela Bertoldi. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

CEGOS esperam novas oportunidades. Tudo pela Integração. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 30 jun. 1980.

CEGOS fazem percurso de 4km, hoje. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 set. 1981.

CEGOS VÃO à Argentina para disputar Jogos. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 jul. 1979.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS. **Estatuto**. Rio de Janeiro, 22 mar. 2014.

DE OLIVEIRA, A. C. T. **Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira**: depoimento 25 fev. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

DE SOUZA, O. F. **Odilon Fernandes de Souza**: depoimento 24 fev. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

FERREIRA, M. M. História Oral: um inventário das diferenças. *In*: FERREIRA, M. M. (Coord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, 1-13.

FONTES, M. S. Futebol de Cinco para Cegos. *In*: Castelli, D. P.; FONTES, M. S. **Futebol paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 11-38.

FONTES, M. S. **Mario Sergio Fontes**: depoimento 25 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. da S. A educação de pessoas cegas no Brasil. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v. 5, p. 74-81, 2007.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. da S. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 3-9, 2005.

FREIRE, J.; CONRADO, M. História do Futebol de 5. *In*: (Orgs.) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C. C.; GORLA, J. I. **Futebol de 5**: fundamentos e diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu, 2014. p. 13-18.

FREIRE, J.; MORATO, M. P. Futebol de 5. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p 115-124.

GEELB vence jogos de deficientes. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 jul. 1985.

GOMES, C. A. M. **Carlos Aurélio Machado Gomes**: depoimento 22 out. 2014. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University, 1978.

HERMANY, A. **Anelise Hermany**: depoimento 26 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

HISTÓRIA. Institucional, **Instituto Santa Luzia**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.isl-rs.com.br>> Acesso em: 10 jun. 2015.

HISTÓRICO. **Associação de Cegos do Rio Grande do Sul - ACERGS**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://www.acergs.org.br>> Acesso em: 10 jun. 2015.

MASINI, E. F. S. A educação do portador de deficiência visual: as perspectivas do vidente e do não vidente. **Em Aberto**, Brasília, v. 13, n. 60, p.61-76, out./dez., 1993.

MATARUNA, L *et al.* Inclusão Social - Esporte para deficientes visuais *In*: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p.638-644.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MELO, V. A; FORTES, R. História do Esporte: panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p 1-14.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETRÓ, C. A. **A criação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul**: projeto e campo de possibilidades na Porto Alegre da década de 1940. Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO, E. P. **Elizabeth Pedrosa Ribeiro**: depoimento 30 jul. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.

SILVA, C. F.; MAZO, J. Z. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377-389, abr./jun., 2015.

SOCIEDADE ESPORTIVA LOUIS BRAILLE. **Ata da reunião de fundação realizada 5 de maio de 1973**.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, M. S. R.; ECKERT, C. O viver de deficientes visuais no centro de Porto Alegre: trabalho ambulante e espaços de sociabilidade. **Iluminuras**, Porto Alegre, v.4, n.3, p. 1-21, 2003.

ESTUDO 2 - ATLETISMO PARALÍMPICO SUL-RIO-GRANDENSE: montando um quebra-cabeça (1984-1992)

RESUMO

Neste estudo descrevemos as participações de atletas com deficiência visual sul-rio-grandenses nas competições de atletismo nos Jogos Paralímpicos de 1984 a 1992, enfocando a participação de três mulheres: Anelise Hermany, Leila Marques e Vera Bergamo. Para tanto, utilizamos os procedimentos metodológicos da história oral através da realização de entrevistas com as atletas. Em 1984, Anelise foi a única mulher a competir nos Jogos Paralímpicos, conquistando as primeiras medalhas dos deficientes visuais brasileiros na competição. Em 1988, ambas as atletas participaram do evento, que marca uma nova fase dos Jogos. Entre as três mulheres, somente Anelise medalhou nessa edição. Por fim, em 1992, Leila foi a única sul-rio-grandense nos Jogos.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos, mulheres, deficientes visuais, atletismo, história do esporte.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, as histórias de vida de atletas olímpicos e as suas participações nos Jogos Olímpicos têm sido foco de diversas investigações, bem como de biografias e autobiografias. Tradicionalmente, em âmbito acadêmico e científico, os estudos de Katia Rubio têm sido referência para este campo no que tange a preservação e divulgação das memórias de atletas que participaram em Jogos Olímpicos de Verão (RUBIO, 2004; 2006).

Recentemente, em um artigo publicado na revista *Acervo do Arquivo Nacional Brasileiro* (RUBIO, 2014), a pesquisadora descreveu as experiências de seu grupo de pesquisa com o projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”. De acordo com a autora (2014, p. 95), seu projeto objetivou documentar as histórias de vida de “todos os atletas brasileiros que foram a Jogos Olímpicos desde a primeira participação brasileira em 1920”, o que resultou na identificação de mais 1800 participantes brasileiros.

Salientamos a existência de pesquisas regionais que buscam documentar as participações de atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Verão. No âmbito sul-rio-grandense podemos destacar algumas investigações que contribuem com a história olímpica nacional. Mazo, Frosi e Maduro (2010), registraram a trajetória do atleta teuto-brasileiro do lançamento de dardos Willy Seewald, que participou dos Jogos

Olímpicos de Paris, em 1924. Carmona e colaboradores (2014), por sua vez, descrevem a participação de atletas olímpicos sul-rio-grandenses no período compreendido entre os anos de 1920 a 1924. Por fim, ainda cabe ressaltar a investigação de Pereira, Silva e Mazo (2015), que buscou revelar como se desenvolveu a prática do hipismo em Porto Alegre até a primeira participação de atletas sul-rio-grandenses em Jogos Olímpicos.

Diante desse breve cenário acerca da participação de atletas brasileiros e sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos, podemos nos questionar: e os atletas paralímpicos? Há estudos sobre suas participações em Jogos Paralímpicos? Apesar de poucas, existem algumas produções em âmbito nacional que buscam apresentar histórias de vida de atletas medalhistas nas edições mais recentes dos Jogos (DE ASSIS, 2014; FURTADO, 2012; LOPES FILHO; FROSI; MAZO, 2010; OSANDÓN, 2008).

Atualmente, o esporte paralímpico brasileiro está em maior evidência, o que é fruto de investimentos em longo prazo e reflexo do trabalho desenvolvido nos últimos ciclos paralímpicos (MATARUNA, 2014) que levaram o país da 24ª posição no quadro geral de medalhas em Sydney 2000 para a 14ª em Atenas 2004, a nona em Pequim 2008 e a sétima em Londres 2012. Em 1995, o esporte paralímpico passou a ser dirigido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e, desde então, houve um incremento nas práticas esportivas para pessoas com deficiência no país (MIRANDA, 2011). Mas foi a partir da promulgação da Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001, conhecida como Lei Agnelo Piva, que destina recursos obtidos com as apostas nas loterias federais para esporte, e com a maior cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Sidney (2000) e de Atenas (2004), que o esporte paralímpico brasileiro recebeu forte impulso para se tornar potência mundial (PARSONS; WINCKLER, 2012).

No entanto, a história paralímpica brasileira se iniciou décadas atrás, quando, em 1972, na cidade de Heidelberg, Alemanha, a equipe de basquete em cadeira de rodas participou dos Jogos Paralímpicos de Verão, competindo não somente no basquete, mas também no atletismo, natação e tiro com arco (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCKLER, 2012). Contudo, ainda hoje, pouco se sabe sobre os caminhos percorridos por esses brasileiros e seus mais de 500 sucessores, que também participaram de Jogos Paralímpicos.

Então, desde 2014, o Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a fim de resgatar as memórias dos atletas paralímpicos brasileiros, tem desenvolvido o projeto intitulado “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)”. Tal projeto assemelha ao desenvolvido por Rubio, porém com foco no esporte paralímpico.

Ao iniciarmos esse projeto, optamos por demarcar o estudo em âmbito local e regional, para, posteriormente, abrangermos os atletas de outras regiões. Para tanto, realizamos um mapeamento acerca dos atletas do Rio Grande do Sul que participaram dos Jogos Paralímpicos. O que nos levou, até o presente momento, há dez atletas: dois da natação, um da esgrima em cadeira de rodas, um do goalball, um do futebol de 5 e cinco do atletismo, todos deficientes visuais. O quadro abaixo apresenta os respectivos atletas, seus esportes e as edições dos Jogos Paralímpicos em que participaram.

Quadro 1: Atletas sul-rio-grandenses que representaram o Brasil nos Jogos Paralímpicos.

NOME	ESPORTE	TIPO DE DEFICIENTE	JOGOS PARALÍMPICOS
Alexsander Almeida Maciel Celente	Goalball	Visual	Pequim 2008 – Londres 2012
André Luiz Garcia de Andrade	Atletismo	Visual	Sidney 2000 - Atenas 2004 Pequim 2008 - Londres 2012
Anelise Hermany	Atletismo	Visual	Nova York 1984 - Seul 1988
Guaracy Fernandes	Atletismo	Visual	Nova York 1984
Jovane Guissone	Esgrima	Física (cadeirante)	Londres 2012
Leila Marques	Atletismo	Visual	Seul 1988 - Barcelona 1992
Luis Antônio Correa da Silva	Natação	Física (amputado)	Sidney 2000 - Atenas 2004 Pequim 2008 - Londres 2012
Ricardo Steinmetz Alves	Futebol de 5	Visual	Pequim 2008 – Londres 2012
Susana Schnarndorf Ribeiro	Natação	Física (comprometimento motor)	Londres 2012
Vera Luiza Bergamo	Atletismo	Visual	Seul 1988

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dessa forma, distinguimos dois períodos que contemplam a participação de atletas sul-rio-grandenses nos Jogos: de 1984 a 1992 e de 2000 a 2012, sendo o

primeiro marcado pelas participações de atletas deficientes visuais praticantes de atletismo. Então, como forma de divulgar os primeiros resultados do projeto, o presente estudo tem como objetivo descrever as participações de atletas com deficiência visual sul-rio-grandenses nas competições de atletismo nos Jogos Paralímpicos de 1984 a 1992.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo utilizamos os procedimentos metodológicos da história oral (ALBERTI, 2010; MEIHY, 2005), a qual busca conhecer o passado através do depoimento de pessoas que vivenciaram esse passado, recorrendo à memória do entrevistado para a reconstrução da realidade. O trabalho com história oral valoriza a memória como fonte de pesquisa, mas traz consigo questionamentos implicados nas múltiplas dimensões da construção do passado, visto que a narrativa produzida pelo entrevistado sempre é parcial e tem limitações. Todavia, cabe ao pesquisador extrair informações e saber cotejá-las. Nesse sentido, Alberti (2012, p.163) menciona que o “conhecimento histórico é condicionado pelas fontes que temos – ou melhor, pelas perguntas que fazemos às fontes que temos”.

A utilização dos procedimentos metodológicos da história oral potencializa a construção de conhecimentos históricos no campo da história do esporte, bem como, ao mesmo tempo, legitima e valoriza os sujeitos históricos (atletas, treinadores, dirigentes, entre outros) e suas representações. Rubio (2014, p. 95) salienta

[...] a importância da história de vida, que se apresenta na forma de narrativa, na qual um atleta narra sua existência através do tempo, associando-a aos acontecimentos históricos de quando competia, do esporte de maneira geral e de sua modalidade esportiva em específico. Se o discurso e sua narrativa constituem-se como um dos pilares para a compreensão das histórias de vida, o desenrolar temporal dessa narração se apresenta como outro elemento fundamental na organização da memória que emerge como história e na apresentação dos elementos constitutivos daquilo que chamamos de imaginário esportivo.

Além disso, como forma de justificar os procedimentos utilizados, destacamos a falta de registros documentais no âmbito paralímpico brasileiros, tanto pela mídia quanto por instituições responsáveis na promoção do esporte adaptado no país, sendo as memórias de personagens históricos a principal forma de se obter

informações, reconstruir acontecimentos e dar vida ao passado. O estudo de Ferreira e Baumel (2009), por exemplo, também utilizou o método da história oral para realizar uma investigação com cegos em Minas Gerais.

Para tanto, após identificarmos os nomes dos atletas, elaboramos estratégias para encontrá-los. Assim, utilizamos desde visitas e contatos com instituições e profissionais que trabalham com o esporte adaptado no estado, como também realizamos buscas em redes sociais. Esta estratégia foi também utilizada por Rubio, pois facilita “o contato inicial com vários deles” (RUBIO, 2014, p. 97). Em posse dos contatos, agendamos e realizamos as entrevistas com as três atletas mulheres que participaram dos Jogos Paralímpicos entre 1984 e 1992 (Anelise Hermany, Leila Marques e Vera Luiza Bergamo), como também com o atleta e posterior dirigente brasileiro, também deficiente visual, presente em ambas as edições dos Jogos: o Professor Mario Sergio Fontes. Infelizmente ainda não foi possível agendar a entrevista com Guaracy Fernandes, o único sul-rio-grandense homem que participou dos Jogos Paralímpicos em 1984.

As entrevistas tiveram caráter semiestruturado, ou seja, havia um roteiro base, mas o entrevistador tinha liberdade de conduzir novos questionamentos de acordo com as demandas que surgissem ao longo da entrevista. Como Rubio (2014), nosso primeiro passo durante as entrevistas não foi uma pergunta, mas, sim, um convite para que o atleta contasse sobre sua vida no esporte. Todas as entrevistas foram transcritas e as atletas assinaram um termo de consentimento declarando estarem cientes do uso das informações obtidas. Por serem ambas deficientes visuais, o termo foi lido em voz alta após cada entrevista e a leitura ficou registrada na gravação de áudio, bem como uma cópia do termo foi entregue para cada atleta.

NOVA YORK 1984: a única mulher

Nas primeiras edições dos Jogos Paralímpicos somente cadeirantes com lesões medulares participavam das competições, somente na edição de Toronto, Canadá, em 1976, que outras deficiências foram abarcadas, dentre elas a deficiência visual (PARSONS; WINCKLER, 2012). Atualmente, os atletas com deficiência visual participam de onze esportes paralímpicos: atletismo, ciclismo (*tandem*), futebol de 5, goalball, hipismo, judô, natação, remo, tiro esportivo, triatlo e

vela. Em alguns destes esportes os competidores são agrupados em classes funcionais de acordo com a acuidade visual que possuem.

A classificação é feita através de uma avaliação oftalmológica que divide os atletas em três classes: B1, B2 e B3. O “B” é a abreviação da palavra inglesa *blind*, que é traduzida como cego. Os números identificam as classes funcionais, isto é, quanto menor o número maior é o comprometimento visual. Os atletas cegos totais estão situados na classe B1 (CARDOSO; GAYA, 2014), além de atletas que possuem uma desprezível percepção de luz. Esse tipo de classificação está presente na natação e no atletismo, por exemplo. É permitido ao B1 e alguns B2 a utilização de um atleta guia em provas de corrida. Em esportes coletivos como o *goalball* e o futebol de 5, a classificação funcional também se aplica, mas os atletas competem vendados estabelecendo condições de igualdade. No futebol de 5 só competem atletas B1 e no *goalball* atletas das três classes.

No Brasil, o atletismo é um esporte tradicional entre os deficientes visuais e isto se reflete nas conquistas ininterruptas de medalhas nos Jogos Paralímpicos desde a edição de Nova York, em 1984 (WINCLER, 2012). A partir de então, a cada nova edição dos Jogos Paralímpicos, os atletas deficientes visuais têm retornado com diversas medalhas, como na edição de Atenas, em 2004, na qual 12 das 16 medalhas do atletismo paralímpico foram conquistadas por deficientes visuais (VERÍSSIMO, 2006).

O ano de 1984 foi marcante para o esporte de deficientes visuais no Brasil. “No dia 19 de janeiro de 84, oficialmente foi criada a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC). Registrada no Rio de Janeiro que era o fórum, na nossa época, a base da ABDC”, revelou Prof. Mario Sergio, atleta e ex-presidente da entidade. Atualmente a entidade denomina-se Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Nesse mesmo ano, que assinala a primeira participação de deficientes visuais nos Jogos Paralímpicos, Anelise Hermany⁴³ se consagrou como primeira mulher e primeira deficiente visual brasileira a conquista uma medalha no evento.

Aneline Hermany nasceu na cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, a mais nova de seis irmãos, sendo três deles também deficientes visuais. Juntamente com eles, foi interna do Instituto Santa Luzia a partir de 1971. Na época, era a única instituição

⁴³ Anelise era classificada como B2, pois tinha baixa acuidade visual.

de ensino para deficientes visuais no estado do Rio Grande do Sul, e funcionava como um internato. Lá conheceu o atletismo e se tornou praticante do esporte, fazendo saltos e corridas, principalmente. Ao relembrar os tempos enquanto interna, Anelise revelou que “era difícil, mas era uma época muito boa. Nós aprendemos tudo lá, a cozinhar e fazer as coisas sozinhas. Eu só tenho agradecer ao colégio”. Quando saiu da instituição, em 1979, continuou a residir em Porto Alegre e prosseguiu com os treinos de atletismo, então vinculada ao Centro Louis Braille, que realizava os treinamentos da equipe na pista do Parque Ramiro Souto localizada dentro do Parque Farroupilha ou Redenção da capital.

Nos anos seguintes, Anelise se destacou nas competições de corrida e saltos conquistando índice para participar dos Jogos Paralímpicos de 1984, na cidade de Nova York (Estados Unidos). Anelise conta que

Em 82, fizeram os jogos lá na Redenção, nossa equipe participou e dali começamos a treinar e eu gostei da coisa: treinar para competição mesmo. Comecei a dar valor, ter vontade mesmo de treinar e competir. [...] Em novembro de 83, saíram os jogos no Rio de Janeiro, que sairia uma seletiva para os Jogos dessa Paralimpíada. Eu fui e lá eu me consagrei. Nossa! Eu ganhei cinco medalhas de ouro: salto em altura, distância. Fazia todas as provas, não tinha uma específica. Daí começaram a me chamar de Super Ane. Foi muito bom! Voltei para Porto Alegre. [...] Então ia sair a seletiva para a Paralimpíada. Treino todos os dias. Na época eu não trabalhava, só estudava, então treinava. Saiu a seletiva e fomos pro Rio, eu e mais duas, se não me engano, aí eu consegui os melhores tempos e consegui a vaga. Tinham seis atletas deficientes visuais e eu era a única mulher. [...] Para mim era um sonho. Eu nunca imaginava. A gente treinava por treinar. A gente competia por esporte. Quando saiu que eu poderia viajar, eu digo: “Meu Deus, que coisa maravilhosa!” Aí fui atrás, comecei a me dedicar aos treinamentos.

Porém, o caminho percorrido pelos atletas brasileiros até Nova York foi permeado por dificuldades, fossem elas financeiras ou não. Mario Sergio revelou que “essa seleção tem situações bastante curiosas, até porque, nós, com a dificuldade de início de gestão, de início de administração, não conhecíamos nada e também não tínhamos recursos para absolutamente nada”. A falta de recursos financeiros e as dificuldades de gestão são situações históricas no âmbito esportivo nacional, todavia, para o esporte olímpico, essas foram mais latentes não início do século XX, período quando ocorreram as primeiras participações de atletas

brasileiros nos Jogos Olímpicos (CARMONA *et al.*, 2014; MAZO, 2014; MARTINI, 2013; MAZO; FROSI; MADURO, 2012; RUBIO, 2006).

Na época, a delegação de atletas deficientes visuais foi composta por seis atletas: Fernando Lauriano Melo, Edson Lopes Silva e Sérgio Dias, do Rio de Janeiro; Guaracy Fernandes e Anelise Hermany, do Rio Grande do Sul; e Mario Sergio Fontes, do Paraná (FONTES, 2015).

Imagem 4 - Delegação brasileira que participou dos Jogos Paralímpicos de Nova York, Estados Unidos, 1984.



Fonte: Grupo Memória Paralímpica (www.facebook.com/memoria.paralimpica).

Entretanto, o processo de ida aos Jogos se mostrou bastante complicado, principalmente para Anelise. Mario Sergio contou que

Nessa viagem, nós tivemos a dificuldade de termos os recursos financeiros para levar esse grupo para lá. Então cada um “correu” para conseguir sua passagem. Cada atleta dos seis convocados. [...] Graças a Deus deu tudo certo, mas quase perdemos as primeiras medalhas. No último momento faltava uma passagem para uma atleta ou para um atleta. Não se sabia quem iria e quem não iria. Pelo pouco conhecimento que tínhamos dos resultados internacionais, das competições internacionais, naquele momento o atleta que não iria a Nova York, que não iria para a Olimpíada, a princípio seria a Anelise Hermany, a única menina do grupo. Por azar ela teve uma dificuldade na hora do embarque, mesmo depois que nós conseguimos a passagem. Ela ainda teve uma dificuldade enorme, porque tinha recém completando 18 anos e, para a obtenção do passaporte, ela tinha que ter a autorização da mãe. O pai já tinha falecido e não havia o atestado de óbito do pai, então deu uma confusão na hora de conseguir o visto dela. Foi realmente uma correria. Só mesmo no último minuto, no último dia, ela conseguiu resolver os problemas burocráticos, chegou o atestado de óbito. Foi daqui, foi dali, e conseguimos ter o visto para que ela pudesse ir a Nova York.

Anelise, como destacou Prof. Mario Sergio, correu o risco de ser cortada da delegação brasileira, pois havia passagens aéreas apenas para cinco atletas. Em 1984, “as únicas e primeiras medalhas da seleção brasileira de deficientes visuais foram conquistadas pela Anelise Hermany, que era em tese aquela que iria perder a vaga caso não tivéssemos a última passagem. Cometeríamos um erro, um equívoco histórico esplendoroso”, reitera Prof. Mario Sergio. A situação vivida por Anelise, na qual a atleta precisava conseguir meios para subsidiar sua passagem, também foi semelhante ao do atleta Willy Seewald que encontrou dificuldades em participar dos Jogos Olímpicos de Paris (1924), sendo financiado por uma família de imigrantes alemães para poder ir ao evento (MAZO; FROSI; MADURO, 2012).

Anelise lembra que “não tinha ajuda nenhuma para participar dos Jogos”. A atleta relembra a situação apontando o seguinte:

Fomos treinar sem patrocínio, sem coisa nenhuma. O governo deu uma ajuda com o uniforme, um agasalho. Mas não tinha ajuda nenhuma, nenhuma. Fomos a luta. Quando chegou a hora de ir para Nova York, fomos para o Rio e aquela tensão: não tem passagem, sem patrocínio. Tinham conseguido cinco passagens. E agora, o que vamos fazer? Na última hora, decidiram: “vamos cortar a Anelise!” Então, não sei, não lembro como foi, alguém foi lá e conseguiu a tal da última passagem, e consegui ir viajar.

Nos Jogos Paralímpicos, a atleta destacou-se conquistando três medalhas e o direito de, juntamente a Márcia Malsar⁴⁴, carregar a bandeira brasileira na cerimônia de encerramento. Na ocasião, foi a única atleta entre os deficientes visuais a retornar com medalhas para o Brasil: prata no salto em distância, prata nos 100m rasos e bronze nos 800m rasos (MAIS..., 2011). Ela ainda competiu na prova dos 400m rasos, mas foi desclassificada. O Prof. Mario Sergio comentou que “Anelise estaria no ponto intermediário da prova, correndo numa raia interna, se não me engano na cinco ou seis, mas num certo momento acabou invadindo a raia interior. Não atrapalhou ninguém, mas infelizmente foi desclassificada”.

⁴⁴Atleta brasileira com deficiência intelectual, que conquistou três medalhas nos Jogos Paralímpicos de Nova York.

Imagem 5 - Medalhas conquistadas por Anelise nos Jogos Paralímpicos Nova York (1984).



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores.

Sobre suas conquistas, Anelise mencionou: “[...] lembro de ganhar medalha e já sair dando autógrafo. Isso era muito legal! Nossa! Escrever teu nome, era muito bom!”. Quando perguntada sobre ser a primeira mulher a conquistar uma medalha nos Jogos Paralímpicos, envergonhada mencionou:

O pessoal fica falando e você fica meio boba, sabe? É muito legal, eu fico muito lisonjeada por isso. Todas as dificuldades que tivemos na época e conseguir esse feito. Assim, não “caiu a ficha”, eu fico pensando se sou eu mesmo. Eu fico muito orgulhosa com isso.

Imagem 6 - Anelise carregando a bandeira brasileira na cerimônia de encerramento dos Jogos Paralímpicos Nova York (1984).



Fonte: Grupo Memória Paralímpica (www.facebook.com/memoria.paralimpica).

Ao retornar ao país, as conquistas de Anelise foram festejadas por seus familiares e colegas. Porém, tão logo retornou, mudou-se para Curitiba, em 1985, pois lá obteria melhores condições para treinamentos. Isso aconteceu porque, após a conquista da medalha, Anelise entendeu que havia, de fato, se tornado uma atleta.

[...] fui a Nova York e ganhei as medalhas. Então percebi. Opa! “Sou atleta”! Vou treinar, vou atrás. Porque até então, até 83, a gente treinava por treinar. Depois não. [...] eu vim para a ADEVIPAR [Associação dos Deficientes Visuais do Paraná] e o pessoal treinava todos os dias. Era um compromisso. Mas era um compromisso de quem queria ser atleta mesmo.

Ela não foi sozinha para Curitiba, seus irmãos também vieram para a cidade para treinar na entidade paranaense. “Eu só tenho a agradecer a essa cidade que me acolheu, todos os amigos, tudo que aconteceu aqui também. Não foi fácil, trabalhava o dia inteiro e ia treinar à noite em uma pista de carvão. Era uma pista de 250m, não era nem oficial”, recorda a atleta ao narrar sua ida a Curitiba.

SEUL 1988: as três mulheres

Os Jogos Paralímpicos de Nova York, 1984, foram significativos para os esportes dos deficientes visuais no país. Anelise salienta que “depois de voltarmos, continuamos treinando, porque foram abrindo as portas de campeonatos mundiais, sul-americanos, latino-americanos”. Como, por exemplo, em 1985, quando a equipe brasileira participou dos 1º Jogos Latino-Americanos de Cegos em Barquisimeto, Venezuela.

Na época, junto com Anelise, Vera Luiza Bergamo, outra sul-rio-grandense, também participou da competição. Vera nasceu da cidade de Machadinho, na parte nordeste do estado sul-rio-grandense. Totalmente cega, aos 14 anos se também se tornou interna do Instituto Santa Luzia, onde foi colega de Anelise de dormitório e nos treinamentos. Ao falar sobre o evento na Venezuela, Vera falou sobre as dificuldades financeiras para participação na competição, problema que reprisava a experiência do evento mundial um ano antes.

Nós, aqui do Brasil, conseguimos ir em apenas seis atletas por falta de recursos. Tinham organizado uma seleção com 25 atletas, mas na hora de comprar as passagens, o recurso para viajar dificultou muito. Conseguiram pouquíssimo dinheiro, porque o governo, naquele

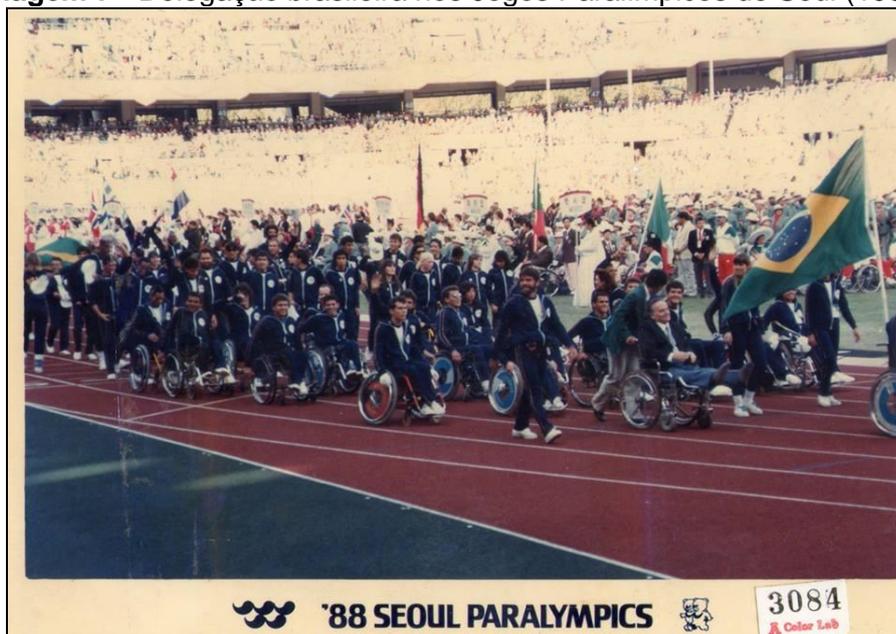
tempo, não tinha toda a programação, todo o recurso que tem hoje. Aí, tiveram que cortar muita gente da seleção e eu continuei. Levaram os que se julgava que tinham mais chance de ganhar medalha lá. Eu fui e fiz quatro provas.

Na competição, Vera conquistou quatro medalhas de ouro, sendo uma realizada em uma prova na qual foi a única competidora. “Teve uma prova que eu fiz sozinha: os 800 metros, que não era prova minha, mas, como não tinha nenhuma adversária, só fiz para trazer medalha, porque era ponto por equipe”, comentou a atleta. Além desta competição, Vera continuou tendo bons resultados em competições nacionais nos anos seguintes e isto fez com que garantisse sua vaga na equipe que disputaria os Jogos Paralímpicos de Seul, Coréia do Sul, 1988.

A edição de 1988 marcou uma nova fase do evento paralímpico. A partir desta edição, Jogos mantiveram-se na mesma cidade e mesmas instalações, onde a pouco havia sido realizados os Jogos Olímpicos (MARQUES *et al.*, 2009). De acordo com Parsons e Winckler (2012), o evento deu início à “era moderna” dos Jogos Paralímpicos. Isso se deve à preparação, através de melhorias nas instalações da cidade de Seul, para atender as necessidades dos atletas com deficiência, bem como no próprio atendimento aos deficientes durante as competições. Na ocasião, o esporte do judô fez sua estreia no evento, o qual é somente praticado por deficientes visuais.

Rubio (2006) defende que a partir dos Jogos Olímpicos de Seul, o profissionalismo adentrou o esporte olímpico. Porém, em mesma medida, não podemos fazer tal inferência quanto ao cenário paralímpico, como destacam os relatos das atletas a seguir. A profissionalização dos atletas com deficiência é mais recente, anos 2000, e, mesmo assim, muitos atletas não conseguem sobreviver apenas do esporte. Guttmann (1978) afirma que o atleta profissional é aquele que recebe devido à sua vida esportiva. Neste sentido, as atletas relacionadas nesse estudo nunca foram profissionais.

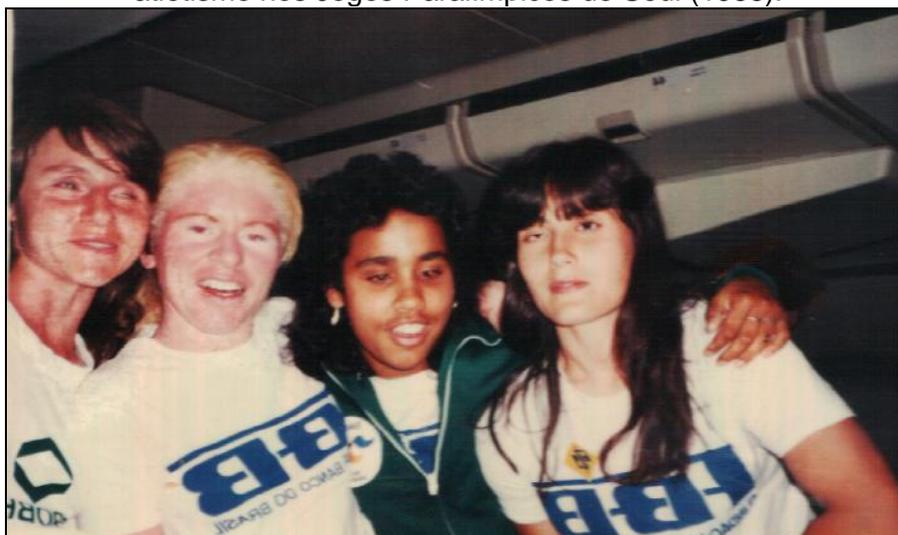
Imagem 7 - Delegação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988).



Fonte: Acervo pessoal de Vera Bergamo.

O Brasil foi representado por uma delegação composta por 47 homens e 11 mulheres, quase dobrando o número de atletas participantes na edição anterior dos Jogos Paralímpicos. Entre os 58 atletas, 31 competiram em provas de atletismo, sendo quatro mulheres deficientes visuais: Anelise, Vera e Leila Marques do Rio Grande do Sul e Adria Rocha Santos⁴⁵ de Minas Gerais.

Imagem 8 - As quatro mulheres atletas deficientes visuais que participaram das provas do atletismo nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988).



Descrição: Vera, Leila, Adria e Anelise (da esquerda para a direita).

Fonte: Acervo pessoal de Vera Bergamo.

⁴⁵ Em Jogos Paralímpicos, Adria é a atleta brasileira que mais vezes conquistou medalhas, 13 ao todo, em seis edições distintas.

A atleta sul-rio-grandense de baixa visão, Leila Marques, por sua vez, tem uma trajetória diferente com relação à das suas contemporâneas. Em 1983, Leila foi procurar emprego no Sistema Nacional de Empregos (SINE) de Porto Alegre e acabou encontrando o diretor do Centro Louis Braille, onde estudava. Na conversa ele teve uma ideia e a encaminhou até a pista do Parque Ramiro Souto para conhecer a equipe de atletismo. Leila recorda o fato destacando o seguinte:

O diretor me levou no Ramiro Souto. Eu não sabia nem ir até a Redenção. [...] Eu estava de sapato e tudo. Chegando lá, estavam reunidos, acredito que estava todo o pessoal que já estava fazendo esporte: entre eles Vera Bergamo, o Guaracy [...] Aí a professora disse para mim assim e para outra menina: “Tu pegas ela e dá uma volta. Eu disse: “Tá, vou”. Eu estava de bermuda e sapatos. Dei três voltas caminhando, daí ela me disse: “Agora tu vais dar duas correndo”. Eu fui, fluiu e ali começou. Comecei e ela me disse para ir três vezes por semana treinar: terça, quinta e sábado. Aí comecei a aprender a correr.

A partir daquele momento começou a praticar o atletismo, se especializando, mais tarde, nas provas de 400 e 800 metros rasos. Assim, em poucos anos de treino, foi convocada para ir aos Jogos de Seul. “Em 1988, quando eu consegui a vaga, eu até nem acreditei, porque nós não tínhamos dinheiro”, comentário de Leila que reforça as dificuldades financeiras dos esportes de deficientes visuais na época.

Após a convocação, as atletas passaram por um período de treinamento em Curitiba juntamente com os demais atletas deficientes visuais do Brasil. Depois seguiram para o Rio de Janeiro e, por fim, para Seul. Sobre este período de treinamento, Leila também mencionou que “nós ficamos um mês nos preparando. Aquilo foi maravilhoso! Nós pudemos melhorar o nosso rendimento”.

No entanto, a trajetória da, na época, atual medalhista brasileira nos Jogos Paralímpicos até sua convocação para o evento em Seul foi marcada por dificuldades. Em 1986, Anelise foi atropelada por uma motocicleta na cidade de Curitiba quando estava indo em direção ao trabalho. O Prof. Mario Sergio contou que

[...] em 86, sofreu um acidente gravíssimo. Fratura de fêmur, fratura de clavícula, ruptura de rim. Então, infelizmente, de março de 86 até outubro de 88, ela era uma incógnita totalmente. [...] Eu jamais, não acreditava jamais, que ela pudesse voltar a competir em nível internacional, em nível competitivo, em nível de rendimento. Ela voltou em 88, teve dificuldades de treinamento em 87, de recuperação. Foi bastante difícil, mas em 88 ela acabou voltando.

Apesar de ter enfrentado diversas complicações durante sua recuperação do acidente, Anelise recebeu um voto de confiança do técnico da seleção brasileira de atletismo, sendo convocada para integrar a delegação que iria aos Jogos de Seul.

Eu tava no auge da minha forma física e por isso que minha recuperação foi rápida, mas fêmur é fogo. Ele que sustenta o corpo. [...] Nem eu acreditava. Pensava: “Puxa! Vou voltar a treinar. Não sei se vai dar certo!” Em 1987, participei de um campeonato sul-brasileiro e fiquei no meio da pista; não terminei a prova. Todo mundo disse que acabou a atleta. Chorei. Fiquei chateada, mas dei a volta por cima. Quando saiu a convocação pra Seul muita gente falou: “Será que vai mesmo?” Mas fui aos Jogos.

No estudo de Bajaña, Alonso e Corredor (2010), no qual os autores descrevem a história de vida de uma atleta colombiana, Naiver Ome da natação, são destacados os sacrifícios, a força e a paciência como fatores determinantes para que a atleta prosseguisse e tivesse sucesso no esporte. O que, de certa forma, assemelha-se a história de outros atletas e a de Anelise, que continuou persistindo mesmo em meio a um quadro adverso.

Seul foi uma cidade preparada para receber os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Sobre isso, Anelise relatou o seguinte: “eles prepararam a cidade para a Paraolimpíada. Fizeram adaptações para os deficientes visuais com aquelas faixas, os elevadores escritos em Braille, as pistas tátil. Lá eles adaptaram tudo. Ela ainda lembra da beleza da cidade: “eu lembro daquelas pirâmides de flores. Era muito, muito lindo”.

Imagem 9 - Pirâmide de flores decorando a cidade Seul durante os Jogos Paralímpicos.



Fonte: Grupo Memória Paralímpica (www.facebook.com/memoria.paralimpica).

Ao chegarem à vila e aos locais de competição, as atletas se depararam com realidades diferentes das suas ao verem os atletas de outros países. Leila contou que “em termos de aparatos, olhando para os uniformes dos outros atletas, víamos a qualidade dos uniformes”, o qual se diferenciava do material brasileiro. Vera, por sua vez, mencionou que os incentivos financeiros, por parte de outros países, eram percebidos na qualidade dos atletas adversários: “nós observávamos bem o pessoal que tinha bastante apoio, patrocínio e que treinava muito, como os atletas do Canadá, Espanha, Alemanha, Estados Unidos e Rússia”. Falas que reforçam as dificuldades financeiras e de estrutura que os atletas brasileiros enfrentavam.

As atletas também comentaram suas percepções e sentimentos com relação ao desempenho na competição. Anelise destacou sua participação como “um ato de superação, pois para alguém que há um ano atrás havia sofrido um acidente, conseguir mais duas medalhas nos Jogos é algo quase que inacreditável”. A atleta conquistou a medalha de prata na prova dos 800m rasos e bronze nos 400m rasos. De acordo Anelise, as condições para competir foram adversas, ou melhor, peculiares nas provas. “Em Seul, teve semifinal dos 400 e os 800 foi direto para a prova final, mas eu só soube em cima da hora que iria ser final direto”, comentou. Além disso, “na prova dos 800 metros juntaram as categorias B2 e B3. Na época, eu era B2 e a Leila competiu junto comigo, mas não medalhou”. Assim, as falas da atleta vão ao encontro do estudo de Bajaña, Alonso e Corredor (2010), no que tange a superação da atleta em razão de suas características e virtudes.

Imagem 10 - Medalhas conquistadas por Anelise nos Jogos Paralímpicos Seul (1988).



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores.

As atletas Leila e Vera não conquistaram medalhas na competição, mas recordaram com estima suas participações nos Jogos Paralímpicos. Leila participou da prova de 800 metros juntamente com Anelise, devido ao baixo número de atletas em ambas as classes. Leila menciona que “poderia ter rendido mais se tivesse condições de treinamento, incentivo, patrocínio só para treinar, pois nós tínhamos qualidade técnica”. Ao mesmo tempo, a atleta mencionou ter orgulho em representar o país no evento: “tu fica feliz de ser brasileiro e de ter representado o teu país. E saber que aqui eu sou o meu país. É a sensação que se tem”. Leila ficou com a quinta colocação na prova dos 800 metros.

Para Vera um momento marcante nos Jogos Paralímpicos foi a realização da prova:

Fazer os 100 metros com 50 mil pessoas no estádio assistindo. É uma coisa fantástica. Tu saber que tu está tão longe do Brasil, representando um país inteiro, um povo todo, que tu está ali com o nome de um país e que tem que representar da melhor forma que tu pode. Isso para mim foi muito bom!

Na prova dos 400 metros Vera competiu ao lado da recordista mundial, que era uma atleta russa.

Até os 320 metros eu corri do lado dela. Eu e ela. Mas ela tinha uma preparação melhor e quando chegou nos últimos metros ela foi e eu fiquei. Eu senti um peso grande nas pernas. Eu não tinha nenhuma preparação muscular, mas ela tinha. Ela foi embora. Mas ter conseguido, ter feito todo aquele tempo ao lado dela foi maravilhoso. Eu sabia das minhas condições. Eu sempre dizia que se conseguisse bater o meu recorde em Seul, eu já estava maravilhada e consegui. Baixei um segundo mais ou menos, mas consegui baixa.

As lembranças de Vera sobre a competição revelam que as condições de treinamento das atletas eram incipientes no período. Não havia uma preocupação com a estruturação e periodização do treinamento. As cargas de treino, a relação volume e intensidade, não eram devidamente controladas. Além disso, não havia um planejamento anual em relação ao calendário de competições. Apesar deste contexto desfavorável havia uma disposição da atleta para buscar o melhor desempenho possível na competição, mesmo que esse fosse insuficiente para obter o primeiro lugar.

Em Seul, a delegação do atletismo ficou cerca de 20 dias, entre aclimatação e competição em si, além da participação nas cerimônias de abertura e encerramento.

Para Leila “a abertura foi maravilhosa! Uma coisa deslumbrante! Tu sendo a estrela naquele palco. Eu não acreditava que estava lá”. Ainda sobre as cerimônias e competições ela complementa:

Vendo os teus colegas, atletas, pessoas superando os seus limites, barreiras, conhecendo pessoas também. Então tu percebe “Eu também sou capaz! Eu estou aqui!” Mas tu não acreditas que, realmente, estás ali. Eu não acreditava que eu estava lá, naquele momento, principalmente, na abertura quando eu disse que após viria uma etapa que eu teria que vencer. No momento da prova, também, quando dá a saída e tu estás ali, vai ter que dar o teu máximo. Aí tu chegas e percebes que poderias ter dado o teu máximo e não deu, enfim. E o encerramento é aquilo: quem ganha medalha está feliz e quem não ganha pensa que poderia ter rendido mais. Que foi o meu caso. Poderia ter ganhado uma medalha para levar para o meu país. Mas tu ficas feliz por ser brasileira, de ter representado o teu país.

Imagem 11 - Diploma e medalha de participação de Vera Bergamo nos Jogos Paralímpicos de Seul (1988).



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores.

Antes de partirem ao evento mundial, Vera lembra sobre a repercussão na mídia sul-rio-grandense que “os meios de comunicação [...] o Correio do Povo, a RBS, a própria Record, a Pampa, todos fizeram entrevistas conosco e nos apresentaram para a sociedade, falando que nós iríamos para as Paralimpíadas”,

no caso, ela e a Leila. Porém, durante a competição e na volta não houve repercussão alguma. Vera ainda recorda que

[...] eu trabalhava no Tribunal de Contas quando fui e o pessoal de lá, os meus colegas, ficavam sempre cuidando as notícias e para ver se tinha alguma coisa das Paralimpíadas de Seul. Para saber o que estava acontecendo, como eu estava indo, mas, nada. Ninguém mostrou coisa alguma. A minha família também tinha aquela curiosidade e ficava cuidando, mas, capaz, ninguém viu coisa nenhuma.

No âmbito paralímpico, a midiaticização do esporte é mais recente, datando os anos 2000 (MIRANDA, 2011), e ainda é carente. Cabe ainda ressaltar características essenciais para ser um atleta, as quais foram destacadas pelas atletas. Anelise menciona que “treinamento não é fácil, porque você abdica de muita coisa em sua vida para poder treinar e ser um atleta de elite. [...] tem que treinar, superar dores, seguir em frente, porque é a melhor coisa que tem. Leila acusa que “o importante é tu chegares ao final. Esse é o resultado. Tu veres que tu te propuseste a fazer uma coisa e tu foste até o final”. Tais características fazem parte do imaginário esportivo (RUBIO, 2006), denotando o arquétipo do atleta, que, para as entrevistadas, não se difere entre atletas com ou sem deficiência.

BARCELONA 1992: a última mulher

Nos Jogos Paralímpicos de Barcelona, Espanha, 1992, o estado sul-riograndense teve somente uma única atleta participando do evento. Leila foi a única e última mulher deficiente visual a ir aos Jogos para competir no atletismo representando o estado. Em sua nova participação nos Jogos Paralímpicos Leila também não foi medalhista. A atleta lembra que na ocasião, “em 1992, eu já estava mais velha, mais preguiçosa para o treinamento, mas rendi bastante na competição”. Leila também enfrentou problemas com a inscrição das provas que iria competir.

Eles me inscreveram em provas que não eram minhas. Eu acabei optando por não fazê-las. Na verdade, eu só fiz os 400 metros. [...] Eles erraram a inscrição ao mandar e me inscreveram para 100 metros rasos. [...] Eu era mais de resistência e esta ali é velocidade pura, enfim. Mas, a sensação de tu estares praticando um esporte e ver que tu foste convocada para representar o teu país, tu estares dentro dos melhores já é ótima.

Ao retornar dos Jogos, Leila passou a ter outros desejos e objetivos pessoais e profissionais que a levaram a distanciar-se do esporte.

Como eu me casei em 1993, depois de 1992 eu continuei minha vida de trabalho, que eu precisava me dedicar a ela. Eu já estava com uns 20 e poucos anos, quase 28, eu acho, então eu não tinha mais tempo, porque estava na hora de eu me dedicar a minha vida, ao meu trabalho, enfim, à minha casa. Não era mais o que eu gostaria, porque eu não tinha tempo também. Eu voltei aos estudos, terminei o ensino médio. Passou o tempo, depois eu tive a minha filha, enfim, larguei de vez o esporte. Não me interessei mais, assim, porque eu estava me interessando mais ao meu trabalho, me desenvolvendo no meu trabalho.

A fala de Leila exemplifica uma situação recorrente, a não existência de profissionalização dos atletas paralímpicos, a qual fez com que muitos, por não ter meios de se manterem financeiramente, abandonassem o esporte. Ao mesmo tempo, sua fala reflete um padrão comum às mulheres esportistas, que acabam por abandonar o esporte devido aos novos objetivos, que estão para além da prática esportiva, e à atribuição de novos papéis sociais, como o de ser mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira vez que atletas sul-rio-grandenses participaram dos Jogos Paralímpicos foi em Nova York, Estados Unidos, 1984, quando Anelise Hernamy e Guaracy Fernandes, ambos deficientes visuais, competiram em provas do atletismo. Na ocasião, Anelise foi a única representante brasileira a conquistar medalhas nos Jogos. Porém, a falta de recursos financeiros para a compra das passagens e problemas com o seu passaporte quase a deixaram fora dos Jogos.

Em 1988, em Seul, Coréia do Sul, juntaram-se a Anelise as também sul-rio-grandenses Leila Marques e Vera Luiza Bergamo, além da mineira Adria Rocha Santos. O percurso até a nova edição foi conturbado para Anelise, pois sofreu um acidente que a lesionou gravemente. Apesar das adversidades, a atleta participou dos Jogos e acabou sendo medalhista novamente. Leila e Vera não foram medalhistas, mas recordam com satisfação suas participações no evento e enfatizam as sensações positivas de terem representado o país. Dificuldades financeiras, destacadas pelas atletas, também marcam esse ciclo paralímpico. No entanto, observamos uma melhor estrutura oferecida aos atletas, tanto nos próprios

Jogos, os quais foram considerados exemplares mundialmente, bem como pelo período treinamento realizado em Curitiba antes do evento.

Os primeiros Jogos Paralímpicos da década de 1990, Barcelona, Espanha, 1992, contaram com a participação de apenas uma atleta do Rio Grande do Sul, a atleta Leila Marques que também participou da edição anterior. No evento em Barcelona, a atleta passou por problemas com sua inscrição, que havia sido feita errado, porém não deixou de competir. Após a competição, abandonou o esporte, tornando-se, assim, a última mulher sul-rio-grandense deficiente visual a competir nos Jogos Paralímpicos representando o Brasil. Nas edições seguintes, com exceção de Atlanta, Estados Unidos, 1996, o estado continuou tendo representantes nos Jogos Paralímpicos. Estes foram, na grande maioria, homens também deficientes visuais.

As narrativas aqui apresentadas buscam dar vida as memórias guardadas, esquecidas, a fim de preservar os vestígios e as narrativas que o tempo poderia apagar. As histórias do esporte paralímpico brasileiro, ou as histórias das pessoas que fizeram o esporte paralímpico brasileiro, ainda carecem de registros e estudos. Seria descaso de nossa parte dizer que não existem algumas produções realizando essas investigações, porém além de poucas, os olhares são voltados para personagens de uma história mais recente, a partir dos anos 2000.

As dificuldades para realizar treinamentos, a ausência de auxílio financeiro para participar de eventos, o acidente, entre muitas outras adversidades, estiveram presentes na trajetória das atletas paralímpicos sul-rio-grandenses aqui a descritas. Resgatar essas minúcias através de suas histórias é, ao mesmo tempo, um privilégio e um ato de respeito com as memórias de cada uma das atletas. Assim, cuidados sempre devem ser tomados em trabalhos dessa natureza, tanto com a própria entrevista, o ato de transcrevê-la e de divulgar os produtos gerados a partir delas.

Ressaltamos a originalidade da referida investigação e suas potencialidades, visto que registramos informações, acontecimentos, percepções, representações. Histórias esquecidas que, ao serem lembradas, contribuem de forma notória para reconstruirmos e compreendermos o cenário esportivo dos deficientes visuais brasileiros, bem como a participação desse grupo nos Jogos Paralímpicos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 159-166, 2012.

ALBERTI, V. História dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-220.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

BAJAÑA, R. D.; ALONSO, C. T.; CORREDOR, N. N. Historia de vida de una deportista paralímpica colombiana. **Educación Física y Deporte**, Medellín, v. 29. n. 1, p. 95-101, 2010.

BERGAMO, V. L. **Vera Luiza Bergamo**: depoimento 24 fev. 2015. Entrevistadores: Josiana Ayala Ledur e Rafaela Bertoldi. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. A Classificação funcional no Esporte Paralímpico. **Conexões**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun., 2014

CARMONA, E. K. *et al.* Histórias das primeiras participações de atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, Portugal, v. 14, p.183-196, 2014.

DE ASSIS, J. **Para-Heróis**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.

FERREIRA, M. E. P.; BAUMEL, R. C. R. de C. Narrativas autobiográficas de deficientes visuais congênitos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria – RS, v. 22, n. 35, p. 351-362, set./dez., 2009.

FONTES, M. S. **Mario Sergio Fontes**: depoimento 25 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

FURTADO, B. **Vencedores**. Brasília: ABECER, 2012.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University, 1978.

HERMANY, A. **Anelise Hermany**: depoimento 26 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

LOPES FILHO, J. P.; FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Jogos paraolímpicos de Pequim em 2008: reconstruindo a participação das atletas brasileiras. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 12, p. 64-80, 2010.

MAIS de duas décadas no topo. **Brasil Paraolímpico**, Brasília, n.36, jun./jul., 2011.

MARTINI, S. R. B. **Memórias dos atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses (1960-1972)**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

MARQUES, L. **Leila Marques**: depoimento 18 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

MARQUES, R. F. R *et al.* Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-377, out./dez., 2009.

MATARUNA, L. Mercado de trabalho e perceptivas laborais no esporte paralímpico: realidades da América Latina. *In*: DE OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. de C.; DO NASCIMENTO, R. da C. (Orgs.). **II Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos**: legados no campo profissional e desenvolvimento do esporte. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, p. 71-105.

MAZO, J. Z.; FROSI, T. O.; MADURO, P. A. O atleta olímpico brasileiro Willy Seewald: memórias do primeiro recordista nacional de lançamento de dardo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n.3, p. 537-555, 2012.

MAZO, J. Z. Olimpíadas, História e Memória: esportistas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos (1920 a 1960). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13, 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2014. v. 13, p. 361-368.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. Dissertação (Mestrado) – Educação Física, UNICAMP, 2011.

OSANDÓN, P. **Guerreiros Paraolímpicos**: vida e magia. Brasília: Thesaurus, 2008.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p 1-14.

PEREIRA, E. L.; SILVA, C. F.; MAZO, Z. M. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 47-64, jan./mar., 2015.

RUBIO, K. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RUBIO, K. A experiência da pesquisa 'Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros'. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 93-105, 2014.

VERÍSSIMO, A. W. Atletismo para deficiente Visual. *In*: VERÍSSIMO, A. W.; RAVACHE, R. **Atletismo paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 11-46.

WINCKLER, C. Atletismo. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 65-74.

ESTUDO 3 – NOS SONS DOS GUIZOS: as vozes de dois atletas paralímpicos brasileiros

RESUMO

Este estudo teve como objetivo estabelecer, historicamente, como dois deficientes visuais do estado do Rio Grande do Sul se tornaram atletas paralímpicos e se mantêm no esporte, são eles: Alex Celente do goalball e Ricardinho do futebol de 5. Para tanto, realizamos entrevistas com os atletas, as quais seguiram os procedimentos metodológicos da história oral. Ambos são atletas de modalidades esportivas coletivas, representaram as seleções nacionais em duas edições dos Jogos Paralímpicos (2008 e 2012), são medalhistas na competição e capitães de suas respectivas seleções. Alex participou de diferentes momentos do goalball nacional até a conquista de uma medalha nos Jogos Paralímpicos. Ricardinho passou a integrar a seleção de futebol de 5 logo após a conquista brasileira nos Jogos Paralímpicos e teve uma ascensão rápida dentro do esporte.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos, deficientes visuais, goalball, futebol de 5, história do esporte.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Jogos Paralímpicos são o segundo evento esportivo mundial que mais congrega atletas de diferentes países, ficando atrás apenas dos Jogos Olímpicos. Ao analisarmos a história de ambos os eventos, percebemos que o primeiro citado trata-se de uma competição criada recentemente. Enquanto os Jogos Olímpicos da Era Moderna começaram a ser reeditados a partir de 1896, os Jogos Paralímpicos são uma manifestação esportiva da segunda metade do século XX. Machado (2010, p.33) relata que na essência os Jogos Olímpicos “surgem como uma maneira de ressaltar seres humanos nomeados como perfeitos e de homenagear os deuses gregos; já as Paraolimpíadas [Jogos Paralímpicos] surgem como uma forma de reabilitação dos soldados lesionados de guerras”.

Desde 1960 os Jogos Paralímpicos vêm sendo editados e normalmente realizados no mesmo país dos Jogos Olímpicos. Porém, com o formato atual, ou seja, logo após os Jogos Olímpicos e utilizando as mesmas instalações do evento anterior, isto somente começou a se tornar tradição a partir dos Jogos de Seul, Coreia do Sul, 1988 (MARQUES *et al.*, 2009), pois, a partir de então, houve um comprometimento maior dos países sedes com ambas as competições. O Brasil tem participado desse evento desde a edição de 1972, na cidade de Heidelberg,

Alemanha (PARSONS; WINCKLER, 2012). No entanto, o país só tornou potência no esporte a partir dos anos 2000. Em 2012, o Brasil ficou em sétimo lugar no quadro geral de medalhas (FURTADO, 2012). Apesar deste quadro não ter representatividade e não ser produzido pelos Comitês Olímpicos e Paralímpicos Internacionais, visto que o objetivo de ambos os Jogos é conagraçamento entre os povos, tal resultado reflete os investimentos feitos no esporte de rendimento de pessoas com deficiência no país.

Como parafraseavam diversos veículos midiáticos (jornais, televisão, internet), os brasileiros “Brilharam em Londres”. Ao todo, foram 43 medalhas conquistadas nos Jogos Paralímpicos: 21 de ouro, 14 de prata e oito de bronze. As quais foram oriundas dos seguintes esportes: atletismo, bocha, esgrima, futebol de 5, goalball, judô e natação. Além disso, alguns atletas brasileiros protagonizaram feitos históricos, como, por exemplo, quando Alan Fonteles superou o velocista protetizado mais rápido do mundo até então, o sul-africano Oscar Pistorius, ou quando o sul-rio-grandense Jovane Guissone se tornou o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha na esgrima em cadeira de rodas na competição, e, felizmente, de ouro (FURTADO, 2012).

As conquistas brasileiras foram, na sua maioria, em esportes individuais, principalmente, na natação e atletismo. Entretanto, entre os esportes coletivos, o Brasil sagrou-se tricampeão no futebol de 5 e vice-campeão no goalbal, ambos esportes praticados por deficientes visuais. Na ocasião, os capitães das equipes foram atletas sul-rio-grandenses: Alexsander Almeida Maciel Celente (o Alex) no goalball e Ricardo Steinmetz Alves (o Ricardinho) no futebol de 5. Porém, para os atletas aquela não havia sido a primeira vez que estavam participando de Jogos Paralímpicos, pois estiveram presentes no evento de Pequim, China, 2008. Alex e Ricardinho também são os únicos atletas do estado do Rio Grande do Sul a participarem dos Jogos nessas modalidades, além de representarem as seleções nacionais a mais de uma década, respectivamente.

Apesar dessas e de outras semelhanças, os dois atletas possuem histórias diferentes no esporte. Enquanto um é um atleta considerado um dos pilares⁴⁶ da seleção de goalball, referência para seus companheiros, o outro é considerado como

⁴⁶ Termo usado em uma reportagem da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes para fazer referência ao atleta (CASQUEIRA, 2015).

um jovem “craque” do futebol de 5. Narrativas sobre as histórias de vida de atletas paralímpicos ainda são poucas (DE ASSIS, 2014; FURTADO, 2012; OSANDÓN, 2008), e estas, normalmente, enfocam atletas participantes de esportes individuais. Além disso, buscam trazer um discurso que enfatiza momentos de dificuldades relacionados à deficiência. Situação que também foi encontrada no estudo de Hilgemberg (2014), no qual foi analisada a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Londres.

Este é um estudo historiográfico no campo da história do esporte (VAMPLEW, 2013; MELO; FORTES, 2010; BURKE, 2005). Wamplew (2013, p.6) afirma que “tirando os ‘fatos esportivos’, que mostram quem ganhou o que, onde e de quanto, não há verdades absolutas na história do esporte”. Desta forma, neste texto não trataremos essas versões acerca das verdades, mas, sim, narrativas (ALBERTI, 2012) de sujeitos descrevendo histórias, vivências, percepções e representações acerca de um mundo social.

Dessa forma, sabendo da importância de estudos históricos que busquem preservar as memórias de atletas paralímpicos, com intuito de mantê-las vivas e, ao mesmo tempo, contribuir para o cenário esportivo paralímpico nacional, justificamos e ressaltamos a relevância da presente investigação. Diante do cenário acima apresentado, este estudo teve como objetivo estabelecer, historicamente, como dois deficientes visuais do estado do Rio Grande do Sul se tornaram atletas paralímpicos e se mantêm no esporte.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta será uma investigação de viés qualitativo, pois, em síntese, busca por meio de representações e subjetividades humanas demonstrar a realidade que se apresenta (TRIVIÑOS, 1987; POPE; MAYS, 2009). Na construção deste estudo nos utilizamos dos procedimentos teórico-metodológicos da história oral (ALBERTI, 2010; MEIHY, 2005; THOMPSON, 1992).

A história oral pressupõe técnicas de coleta de informações através da relação com sujeitos históricos entrevistados, antes durante e após o ato da entrevista (ALBERTI, 1989). Estas vão desde a escolha acerca de quem entrevistar, o contato inicial com o entrevistado, as perguntas a serem feitas, a relação de empatia que se estabelece com os sujeitos durante a entrevista, a transcrição dos

registros orais, o retorno do material e aprovação do mesmo pelo entrevistado, além dos fins dados aos depoimentos produzidos.

Sarat (2014, p. 517) menciona que a história oral “nasce e se fortalece, a princípio, como uma possibilidade de dar voz àqueles e àquelas que haviam sido silenciados pela história factual e oficial”. Assim, em investigações relacionadas à história do esporte, a “história oral pode fornecer uma percepção pessoal sobre os eventos e o que eles significaram para um grupo específico de pessoas, dando vida à evidência histórica” (VAMPLEW, 2013, p. 9).

Ao referenciar depoimentos orais, intrinsecamente, estabelecemos uma relação com as memórias das pessoas. De acordo com Le Goff (2006, p. 423), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Ou seja, remete à estrutura concreta capaz de armazenar e codificar informações.

O elemento mais abstrato ligado à memória está atrelado às “manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória” (LE GOFF, 2006, p.426). É o poder intrínseco à memória, capaz de movê-la ou modificá-la, de acordo com a seletividade, intenção, gostos, vontades, entre outras coisas. A memória é, em suma, vivida pelo sujeito ou apropriada por ele; é parte de sua essência, de suas crenças e convicções, pois ela seleciona o que será lembrado e, talvez, narrado.

A memória pode ser coletiva quando esta é uma propriedade que representa um grupo, que apresenta relações com o contexto e com as forças sociais. Remete ao que é importante, significativo ou marcante para uma comunidade, ou seja, é um traço identitário. No entanto, não podemos falar de memória sem mencionar um de seus elementos mais essenciais, que a torna pública e que a legitimam como algo íntimo e pessoal: a narrativa. Ela pode ser entendida como a materialização ou a forma de expressar a memória, que, por sua vez, pode ter relações com a própria oralidade, pois a mesma pode não dar conta de expressar o que o detentor da memória quer compartilhar.

Diante desse contexto, estabelecemos as memórias dos atletas paralímpicos Alex e Ricardinho e de pessoas que estão ou estiveram presentes em suas formações enquanto atletas, como nossas principais fontes de informação na

construção deste estudo, as quais se materializam em narrativas por meio de entrevistas. Além disso, valemo-nos dos princípios e técnicas estabelecidas pela história oral. Em posse dos documentos produzidos nas entrevistas, cotejamos as informações que seguem nos capítulos a seguir.

OS ATLETAS

Quando pensamos em atletas, o que nos vêm à mente? Pessoas fortes? Saudáveis? Esportistas? Heróis?... Enfim, essas são algumas das inúmeras representações que fazem parte de um imaginário acerca dos personagens principais do campo esportivo: os atletas. Rubio (2001), por exemplo, busca tecer relações e aproximações entre o atleta contemporâneo com herói mítico, as quais fazem com que este atleta seja considerado um herói símbolo de idolatria, sendo as demonstrações de força e coragem ou a realização de virtudes destinadas a poucos elementos característicos deste sujeito. Todavia, a princípio, este imaginário representa atletas sem deficiência, àqueles que são “perfeitos” por natureza, que exalam vigor físico e são praticamente “endeusados” pela mídia e por grande parte dos demais mortais.

Aos sujeitos imperfeitos, que lhes faltam um ou mais membros, andam tortos, enxergam pouco ou não enxergam, será que se pode atribuir o arquétipo do atleta herói? Será que seus feitos não são tão ou mais heroicos do que os de atletas convencionais, se assim pode-se dizer? Respostas para questões como estas são complexas ou, talvez, não tenham apenas uma resposta para cada uma, mas, sim, respostas. Não nos cabe proferir juízo de valor, no entanto, buscaremos elementos para mostrar como os dois sujeitos escolhidos para esta investigação, através de suas trajetórias esportivas, constituem-se atletas paralímpicos.

Ao mesmo tempo, percebemos a necessidade de nos posicionarmos sobre o tratamento dado as histórias de vida dos atletas, ou seja, com respeito e os valorizando enquanto esportistas de alto rendimento. Isto, porque, reiteramos, concordamos com a posição de Hilgemberg (2014), que, por sua vez, discorda do discurso que enfatiza uma suposta tragédia de vida do atleta e que tem no esporte um meio de superação do sofrimento. A superação é, de fato, uma característica do atleta em si, que faz parte da sua essência, e que, tendo algum tipo de deficiência ou não, é capaz de transformá-lo em um herói. “Contudo, no caso de atletas

paralímpicos a superação é entendida como uma forma de compensação, e apenas o esforço para se tornar um paratleta é suficiente para que o mesmo seja louvado como herói” (HILGEMBERG, 2014, p. 12).

Dessa forma, nossa intenção é mostrá-los como atletas dignos por seus feitos e por suas trajetórias no esporte, sem estigmatiza-los pela deficiência ou reforçá-los como símbolo de superação apenas por praticarem esportes. Pois, se entendermos a deficiência como “qualquer restrição ou perda na execução de uma atividade, resultante de um impedimento, na forma ou dentro de limites considerados como normais para o ser humano” (MARQUES; CIDADE; LOPES, 2009, p.120), o simples fato de uma pessoa com deficiência se utilizar de estratégias ou adaptações para realizar atividades diárias já seria uma forma de superação.

ALEX CELENTE: o “ pilar” Gaúcho

Alexsander Almeida Maciel Celente, Alex Celente, como anuncia seu uniforme esportivo, ou Gaúcho, como é chamado por seus colegas de seleção brasileira, é um atleta praticante do goalball. Este é o único esporte criado especificamente para a prática de pessoas com deficiência visual, não sendo adaptado de um esporte “convencional”.

Como mencionamos anteriormente, este é um esporte coletivo e, ao mesmo tempo de oposição, sendo três jogadores em cada equipe (o central e os alas direito e esquerdo), além de três jogadores reservas. A disputa ocorre em uma quadra retangular nas mesmas medidas da quadra de voleibol, que é dividida ao meio, tendo cada lado três áreas de mesmo tamanho (3m x 9m), são elas: área de defesa (próxima ao fundo da quadra), área de ataque (central de cada lado) e área neutra (próxima ao meio da quadra). Há traves que ficam em toda a extensão do fundo da quadra, as quais medem 9m de largura e 1,3m altura, além de linhas em relevo para melhor orientação dos atletas. O objetivo do jogo é fazer com que a bola adentre o espaço da trave adversária e, ao mesmo tempo, evitar que a mesma entre no espaço da trave de sua equipe (DA SILVA; DE ALMEIDA; ANTÉRIO, 2015; DO NASCIMENTO; MORATO, 2006).

Para tanto, os praticantes utilizam uma bola oca feita de borracha espessa e que possui guizos no seu interior. Esta bola é semelhante a do basquetebol, porém quica pouco e é mais pesada, sendo superior a um quilo. A bola é arremessada com

uma ou duas mãos e devendo tocar o solo em áreas específicas (neutra e de ataque) durante sua trajetória pela quadra. Lançamentos são feitos na posição em pé e as ações defensivas são feitas junto ao chão. Existem três tipos de lançamento: frontal tipo boliche, com giro e de costas. A equipe que marcar mais gols em um período de dois tempos de 12 minutos é a vencedora. As partidas ocorrem em silêncio dos praticantes e espectadores, pois é necessário para que os atletas se orientem pelos sons da bola. Além disso, todos os praticantes precisam utilizar vendas, pois assim é garantida a igualdade de condições (DA SILVA; DE ALMEIDA; ANTÉRIO, 2015; MORATO, DE ALMEIDA, 2012).

O goalball foi criado após a II Guerra Mundial, em 1946, na Alemanha para a prática de lesados pela guerra que vieram a se tornar deficientes visuais. O esporte estreou nos Jogos Paralímpicos na edição de Heidelberg, Alemanha, 1972, como modalidade de exibição e posteriormente passou a integrar o programa oficial do evento (MORATO, DE ALMEIDA, 2012; TOSIM *et al.*, 2008). No Brasil, sua prática é mais recente datando do final da década de 1980 e o início dos anos 1990. O Prof. Mario Sergio Fontes⁴⁷, em entrevista, revelou que

Em 85, o professor Steven Dubner de São Paulo nos relatou que existia uma modalidade para cegos, disputada lançando a bola com as mãos e nos deu alguns informativos. Nós não tínhamos mais dados e, em 1986, eu [...] fiquei sabendo que haveria um Campeonato Mundial de Goalball na Holanda. [...] tentei inscrever a seleção brasileira para essa competição. Lógico que foi me dito que as coisas não eram assim, haveria classificatórias, haveria qualificatórias e assim por diante. Não conseguindo levar a seleção brasileira, então eu e o professor Sinésio Follmann fomos à Holanda em outubro de 1986. Lá nós conhecemos como eram as regras, conhecemos as dimensões das quadras, como é que era. Em 85, quando o professor Steven nos deu a notícia, nos comentou de como seria a modalidade, mas o conhecimento da modalidade nós fomos ter mesmo lá nesse campeonato. Naquela ocasião, ao voltar para o Brasil, eu trouxe as primeiras bolas que vieram para o Brasil. [...] Em 1987, já realizamos o primeiro Campeonato Brasileiro de Goalball.

No Rio Grande do Sul, a trajetória do esporte foi um pouco diferente. Antes de o goalball começar a ser praticado, um esporte coirmão foi introduzido no estado: o torball. Este esporte é muito semelhante ao goalball, mas com algumas

⁴⁷Deficiente visual paranaense, professor de educação física, atleta paralímpico, um dos fundadores da ABDC (Associação Brasileira de Desporto para Cegos), atual CBDV (Confederação Brasileira de Desporto de Deficientes Visuais), e um dos grandes militantes e incentivadores dos esportes de deficientes visuais no país.

particularidades: bola menor, diferente disposição dos atletas em quadra, entre outras. O torball foi introduzido, provavelmente, nos primeiros anos da década de 1990, mas sua prática permaneceu por pouco tempo e logo o goalball passou a ser desenvolvido.

Alex, o atleta expoente da modalidade no estado sul-rio-grandense, iniciou a praticar o goalball na escola. Na época era aluno interno do Instituto Santa Luzia da cidade de Porto Alegre, instituição de ensino referência no ensino de deficientes visuais no Rio Grande do Sul. O atleta recorda que

Dentro das aulas de Educação Física nós praticávamos o goalball e depois tinham torneiros dentro da própria escola, entre as turmas ou entre os alunos que possuíam deficiência. Nestes torneiros, eu fui pegando o gosto e gostando muito, tanto é que até nas horas vagas eu pegava a bola e ia brincar no ginásio com os colegas.

Alex permaneceu na escola por alguns anos e depois passou a estudar na Escola Cônego Paulo de Nadal, também na capital, onde concluiu o ensino fundamental. Sua formação no ensino médio e técnico se deu no Colégio Estadual Protásio Alves, localizado mais ao centro da cidade. Porém, as aulas de Educação Física para os alunos com deficiência não eram nas dependências da instituição, mas, sim, no CETE (Centro Estadual de Treino Esportivo).

As aulas de Educação Física para as pessoas com deficiência da escola não eram feitas ali, porque não tinha estrutura e, por isso, o professor não tinha como passar as coisas para nós. Nós fazíamos as nossas aulas duas vezes por semana no CETE, com a professora Lia [Lia Teresinha Hoffmann]. Era fora do período de aula, marcávamos e íamos. Ela passava atletismo, passava corrida, passava várias atividades, várias mesmo. Dentre elas, o goalball. Foi ali que eu comecei a me destacar, porque eu gostava, então, nas aulas dela eu já sabia jogar e ela viu que eu tinha um potencial grande. Mesmo entre os maiores, que iam fazer Educação Física lá, eu me destacava muito bem entre eles. Já no primeiro ano, em 1995, eu comecei a fazer aula com ela e ela me colocou em uma equipe, que ela era treinadora e eu fui jogar com os mais velhos. No primeiro ano eu fui banco e tal, mas já tive experiência de campeonato em 1995. Depois eu não saí mais. Daí eu comecei a jogar com ela. Joguei com ela até 1999, fui campeão duas vezes com ela.

Rubio (2006), ao trazer memórias de atletas brasileiros, revela que vários atletas olímpicos tiveram o primeiro contato com o esporte na escola e foram incentivados pelos professores e pelas aulas de Educação Física. Desta forma, percebe-se que a trajetória do atleta em questão não é diferente.

Em 1995, Alex representou a Associação do Centro Esportivo Louis Braille a qual era vinculada ao Centro Louis Braille, uma escola do estado destinada ao ensino dos deficientes visuais. Em 1996, formaram a Associação de Amigos dos CETE (ACETE), a qual representou de 1996 a 1998. Durante este período, foi duas vezes campeão brasileiro da modalidade: 1997 e 1998. Alex lembra que as viagens eram feitas de micro-ônibus e normalmente ficavam alojados em escolas durante as competições. As condições nem sempre eram as melhores.

Em 1999, parte da equipe da ACETE se desmembrou e, em parceria com o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, formou uma nova equipe. Carlos Aurélio Machado Gomes, na época um entusiasta da modalidade e hoje professor de Educação Física, assumiu como técnico. Ele recorda

[...] eles acabaram conseguindo com o Grêmio uma espécie de patrocínio. Assim, acabaram deixando ela [profa. Lia] e me convidaram para ser o técnico. Em 1999, eu assumi como técnico e, a partir daí, nós só fomos. Só que no Grêmio, nós ficamos somente neste ano. Depois, no ano seguinte, deu um problema e nós tivemos que mudar.

Acerca da parceria com o Grêmio, Alex lembra que só lhes foi cedido o espaço físico para os treinamentos. Ele também lembra que o “pessoal do Grêmio aceitou e eles até se filiaram na confederação, mas não houve um interesse maior”. Alex enfatiza que “ninguém nunca foi ver um treino e goalball e não disponibilizavam professor”. Na época, tiveram que viajar para o campeonato brasileiro e o clube também não contribuiu. Depois disto, “acabamos saindo fora”, conta Alex. Mesmo sem apoio, participaram da competição nacional e sagraram-se campeões. Aurélio conta que, em 1999, “fomos campeões do regional e fomos campeões, também, nacionais, só com três atletas”.

Em 2000, iniciaram uma parceria com o Instituto Santa Luzia que durou até 2002 e, em 2003, a equipe se transferiu para ACERGS (Associação dos Cegos do Estado do Rio Grande do Sul). Alex permaneceu com a equipe representando a ACERGS até 2010. Ele lembra que nesse período “fomos campeões em 2004, vice-campeões em 2006, terceiro em 2007. [...] Em 2008 também fomos vice-campeões, em 2009 vice-campeões”, todas conquistas em campeonatos brasileiros de goalball. Depois passou a competir por equipes de fora do estado.

Atualmente, Alex é o atleta brasileiro que há mais tempo representa a seleção brasileira.

Em 2001, eu fui convocado pela primeira vez. Só que, como eu recém tinha sido nomeado na prefeitura de Alvorada, eu não quis participar. Não tinha conhecimento da lei que me amparava e que me dava dispensa, então eu pedi dispensa. Não fui para a seleção naquele ano e o pessoal foi para os Estados Unidos e eu já tinha sido convocado e não fui. Aí, em 2002, sim, eu já tinha conhecimento, já estava trabalhando há mais tempo, fui. Daí, eu não sei mais da seleção, graças a Deus. Até hoje eu estou conseguindo me manter entre os seis que sempre são convocados no início do ano.

No mesmo ano em que ocorreu a primeira participação de Alex na seleção, ele teve a oportunidade representar o país no VII Campeonato Mundial de Goalball que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. Morato e Almeida (2012) afirmam que, a partir desta competição, houve um crescimento da prática no país. A partir deste evento, que possibilitou um maior intercâmbio entre os atletas e treinadores, os brasileiros descobriram um novo tipo de arremesso, mais potente, o com giro. Carlos Aurélio relembra que Alex buscou conhecer e se aprimorar na técnica do novo arremesso para progredir no esporte.

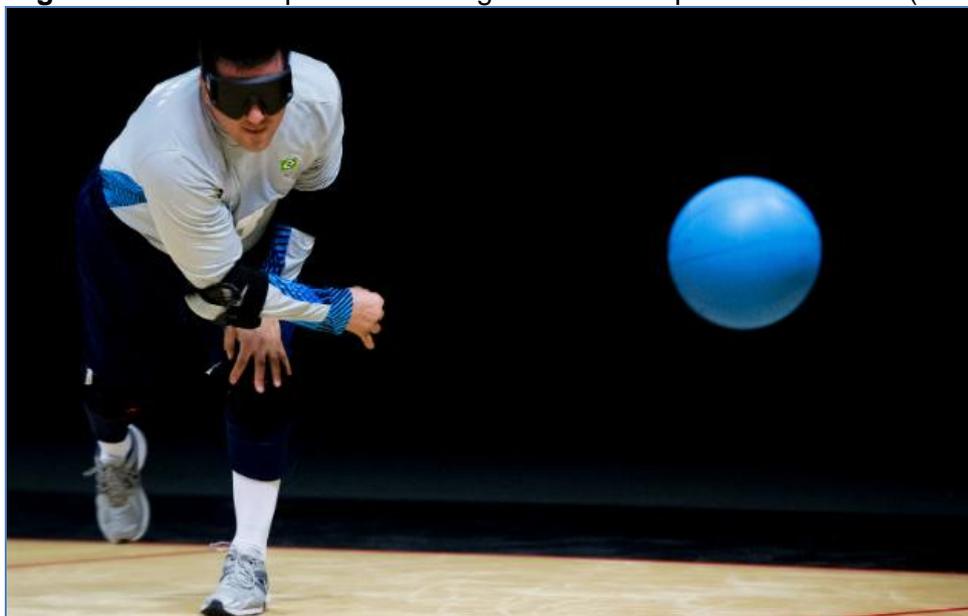
Um momento importante para ele foi quando ele foi para a seleção, em 2002. Quando nós vimos o nível técnico dos atletas internacionais, ele chegou para mim e disse: “Aurélio, nós precisamos trocar o meu arremesso, porque não está dando certo”. Foi aí que nós começamos a explorar um arremesso mais técnico, que seria o arremesso de giro. É um arremesso de muita técnica e de muita explosão. Chegava final de semana e nós arranjávamos uma quadra emprestada e ficava lá, duas ou três horas, só trabalhando giro. Tanto que, hoje em dia ele é um dos arremessos mais fortes do Brasil e de técnica impecável.

Alex reconhece o trabalho de Aurélio na mudança de seu estilo de arremesso, pois, segundo ele, “foi o Aurélio que me deu a base, ele olhava os vídeos e me ensinou”. Após aprender a nova técnica, seu arremesso passou a ser “muito rápido mesmo. Hoje está melhor ainda, mas, na época eu aprendi, era o mais forte do Brasil”, comenta o atleta.

Com a seleção brasileira de goalball, Alex integrou a primeira equipe do país a participar dos Jogos Paralímpicos, na edição de Pequim, China, 2008. Sagrou-se vice-campeão dos Jogos Paralímpicos de Londres, Inglaterra, 2012. Além disso, integrou a equipe campeã mundial goalball na Finlândia em 2014 e é atual

bicampeão dos Parapan-Americanos, com títulos em Guadalajara, México, 2011, e Toronto, Canadá, 2015.

Imagem 12 - Alex competindo nos Jogos de Paralímpicos de Londres (2012).



Fonte: Site oficial do Comitê Paralímpico Brasileiro (<http://www.cpb.org.br>).

RICARDINHO: o melhor do mundo

Ricardo Steinmetz Alves ou Ricardinho, como é mais conhecido, é atleta do futebol de 5, outro esporte destinado a prática de deficientes. Este esporte é muito semelhante ao futsal, com as mesmas dimensões da quadra, mesmo tamanho de goleira e mesmo número de jogadores. Todos os atletas, exceto o goleiro que é um vidente, são cegos ou possuem um pequeno resíduo visual e durante as disputas utilizam vendas para estarem em condição de igualdade. Os jogos também ocorrem em silêncio dos expectadores, porém algumas pessoas podem se comunicar com os atletas durante a partida de acordo com determinadas zonas da quadra. O goleiro, que possui uma área reduzida de atuação, orienta os atletas na terça defensiva do lado da quadra de sua equipe. O técnico orienta no terço médio ou de orientação. Por fim, o chamador, que se localiza atrás da trave adversária, orienta os jogadores de sua equipe no terço ofensivo (DE SOUZA, 2014; FONTES, 2006).

No futebol de 5 as partidas são divididas em dois tempos de 25 minutos e as bolas possuem guizos a fim de facilitar a orientação dos praticantes. As disputas ocorrem em quadras abertas, que podem ser feitas de grama ou pisos duros. Para

favorecer a dinâmica do jogo, existem bandas laterais de 1,20m de altura que ajudam a impedir que a bola saia do jogo (FREIRE; MORATO, 2012; MORATO *et al.*, 2011a).

A configuração atual do futebol de 5 é relativamente recente, datando a década de 1990, quando houve a compilação de regras brasileiras e espanholas através de um subcomitê da Federação Internacional de Esportes de Cegos. A unificação das regras foi o primeiro passo para que o esporte se tornasse parte do programa dos Jogos Paralímpicos. No entanto, para tanto, era necessário que, entre outros requisitos, ocorresse três campeonatos mundiais. Então, em cinco anos, de 1998 a 2002, foram realizadas as três edições do torneio para credenciar o esporte, e, assim, em 2004, nos Jogos de Atenas, Grécia, o futebol de 5 passou a integrar o programa. A equipe brasileira é a atual tricampeã dos Jogos. Além disso, após a conquista da inserção do esporte no programa, os campeonatos mundiais começaram a serem disputados a cada quatro anos a partir de 2006 (FREIRE; CONRADO, 2014; FREIRE; MORATO, 2012).

No Brasil, anteriormente ao futebol de 5, o futebol já era praticado por deficientes visuais. No princípio, de forma rudimentar dentro dos institutos de educação dos cegos e posteriormente em associações próprias da comunidade. A primeira competição na qual houve a inserção do futebol de deficientes visuais ocorreu na década de 1970, no Instituto Santa Luzia de Porto Alegre (FONTES, 2006).

Ricardinho, eleito o melhor jogador de futebol de 5 do mundo nos campeonatos mundiais de 2006 na Argentina e de 2014 no Japão, foi aluno do Instituto Santa Luzia e lá teve o primeiro contato com o esporte nas aulas de Educação Física. Natural de Osório no litoral do Rio Grande do Sul, em 1998, Ricardinho mudou com a família para a capital do estado com o propósito de buscar melhores condições de ensino. Na sua época o instituto não tinha mais o regime de internato. Antes de perder a visão, o atleta já vislumbrava ser um jogador de futebol, como revelou em seu depoimento.

Antes de perder a visão, eu tinha um sonho muito grande de ser jogador de futebol. Quando eu tinha cinco, seis anos eu já brincava com bola lá em Osório, e eu já tinha uma facilidade. [...] Quando eu perdi a visão, além do baque da perda da visão, eu pensei: “e agora, foi-se embora o meu sonho, nunca mais eu irei jogar bola”. Eu nem sonhava que existia futebol de cinco, nem imaginava que cego

poderia jogar bola. [...] Quando eu vim estudar no Santa Luzia, nós tínhamos o professor Dodô [Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira]. Um dia ele passou nas turmas, convidando os alunos cegos para fazer esporte no turno inverso das aulas. Então eu fui, pois sempre gostei de esportes, mas nem sonhei que iria ter futebol. No primeiro dia, ele deu algumas aulas referentes ao atletismo, passou pelo goalball. E chegou o dia em que veio o futebol, eu fiquei bem surpreso, perguntava sobre o esporte e ele me disse: “tem clubes no Brasil, existe a seleção brasileira, várias seleções pelo mundo a fora. E se tu gostas, podes tentar ser um jogador de futebol”. E eu comecei a treinar com ele, com dez anos, e quando eu tinha treze anos ele colocou uma rotina de treinos mais elaborados de futsal, uma espécie de escolinha, que me desenvolveu bastante também, que tinha uma frequência maior.

Morato e colaboradores (2011b, p. 51) afirmam que “ser jogador de futebol ainda é o sonho de muitas crianças nesse país e não é diferente também para algumas pessoas cegas”, caso que pode ser percebido na fala de Ricardinho. Paralelamente a escola, Ricardo também confessa ter jogado futebol na rua com seus amigos e ter dedicado muito tempo para praticar chutes nas paredes de sua casa.

[...] eu passava mais de hora no quintal chutando bola no muro. Dominava, simulava um drible, chutava com um pé, chutava com o outro [...] E eu jogava também com os meus amigos no meu da rua, aonde fosse, junto com os meus amigos que enxergavam. Isso me trazia uma dificuldade imensa, mas, ao mesmo tempo, eu estava treinando em uma situação difícil, que quando eu fui jogar no meu de cegos me facilitou. E eu jogava com bola dentro da sacola, pois não tinha bola de guizo, apenas na escola tinha. [...] os meus amigos traziam sacolas. Cada um levava duas ou três sacolas, porque nós jogávamos cinco, dez minutos e tínhamos que trocar de sacola, pois rasgava.

A improvisação de materiais é outra situação semelhante ao estudo de Morato e colaboradores (2011b), pois há relatos de alguns de seus entrevistados que diziam também utilizar sacolas, visto que era a adaptação mais simples. Ricardinho até seus 15 anos de idade permaneceu apenas praticando o futebol na escola, mas, aos 13, já havia sido convidado para ingressar na equipe da ACERGS. No entanto, seu pai foi cauteloso e não permitiu a sua admissão, visto que se tratava de uma equipe adulta. Ele lembra que

[...] o próprio Dodô falava de mim para o pessoal da ACERGS: “tô com um guri que tem um bom potencial”. Diante disso, o pessoal foi me observar nos treinos. E quando eu tinha treze anos eles já queriam me levar, mas o meu pai não deixou, pois ele sabia que eles

iriam me colocar junto com os “caras” grandes e eu era muito franzino ainda. O meu pai disse: “vamos dar mais um tempo, quando tu tiver uns quinze anos aí tu vais”. Eu esperei, mas demorou a passar, e quando eu completei quinze anos meu pai me levou. [...] E eles me receberam muito bem, lembro que no primeiro treino foi muito agradável à recepção, e eu já me senti bem à vontade, treinei bem. O treinador também foi muito gente boa. No primeiro ano, fui me adaptando a nova realidade, e no ano seguinte teve um salto grande, pois as coisas aconteceram bem rápido para mim.

A última frase anunciada por Ricardinho indica a sua rápida ascensão como atleta. Em 2004, no seu primeiro ano na equipe da ACERGS, ele foi preservado por estar iniciando, como lembra seu técnico na época Ismael Baldissera.

Aquele ano nós o preservamos o máximo. Podíamos colocar ele como titular, já que tinha condições de jogar, mas ele sempre entrava. [...] no brasileiro, teve o último jogo que ele entrou como titular e ele fez um gol também e senti que ele logo iria ser um dos melhores do mundo.

Em 2005, já como titular da ACERGS, foi campeão brasileiro e isto com apenas 16 anos de idade. O que lhe rendeu, neste mesmo ano, sua primeira convocação para a seleção brasileira para participar de uma série de amistosos.

Eu “estourei” mesmo com 16 anos e já fui chamado para a seleção brasileira. As pessoas falavam para mim: “se tu te dedicares, se fores humilde, tiver a cabeça boa, treinar, provavelmente quando tu tiveres 19, 20 anos tu terás uma chance na seleção brasileira”. E eu sonhava com isso, eu queria jogar na seleção brasileira, porém eu via aquilo, como um sonho, mas sabia que era muito difícil. Afinal, eu tinha referência dos “caras” que jogavam, do que falavam, que o nível era altíssimo, e realmente é. Então eu pensava: “eu quero isso! Eu vou atrás!”.

Persistência, dedicação, vontade vencer, são características destacadas por Rubio (2006) como determinantes no sucesso de atletas olímpicos e, com nosso exemplo, podemos perceber que isso não difere para um atleta paralímpico.

No outro ano [2006], quando eu já tinha 17 anos, foi um salto maior ainda, pois veio a primeira competição oficial com a seleção brasileira, a Copa América realizada aqui em São Paulo. Meu primeiro jogo oficial com a camiseta da seleção, Brasil X Bolívia, fiz seis gols na estreia. Só Deus, né?! É claro que a Bolívia é um time bem inferior ao Brasil, nós vencemos de 13 X 0, mas, mesmo assim, eu fiz os gols, não me gabando nem nada, mas eu entrei e aproveitei uma chance que eu tive. Deram-me uma oportunidade de já sair titular, naquele campeonato, porque eu estava treinando bem com a seleção. [...] que tudo que eu tenho feito e o que eu fiz e essa ascensão tão rápida, foi Deus que me oportunizou, isso eu não tenho

dúvidas. Quando chegou no final do ano, veio o Campeonato Mundial realizado em Buenos Aires. Nós jogamos a final com a Argentina e perdemos. [...] Na festa de encerramento, eu estava sentado na mesa do pessoal do Brasil. Todas as seleções lá e acontece a entrega das premiações e eu bem disperso. Daqui a pouco chamam o melhor jogador do mundo e eu distraído conversando. Então eu ouço: “vai, vai que foi tu.” [...] Fiquei todo perdido. [...] eu nem imagina chegar na seleção antes dos 19, 20 anos, cheguei aos 16 anos, tive uma ascensão enorme, e com 17 anos ser o melhor jogador do mundo.

Ricardinho teve uma rápida ascensão no esporte logo no início de sua carreira, porém suas conquistas não pararam por ai. Em 2008, foi campeão paralímpico nos Jogos de Pequim. Campeão mundial em 2010, no campeonato mundial da modalidade na Inglaterra. Em 2012, se tornou bicampeão paralímpico em Londres (FREIRE; CONRADO, 2014). Em 2014, também se tornou bicampeão do campeonato mundial no Japão, com o título de melhor jogador da competição novamente.

Paralelamente a sua trajetória na seleção brasileira, Ricardinho continuou sendo atleta da ACERGS, mas, em 2010, grande parte da equipe se desmembrou da associação fundando uma nova entidade destinada exclusivamente ao esporte: a Associação Gaúcha de Futsal para Cegos (AGAFUC). No primeiro ano de fundação da nova equipe, como teriam que disputar a segunda divisão do campeonato nacional de futebol de 5, Ricardinho representou uma equipe fora do estado, Associação Paraibana de Cegos da Paraíba (APACE), porém retornou à equipe AGAFUC no ano seguinte, visto que a equipe tinha conquistado o acesso a elite do campeonato nacional e, desde então, Ricardinho tem representado a equipe sul-riograndense.

Apenas um ano eu sai e joguei numa equipe de João Pessoa. [...] Foi num ano de transição, quando a AGAFUC abriu [...] O nível da série B era muito baixo, e eu sabia que existiam duas coisas. Primeiro, que a AGAFUC não precisava do meu futebol para jogar a série B e [...] ela tem um histórico de ser muito agressivo. E eu pensava: “vou jogar um campeonato que a AGAFUC não precisa de mim. Os caras batem até na sombra. Daqui a pouco eu tenho uma lesão boba que pode me atrapalhar na seleção”, por isso fui para João Pessoa. [...] Hoje, eu faço o maior esforço para ficar na AGAFUC. Eu saí um ano, mas eu sempre quero estar representando o meu estado, quero estar perto dos meus amigos e da minha família. Podes ter certeza, se eu puder ficar na AGAFUC, eu sempre vou estar aqui. Porque eu tenho um vínculo muito grande com os meus amigos, com a cidade, com os nossos torcedores. Nós jogamos aqui e o pessoal acompanha, eu tenho uma gratidão grande por eles também, porque eu faço muito

por eles dentro da quadra, mas eles fazem muito por mim também. Tanto os meus amigos, quanto as pessoas, estão à disposição para me ajudarem a qualquer momento que eu precise. E é o que eu venho falando, o futebol, a bola é bom e tudo, mas essas coisas que cercam o esporte, a amizade, o companheirismo são melhor ainda, e esse valor que eu dou. Por isso, se possível que quero fazer a minha história sempre aqui. Já rejeitei muitas propostas de times do Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Curitiba até de fora do Brasil já vieram sondagens; embora que as melhores equipes estejam no Brasil, os melhores atletas.

A fala de Ricardinho, ao mesmo tempo em que descreve os motivos de sua breve saída da equipe do estado, reforça a importância da família e dos amigos, ou seja, de condições afetivas e emocionais, para que se mantenha jogando no Rio Grande do Sul. Estudos sobre aspectos dessa natureza reforçam a família e amigos como fundamentais na formação, estrutura e manutenção do atleta no esporte (BENFICA , 2012; FLORENCE, 2009; RANIERI, 2010).

Além disso, cabe mencionar uma situação diferenciada que o atleta se encontra atualmente, pois o Ricardinho se mantém financeiramente através do esporte, ou seja, com dedicação integral como afirma Marques (2010). O autor menciona que há dois de atletas paralímpicos brasileiros: os com dedicação integral ou parcial ao esporte de forma profissional. Alex, por sua vez, se encaixaria na segunda classificação, pois, ao mesmo tempo, mantém seu trabalho como servidor público.

Imagem 13 - Ricardinho competindo nos Jogos de Paralímpicos de Londres (2012).



Fonte: Site oficial do Comitê Paralímpico Brasileiro (<http://www.cpb.org.br>).

OS JOGOS PARALÍMPICOS: os capitães sul-rio-grandenses

O objetivo de cada atleta, quando ele ingressa, quando ele se propõe a ser atleta, ele tem o objetivo, ele tem uma meta, ele quer ficar bem na sua modalidade e a ideia é ser campeão. Mas, acima de tudo, ele tem uma meta de ir para a seleção e ser um campeão paralímpico, porque é a competição “*top*”, competição máxima do esporte.

São com as palavras proferidas por Alex que iniciamos este tópico de discussão. Elas, por sua vez, representam um sonho ou uma meta que permeia a vida dos atletas, paralímpicos ou não, de participar do evento olímpico ou paralímpico e conquistar uma medalha. Em 2008, a equipe brasileira masculina de goalball pôde pela primeira vez participar dos Jogos Paralímpicos, que ocorreram na cidade de Pequim, China, e Alex estava entre os atletas. Na ocasião a equipe brasileira ficou na 11ª colocação. O atleta lembra que “nas paralimpíadas nós não fomos muito bem, nós não conhecíamos muitas equipes, faltava muita experiência ainda para a gente”. Ao mesmo tempo em que também recorda ter sido gratificante a sensação de estar lá.

Nós nunca tínhamos ido. A estrutura é gigante, é uma estrutura de alto nível. Nós até chegamos uma semana antes para aclimatar com o fuso horário e para não jogar nos primeiros dias com euforia, porque tu ficas: “Pô! Que legal, estou aqui!”. Então, a euforia passou no primeiro ou segundo dia, depois nós começamos a focar muito bem na competição, porque tem que fazer isso, não pode estar saindo à solta por aí porque tu estás lá e tal. Foi bem legal. É muito diferente, porque tu chegas na primeira semana e tiras fotos, deu tempo de passear dentro da vila olímpica, para conhecer, um pouco a cidade.

Ricardinho se lembra de realizar um sonho ao participar dos Jogos de Pequim e este sonho crescia ao conviver com atletas que já tinham participado do evento.

Esse era outro sonho. Em 2005, primeira vez que eu fui para seleção, um ano depois das Paralimpíadas de Atenas, era o assunto dos jogadores da seleção. Eu queria saber como tinha sido lá e eles me contaram toda a história da primeira medalha de ouro. E naquele momento eu desejei jogar uma Paralimpíada, ser campeão, era um sonho para mim.

A equipe brasileira de futebol de 5 foi campeã em Pequim e Ricardinho lembra da conquista como um momento marcante de sua carreira como atleta, pois lá, de fato, se tornou um atleta paralímpico.

Foi um campeonato bem difícil e na final nós enfrentamos a China, equipe da casa que era um pouco desconhecida. Baseávamos na tradição do futebol de campo que a China não tem um grande histórico, mas no futebol de 5 é diferente, eles são muito bons, tem uma equipe muito bem treinada, rápida. Tanto é que eles ganharam da Argentina, que é uma potência, ganharam da Espanha. [...] Fomos para a final. Primeiro tempo, 1 X 0 para China. Saímos perdendo. Estádio lotado. Fomos ao intervalo para o vestiário com aquela sensação [...] Às vezes tu começa a pensar: “será que é hoje que a bola não vai entrar!”. Tomamos um gol de contra-ataque. No entanto, voltamos para o jogo “na pegada”, um sol muito quente, muito calor lá. Foi um jogo de superação. Empatamos, eu fiz um gol de falta e empatei. E faltando 30 segundos para acabar o jogo, iria para prorrogação, nós fizemos o gol de tiro livre. Marquinho, o ala lá da Paraíba, guardou. Vencemos de uma forma emocionante, porque o jogo que estava perdido, contra um bom time, nós viramos nos últimos 30 segundos. Me marcou muito aquela partida. Por eu ter feito um gol, por ser minha a primeira medalha de ouro em Paralímpiadas Hoje eu tenho duas, pois em Londres 2012 eu também estava e fomos campeões. Mas o título em Pequim me marcou muito, foi emocionante por ter sido o primeiro em Paralímpiadas e pela maneira que foi. De virada, bem no final da partida. Foi demais!

Enquanto a equipe brasileira de futebol de 5 se afirmava ainda mais no cenário dos Jogos Paralímpicos, para Alex, os Jogos de Pequim serviram de aprendizado para a equipe brasileira de goalball.

As derrotas sempre trazem uma boa experiência para o atleta, porque tu vais aprender, geralmente, com os erros. É assim na vida, é assim no esporte, é assim em qualquer lugar. Então, às vezes, tu erras para nos outros anos saber o que aconteceu e mudar aquilo. Foi muito importante esta primeira paralimpíada.

Os Jogos de Londres, 2012, marcam um salto de qualidade da equipe brasileira masculina de goalball. Alex conta que sobre as expectativas na melhora da equipe na competição, pois os treinamentos haviam sido melhores, a equipe já tinha mais experiências internacionais e alguns já tinham participado da edição anterior dos Jogos.

Dentro da comissão e das expectativas da confederação, o objetivo era, no mínimo, ser quinto lugar. Mas, entre atletas [...] nós falávamos entre nós: “gurizada, nós vamos medalhar, nós temos

condições certas de medalhar”. Mas não sabíamos em que lugar. Aí passamos da semifinal, já estava com a medalha de prata na mão. [...] Depois do “vamos medalhar, vamos medalhar”, não tinha aquele foco “nós vamos ser campeões”. [...] Conversamos com os outros colegas também, mas aquilo interiorizou, “medalhamos”, e muitos colegas relaxaram na final. Não foi uma final real, não foi um placar real. Nós sabemos que nós poderíamos ter perdido, sim, ou ganhado, mas não daquele placar elástico que foi na final em Londres. [...] A final não me marcou, porque aquilo lá eu sabia que não foi real, mas a semifinal, foi um jogo espetacular, assim. Nossa! Nós ganhamos de uma equipe que tinha uma tradição gigante já, desde 2008, [a Lituânia] eles vinham sempre ficando “nas cabeças”. Tiramos eles de uma final. Para nós era uma equipe gigante. Depois, nós crescemos muito.

O Brasil perdeu a final paralímpica pelo placar de 8 x 1 da equipe da Finlândia, mesma equipe que venceu o mundial da modalidade ocorrido em 2014. A fala de Alex demonstra outras características de um atleta experiente e líder de equipe que compreendia as potencialidades do grupo de jogadores. O atleta hoje é o jogador com mais tempo de seleção e, para ele, algumas de suas características pessoais foram determinantes para isto.

Eu tenho uma liderança nata dentro de mim. Eu consigo trazer o grupo, eu consigo positivar o grupo. Dentro de quadra, eu consigo elevar o nível do grupo na questão de querer, na questão de raça, na questão de querer sair da baixa. Eu tenho esta liderança e isso não teve nenhum atleta ainda aqui no Brasil. Infelizmente não teve. Eu quero que tenha, não quero ser insubstituível. Ninguém é. Ainda não acharam nenhum atleta com esse nível e ainda tem a questão de sempre manter um cara experiente no grupo, também tem isso. Mas, não é só por isso, é porque eu também tenho esta característica minha de estar elevando o nível do grupo sempre.

Carlos Aurélio, seu ex-treinador, comenta características que o fazem, de fato, um atleta de alto nível e que Rubio (2006) mostra que são determinantes para o sucesso de um atleta olímpico, ou seja, uma espécie de “dom” misturado com vontade de vencer e dedicação aos treinamentos.

Ele é aquele tipo de pessoa que já nasce para aquilo, porque ele nasceu para o goalball. Desde que eu o conheci, ele era um atleta. Nasceu para ser atleta. Depois, quando eu comecei a treinar eles, na verdade eu não comecei a “treinar eles”, eu os ajudava, porque eu não conhecia nada muito de treinamento. Mas, eu ajudei no que eu pude. Exercícios que eu pesquisava e que nós fazíamos. Tentava, ao máximo, manter eles em forma. Mas, o Alex sempre foi um destaque. Ele sempre foi um cara que estava correndo na frente de nós. [...] Um dia estava chovendo e nós estávamos lá para treinar. E o Alex era um desses, não importava o tempo, ele estava lá. Ele é um atleta

que tem consciência e acho que é isso que um atleta precisa. Ele tem que ter consciência de que ele é atleta e que ele precisa fazer por ele, não só o técnico fazer por ele. Mas, ele precisa fazer por ele. E o Alex sempre fez tudo por ele, se tinha ou não o técnico junto, ele sempre se fez. Então, ele é um destaque merecido, campeão mundial. Não tem o que dizer. É o atleta que todo mundo quer ter.

Para o futebol de 5, Londres foi uma competição marcada como uma forma de reafirmar a posição conquistada pela seleção brasileira no cenário mundial. Ricardinho conta que havia certa pressão, pois desde 2006 não perdiam uma competição.

[...] Quando chegamos às Paralímpiadas de Londres, a questão da cobrança sobressaiu. O Brasil já tinha duas medalhas de ouro, 2004 e 2008. E as pessoas falavam assim: “A terceira medalha é certa! O Brasil está ganhando tudo”. Portanto, a carga de responsabilidade que jogaram era muito grande sobre a nossa equipe, uma pressão. E um favoritismo que realmente tem lógica, porque o Brasil vinha ganhando tudo e continua ganhando tudo, então é natural que as pessoas pensem assim. Porém, as pessoas não veem que nós ganhamos muitos títulos no sacrifício, no detalhe, fazendo gol faltando 30 segundo ou um minuto para terminar a partida. Diante disso, não é fácil, as equipes são boas. Os adversários estão nos estudando, estão evoluindo também na parte física e técnica. Todos se empenham para derrubar o Brasil, porque é a equipe do momento. Para quem não sabe, se eu não me engano, oito anos sem perder um título, sendo campeão de todos. Para ser mais exato, em novembro de 2006 nós perdemos aquele Mundial e de lá para cá, todos os campeonatos o Brasil foi medalha de ouro. Portanto, faz oitos anos que as equipes estão: “Pô! Nós temos que derrubar o Brasil, temos que achar uma forma”. E nesse ciclo para 2012 a pressão já era muito grande. Nós jogamos com essa pressão, mas o time é muito experiente, soube separar.

Em Londres, reiteramos, o Brasil voltou a conquistar a competição, porém, desta vez, sobre a equipe francesa. Na ocasião, Ricardinho já usava a braçadeira. Estar entre os melhores, ser “o melhor”, ser campeão paralímpico, ser capitão da seleção brasileira, são conquistas que fazem parte do currículo do atleta, no entanto, ele mostra-se consciente com relação a tudo isto e, de certa forma, justifica suas conquistas por seus valores pessoais.

Eu sou e tenho que ser a mesma pessoa sempre, porque quanto mais alto nós estamos, pior é o tombo. E eu não quero mudar o meu comportamento, não quero achar que isso que eu consegui veio sozinho. Eu sei que tive muita dedicação, eu sei que muitos profissionais me auxiliaram, muita gente. Mas eu sabia, que foi Deus que me oportunizou tudo, desde quando eu nasci e Deus me deu esse dom. E Deus dá o dom para as pessoas e as pessoas têm é

que saber aproveitar. Eu sempre tive essa consciência. [...] Eu, como atleta, já cheguei nos lugares mais altos e, como pessoa, eu não devo mudar ou se eu devo mudar é só para melhor. Tentar ser cada vez mais humilde. Ser uma boa pessoa para os outros, porque tudo isso que eu tenho feito, conseguido no futebol vai passar, amanhã ou depois eu não estarei mais jogando, a carreira no futebol é curta e o que ficará é o que eu realmente sou. A amizade que eu tenho por todos. Eu me orgulho em falar que já rodei esse mundo e o Brasil jogando por clubes e, aonde eu vou, tenho amizades. Os atletas de todas as equipes veem conversar comigo antes dos jogos, nos intervalos, ao final das partidas e eu nunca tive uma desavença dentro de uma partida com ninguém, as pessoas me respeitam mesmo, porque eu as respeito também. Quando eu estou jogando eu quero ganhar, eu faço o meu melhor para sair com vitória, mas não preciso estar esnobando ninguém para impor o meu futebol. Se eu vou e faço os meus golzinhos ou o meu time ganha bem, por goleada, por 1 X 0, 5 X 0 ou 10 X 0, para mim é a mesma coisa. Eu não mudo o meu comportamento, porque eu não gostaria que eles fizessem comigo. Acho que uma coisa importante que Deus falou e que é bíblico, é que a gente deve fazer para as pessoas o que nós gostaríamos que fizessem com a gente, isso eu aprendi como lição e costume sempre usar. É bom, não tem preço ir aos lugares e ser bem tratado, tratar bem, ter amigos aonde quer que vá, é isso que vai ficar para minha vida.

Esta parte final do depoimento de Ricardinho nos mostra, entre outras coisas, o papel e o valor que o esporte tem em sua vida. Através do esporte ele pode se tornar um atleta reconhecido e, ao mesmo tempo, incluído socialmente. O que vai ao encontro com a investigação de Silva (2007), a qual o estudo revelou que o esporte foi uma forma de atletas deficientes se sentirem incluídas novamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo analisamos as histórias de vida de dois atletas paralímpico brasileiros, sul-rio-grandenses, deficientes visuais, praticantes de esportes coletivos, participantes das duas últimas edições dos Jogos Paralímpicos, capitães das seleções nacionais, medalhistas e, acima de tudo, atletas. Foram eles: Alex do goalball e Ricardinho do futebol de 5. Os atletas tiveram a iniciação esportiva no Instituto Santa Luzia da capital sul-rio-grandense, porém em períodos distintos. Ambos possuem trajetórias únicas, mas, ao mesmo tempo, possuem semelhanças que levaram a se tornarem atletas de alto rendimento: dedicação aos treinamentos, vontade de vencer, “dom”, entre outros.

Alex é um atleta mais experiente, que se mantém na seleção brasileira de goalball desde 2002. Passou por momentos diferentes do goalball nacional, os quais permitiram que a equipe brasileira figure hoje entre as melhores do mundo. Ricardinho, por sua vez, apresenta uma trajetória de rápida ascensão até chegar a seleção brasileira de futebol de 5, em 2005. Porém, ele já iniciou sua trajetória na equipe nacional em um momento diferente do que Alex na seleção de goalball, pois a seleção brasileira de futebol de 5 havia sido campeã paralímpica e estava entre as melhores do mundo na época e, desta forma, para integrá-la a cobrança era alta. Mas, em pouco tempo, Ricardinho conquistou espaço na seleção, vindo a representar o Brasil em praticamente todas as competições subsequentes, as quais, quase na totalidade, foi campeão.

Ricardinho, praticamente por toda sua carreira, representou equipes do estado do Rio Grande do Sul. Alex também seguiu este caminho até 2009, no entanto, a partir de 2010, passou a representar equipes de outros estados. Ambos têm consciência de seus papéis como atletas para as seleções nacionais. Alex demonstra isso ao relatar sua figura como motivador do grupo, alguém que repassa sua experiência e busca tirar o melhor de seus companheiros. Ricardinho expõe seus valores, sua fé e as posturas que assume como essenciais para seu sucesso e de seus companheiros. Por fim, cabe destacar o senso de coletividade dos atletas que os fazem líderes de seus grupos.

Trazer as falas dos entrevistados (os atletas, dirigente e treinadores) foi uma forma de dar voz as suas memórias e valorizá-las como fontes de informação. Este estudo foi focado nas histórias de dois atletas, devido às delimitações procedimentais da investigação, no entanto, indica-se a realização de mais pesquisas desta natureza e com outros atletas para que possamos compreender e mapear o cenário histórico do esporte paralímpico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 159-166, 2012.

ALBERTI, V. História dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-220.

ALVES, R. S. **Ricardo Steinmetz Alves**: depoimento 16 jan. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

BALDISSERA, I. **Ismael Baldissera**: depoimento 04 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

BENFICA, D. T. **Esporte paralímpico**: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UFV, Viçosa, 2012.

CASQUEIRA, T. Alexsander Celente foca em treinos intensos para se manter entre os melhores. **Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais**, Rio de Janeiro, 20 abr. 2015. Disponível em: <<http://cbdv.org.br>> Acesso em: 10 jul. 2015

CELENTE, A. A. M. **Alexsander Almeida Maciel Celente**: depoimento 11 nov. 2014. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

DE ASSIS, J. **Para-Heróis**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.

DE SOUZA, R. P. Regras básicas do futebol de 5. *In*: (Orgs.) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C. C.; GORLA, J. I. **Futebol de 5**: fundamentos e diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu, 2014. p. 13-18.

DO NASCIMENTO, D. F.; MOURATO, M. P. **Goalball**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

FERREIRA, M. E. P.; BAUMEL, R. C. R. de C. Narrativas autobiográficas de deficientes visuais congênitos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria – RS, v. 22, n. 35, p. 351-362, set./dez., 2009.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004**: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado. 415 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2009.

FONTES, M. S. Futebol de Cinco para Cegos. *In*: Castelli, D. P.; FONTES, M. S. **Futebol paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 11-38.

FONTES, M. S. **Mario Sergio Fontes**: depoimento 25 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

FREIRE, J.; CONRADO, M. História do Futebol de 5. *In:* (Orgs.) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C. C.; GORLA, J. I. **Futebol de 5: fundamentos e diretrizes**. São Paulo: Editora Atheneu, 2014. p. 13-18.

FREIRE, J; MORATO, M. P. Futebol de 5. *In:* MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p 115-124.

FURTADO, B. **Vencedores**. Brasília: ABECER, 2012.

GOMES, C. A. M. **Carlos Aurélio Machado Gomes**: depoimento 22 out. 2014. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

HILGEMBERG, T. Primeiro o Esporte, Depois a Deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012. *In:* XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2014.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006.

LOPES FILHO, J. P.; FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Jogos paraolímpicos de Pequim em 2008: reconstruindo a participação das atletas brasileiras. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 12, p. 64-80, 2010.

MACHADO, R. B. **Paraolimpíadas e políticas de inclusão**: formas de governar os corpos na sociedade e na escola. 2010. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, Canoas, 2010.

MARQUES, A. C.; CIDADE, R. E.; LOPES, K. A. T. Questões da deficiência e as ações no Programa Segundo Tempo. *In:* DE OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.). **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009, p. 115-162.

MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2010.

MARQUES, R. F. R *et al.* Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-377, out./dez., 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. Dissertação (Mestrado) – Educação Física, UNICAMP, 2011.

MORATO, *et al.* A leitura de jogo no futebol para cegos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 97-114, jul./set., 2011a.

MORATO, *et al.* A mediação cultural no futebol para cegos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 45-63, out./dez., 2011b.

MORATO, M.; DE ALMEIDA, J. J. G. Goalball. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 131-141.

OSANDÓN, P. **Guerreiros Paraolímpicos: vida e magia**. Brasília: Thesaurus, 2008.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p 1-14.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RANIERI, L. P. **Dimensões existenciais do esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, USP, 2011.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RUBIO, K. A experiência da pesquisa 'Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros'. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 93-105, 2014.

SARAT, M. História oral como fonte: educação, infância e memória. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13, 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2014. v. 13, p. 517-525.

SILVA, G. P. **A configuração atletas e ex-atletas paraolímpicas da cidade de Curitiba**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, UFPR, Curitiba, 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOSIM, A. *et al.* Sistemas técnicos e táticos no goalball. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7. n. 2, p. 141-148, 2008.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAMPLEW, W. História do Esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**, Niterói, vol. 19 n. 34, p. 5-17, jan./jun., 2013.

CONCLUSÕES

Nesta dissertação buscamos entender como ocorreu a participação de atletas deficientes visuais sul-rio-grandenses nos Jogos Paralímpicos. Em síntese, identificamos que a primeira participação foi por Guaracy Fernandes e Anelise Hermany nos Jogos Paralímpicos de Nova York, em 1984. Nas edições subsequentes, exceto na edição em Atlanta, Estados Unidos, 1996, o estado do Rio Grande do Sul sempre teve atletas representando a delegação brasileira no evento, os quais totalizam sete representantes, sendo três mulheres e quatro homens. Cinco destes atletas participaram de provas do atletismo, principalmente de corridas rasas, e os demais competiram no goalball e no futebol de 5, um atleta em cada esporte. Dentre os atletas, quatro são medalhistas e três não. Até a edição de Pequim, China, 2008, nenhum atleta sul-rio-grandense deficiente visual havia participado de outro esporte a não ser o atletismo.

Como forma valorizar depoimentos orais como fontes de informação e devido às dificuldades encontradas na busca por registros documentais, adotamos os procedimentos metodológicos da História Oral nesta investigação. Isto nos permitiu potencializar as narrativas dos atletas e de outras pessoas que julgamos serem importantes para reconstruirmos o cenário histórico dos esportes de deficientes visuais em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e no Brasil e as participações de atletas do estado nos Jogos Paralímpicos. Além disso, ao mesmo tempo, pudemos dar vida às suas memórias.

O processo de contato e realização das entrevistas “foi gratificante”, mas exigiu certo tempo e esforço. Ouvir suas histórias, deixá-los falar, criar ambientes propícios para que recordassem e contassem o que vivenciaram, foram aspectos recompensadores vividos com os entrevistados. Claro, nem todas as entrevistas foram como planejamos, mas sempre trouxeram informações sobre um campo que, até então, era pouco conhecido, além de, ao mesmo tempo, demonstrarem opiniões, valores e histórias únicas daqueles sujeitos. Sempre buscamos ter cuidado com as histórias contadas por cada um, fosse atleta ou não. Por vezes, pudemos questioná-las, porém sem desmerecê-las, pois as entendemos como verdades próprias ou apropriadas dos sujeitos que as narraram.

Tivemos dificuldades de nos distanciar como pesquisadores e buscar a tão sonhada “neutralidade científica”, pois criamos vínculos com os entrevistados. Para

os esquecidos pelo tempo, serem lembrados, reconhecidos e deixados ouvir foi, como relataram após cada entrevista, uma experiência especial. Assim, o processo de escrita se tornou uma espécie de jogo, no qual tivemos que nos questionar constantemente sobre estar ou não tornando em conhecimento aquilo que estava escrevendo.

Optamos por elaborar esta dissertação dividida em três estudos, pois acreditamos que seja uma forma de otimizar a divulgação dos materiais produzidos. Buscamos organizá-los de forma que seguissem certa lógica, levando em consideração o recorte temporal, os próprios entrevistados que tivemos e as informações obtidas.

No primeiro estudo, descrevemos o cenário histórico das práticas esportivas de deficientes visuais na cidade de Porto Alegre. A trajetória do esporte para essa população foi iniciada no Instituto Santa Luzia com o futebol e o atletismo na segunda metade do século XX, mas o desejo de fazer esporte ultrapassou os muros da instituição e assim foi criada uma associação específica para o esporte de deficientes visuais. No princípio, havia diversas adaptações rudimentares para que o esporte ocorresse. Na década de 1980, o Centro Louis Braille criou uma equipe de atletismo, a qual formou os primeiros atletas paralímpicos do estado. Como também havia outras instituições da capital desenvolvendo a prática do atletismo. A década de 1990 marca a inserção e o desenvolvimento do goalball na capital, porém foram poucos os locais que promoveram esta prática. O futebol não deixou ser praticado, mas tinha características de prática de lazer até o início dos anos 2000, quando a ACERGS passou a ter equipes competitivas no cenário nacional. Em 2010, foi criada a outra equipe destinada exclusivamente aos esportes dos deficientes visuais em Porto Alegre. Ao longo desse percurso histórico, os deficientes visuais se apropriaram dessas práticas esportivas e as tornaram elementos parte de sua cultura. Desta forma, foi possível o entendimento do cenário onde emergiram os atletas paralímpicos deficientes visuais do estado.

No segundo, descrevemos as participações de atletas com deficiência visual sul-rio-grandenses nas competições de atletismo dos Jogos Paralímpicos de 1984 a 1992, enfocando a participação de três mulheres: Anelise Hermany, Leila Marques e Vera Bergamo. O recorte temporal do estudo também nos permitiria abarcar mais um atleta, o qual participou dos Jogos de Nova York, no entanto não foi possível entrevistá-lo. Duas das atletas, Anelise e Vera, são oriundas do Instituto Santa Luzia,

local onde iniciaram no esporte. Posteriormente integraram a equipe de atletismo do Centro Louis Braille, que realiza seus treinos no Parque Ramito Souto na capital. Leila também integrou a mesma equipe, porém mais tarde. Em 1984, Anelise foi a única mulher a competir nos Jogos Paralímpicos, mas por motivos financeiros e burocráticos quase ficou fora da competição, o que ocasionaria a não conquista das primeiras medalhas do atletismo de deficientes visuais brasileiros na competição. Em 1988, ambas as atletas participaram juntas do evento em Seul, Coréia do Sul. Anelise quase ficou de fora da competição devido um acidente de trânsito sofrido anos antes, porém participou da competição e novamente foi medalhista. Esta edição dos Jogos marca uma nova fase do evento e isto é percebido nos depoimentos elogiosos das atletas sobre os Jogos. Leila e Vera não foram medalhistas, mas elas se lembram de forma saudosa da competição. Leila ainda participou dos Jogos de Barcelona, Espanha, 1992. Nos depoimentos das entrevistadas a tônica enfatizada foi a falta de incentivos financeiros como dificuldades encontradas para a participações em competições, bem como os sentimentos de pertencimento e orgulho representar o Brasil. Percursos que as fazem se construírem enquanto atletas.

Por fim, no terceiro buscamos estabelecer relações sobre o modo como dois deficientes visuais, Alex e Ricardinho, do estado do Rio Grande do Sul tornaram-se atletas paralímpicos e se mantêm no esporte. Ambos são atletas de modalidades esportivas coletivas, representaram as seleções nacionais em duas edições dos Jogos Paralímpicos e são capitães de suas respectivas seleções. Foram alunos no Instituto Santa Luzia e atletas da ACERGS. Alex integra a seleção brasileira de goalball desde 2002, passando por diversas fases da modalidade no país. O atleta afirma haver certa evolução do esporte desde que começou a representar o país e isto levou a equipe brasileira à conquista da medalha de prata nos Jogos de Londres e do título do campeonato mundial da modalidade em 2014. Ricardinho, por sua vez, passou a integrar a seleção de futebol de 5 logo após a conquista da medalha de ouro pela equipe brasileira nos Jogos de Atenas, 2004. O atleta teve uma ascensão rápida dentro do esporte, vindo a ser premiado como melhor jogador do mundo no Campeonato Mundial de Futebol de 5, em 2006. Dois anos após, se tornou medalhista paralímpico nos Jogos de Pequim e repetiu o feito em Londres, nos dois eventos a equipe Brasileira sagrou-se campeã. Além disso, em 2014, novamente conquistou o título de melhor jogador do mundo de futebol de 5. No entanto, além das

conquistas de ambos os atletas, Alex e Ricardinho, tornou-se importante mostrar como se tornaram atletas e se mantêm em alto rendimento e isto se deve, principalmente, às características pessoais dos atletas, seus valores, suas convicções e seus estilos de vida.

Apesar das distinções entre os estudos, neles buscamos seguir os mesmos procedimentos metodológicos como forma de me manter coerente a proposta da dissertação. Acreditamos que haja complementaridade entre eles, apesar de uma lacuna temporal acerca dos Jogos de Sidney, Austrália, 2000, e Atenas, Grécia, 2004, nos quais André Garcia foi único sul-rio-grandense deficiente visual, sendo o segundo atleta que não conseguimos entrevistar.

Esta dissertação tem originalidade, visto a carência de estudos da mesma natureza que identificamos no processo de revisão e o enfoque principal dado a ela, ou seja, os atletas paralímpicos deficientes visuais do Rio Grande do Sul. Como, também, apresenta limitações no diálogo com a literatura. Acredito que mais investigações acerca das memórias de atletas paralímpicos sejam necessárias como forma de documentar e preservar suas trajetórias, pois, de fato, esses atletas historicamente não têm sido tão valorizados como os atletas olímpicos. Além disso, afirmamos a contribuição da dissertação para o projeto “Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012)” desenvolvido pelo grupo NEHME da UFRGS.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 159-166, 2012.

ALBERTI, V. História dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-220.

ALBERTI, V. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALVES, R. S. **Ricardo Steinmetz Alves**: depoimento 16 jan. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidades. 1997. 142 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1997.

ASSMANN, J. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, p. 125-133, 1995.

ASSOCIAÇÃO DE CEGOS DO RIO GRANDE DO SUL - ACERGS. **Estatuto**. Porto Alegre, 2 maio 2012.

ASSOCIAÇÃO DE CEGOS LOUIS BRAILLE - ACELB. **Estatuto**. Porto Alegre, 27 dez. 2011.

AUGUSTO, I.; BRANCATTI, P. R. Esporte adaptado: conceito histórico e evolução na cidade de Presidente Prudente. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 80. s/p, 2010.

BAJAÑA, R. D.; ALONSO, C. T.; CORREDOR, N. N. Historia de vida de una deportista paralímpica colombiana. **Educación Física y Deporte**, Medellín, v. 29. n. 1, p. 95-101, 2010.

BALDISSERA, I. **Ismael Baldissera**: depoimento 04 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

BARROS, J. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BENFICA, D. T. **Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência.** 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UFV, Viçosa, 2012.

BERGAMO, V. L. **Vera Luiza Bergamo:** depoimento 24 fev. 2015. Entrevistadores: Josiana Ayala Ledur e Rafaela Bertoldi. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

BRUMER, A.; PAVEI, K.; MOCELIN, D. G. Saindo da “escuridão”: perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. **Sociologias**, Porto Alegre, V. 6, n. 11, p. 300-327, jan./jun., 2004.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun., 2011.

CARDOSO, V. D.; GAYA, A. A Classificação funcional no Esporte Paralímpico. **Conexões**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 132-146, abr./jun., 2014

CARMONA, E. K. ; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. Cenários da produção do conhecimento sobre o esporte adaptado no Brasil. *In*: Congresso Paradesportivo Internacional, IV, 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Academia Paralímpica Brasileira, 2014, p. 46-50.

CARMONA, E. K. *et al.* Histórias das primeiras participações de atletas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, Portugal, v. 14, p.183-196, 2014.

CASQUEIRA, T. Alexander Celente foca em treinos intensos para se manter entre os melhores. **Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais**, Rio de Janeiro, 20 abr. 2015. Disponível em: <<http://cbd.v.org.br>> Acesso em: 10 jul. 2015

CEGOS esperam novas oportunidades. Tudo pela Integração. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 30 jun. 1980.

CEGOS fazem percurso de 4km, hoje. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 set. 1981.

CEGOS VÃO à Argentina para disputar Jogos. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 jul. 1979.

CELENTE, A. A. M. **Alexsander Almeida Maciel Celente:** depoimento 11 nov. 2014. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

CIDADE, R. E.; FERREIRA, M. B. R. Mulheres e desporto adaptado: revisando as recomendações dos organismos internacionais. **Revista da SOBAMA**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 27-32, dez., 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DE DEFICIENTES VISUAIS. **Estatuto**. Rio de Janeiro, 22 mar. 2014.

COSTA, A. M.; SANTOS, S. S. Participação do Brasil nos jogos paraolímpicos de Sydney: apresentação e análise. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v. 8, n. 3, p. 70-76. maio/jun., 2002.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n.3, p. 27-42, maio, 2004.

DA SILVA, P. N. G.; DE ALMEIDA, J. L. A.; ANTÉRIO, D. A comunicação corporal no jogo de goalball. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 25-40, jan./mar., 2015.

DE ASSIS, J. **Para-Heróis**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.

DE OLIVEIRA, A. C. T. **Adolfo Camerini Teixeira de Oliveira**: depoimento 25 fev. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

DE SOUZA, O. F. **Odilon Fernandes de Souza**: depoimento 24 fev. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

DE SOUZA, R. P. Regras básicas do futebol de 5. *In*: (Orgs.) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C. C.; GORLA, J. I. **Futebol de 5**: fundamentos e diretrizes. São Paulo: Editora Atheneu, 2014. p. 13-18.

DO NASCIMENTO, D. F.; MOURATO, M. P. **Goalball**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

FERREIRA, E. *et al.* Um olhar sobre a educação física adaptada nas universidades públicas paulistas: atividades obrigatórias e facultativas. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 24, n. 4, p. 581-595, 2013.

FERREIRA, M. E. P.; BAUMEL, R. C. R. de C. Narrativas autobiográficas de deficientes visuais congênitos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria – RS, v. 22, n. 35, p. 351-362, set./dez., 2009.

FERREIRA, M. M. História Oral: um inventário das diferenças. *In*: FERREIRA, M. M. (Coord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, 1-13.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas Paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no esporte adaptado.** 415 f. Tese (Doutorado do em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2009.

FONTES, M. S. Futebol de Cinco para Cegos. *In: Castelli, D. P.; FONTES, M. S. **Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física.** Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 11-38.*

FONTES, M. S. **Mario Sergio Fontes:** depoimento 25 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. da S. A educação de pessoas cegas no Brasil. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v. 5, p. 74-81, 2007.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. da S. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 3-9, 2005.

FREIRE, J.; CONRADO, M. História do Futebol de 5. *In: (Orgs.) SOUZA, R. P.; CAMPOS, L. P. C. C.; GORLA, J. I. **Futebol de 5: fundamentos e diretrizes.** São Paulo: Editora Atheneu, 2014. p. 13-18.*

FREIRE, J; MORATO, M. P. Futebol de 5. *In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico.** São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p 115-124.*

FREITAS, P. S.; CIDADE, R. E. Paraolimpíadas: revisando a história. **Revista da SOBAMA**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 21-26, dez., 2002.

FURTADO, B. **Vencedores.** Brasília: ABECER, 2012.

GEELB vence jogos de deficientes. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 jul. 1985.

GOELLNER. S. *et al.* Pesquisa Qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 2010.

GOMES, C. A. M. **Carlos Aurélio Machado Gomes:** depoimento 22 out. 2014. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

GUTTMANN, A. **From ritual to record:** the nature of modern sports. New York: Columbia University, 1978.

HERBST, D. M.; MASCARENHAS, L. P.; SLONSKI, E. C. A história do bocha paralímpico no Brasil e a sua evolução como esporte de alto rendimento. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 83. s/p, 2013.

HERMANY, A. **Anelise Hermany**: depoimento 26 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Curitiba, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

HILGEMBERG, T. Primeiro o Esporte, Depois a Deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012. *In*: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2014.

HISTÓRIA. Institucional, **Instituto Santa Luzia**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.isl-rs.com.br>> Acesso em: 10 jun. 2015.

HISTÓRICO. **Associação de Cegos do Rio Grande do Sul - ACERGS**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://www.acergs.org.br> > Acesso em: 10 jun. 2015.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006.

LIMA, S. R. **Cursos de especialização em Educação Física e Esportes Adaptados: onde estão os egressos?** 1998. 152f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1998.

LOPES FILHO, J. P.; FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Jogos paraolímpicos de Pequim em 2008: reconstruindo a participação das atletas brasileiras. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 12, p. 64-80, 2010.

MACHADO, R. B. Paralimpíadas e Mídia: o crescimento das políticas de inclusão. **Cadernos de Comunicação (UFSM)**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 375-388, 2012.

MACHADO, R. B. **Paraolimpíadas e políticas de inclusão**: formas de governar os corpos na sociedade e na escola. 2010. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, Canoas, 2010.

MAIS de duas décadas no topo. **Brasil Paraolímpico**, Brasília, n.36, jun./jul., 2011.

MANDARINO, C. M. Inclusão dos atletas com deficiência: uma categoria de análise dos 31º Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul. **Corpo em Movimento (ULBRA)**, Canoas, v. 1, n.1, p. 117-135, 2003.

MARQUES, A. C.; CIDADE, R. E.; LOPES, K. A. T. Questões da deficiência e as ações no Programa Segundo Tempo. *In*: DE OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. (Orgs.). **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009, p. 115-162.

MARQUES, L. **Leila Marques**: depoimento 18 mar. 2015. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2010.

MARQUES, R. F. R *et al.* Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-377, out./dez., 2009.

MARTINI, S. R. B. **Memórias dos atletas olímpicos dos clubes sul-rio-grandenses (1960-1972)**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

MASINI, E. F. S. A educação do portador de deficiência visual: as perspectivas do vidente e do não vidente. **Em Aberto**, Brasília, v. 13, n. 60, p.61-76, out./dez., 1993.

MATARUNA, L *et al.* Inclusão Social - Esporte para deficientes visuais *In*: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p.638-644.

MATARUNA, L. Mercado de trabalho e perceptivas laborais no esporte paralímpico: realidades da América Latina. *In*: DE OLIVEIRA, A. F. S.; HAIACHI, M. de C.; DO NASCIMENTO, R. da C. (Orgs.). **II Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos**: legados no campo profissional e desenvolvimento do esporte. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, p. 71-105.

MAZO, J. Z. Olimpíadas, História e Memória: esportistas sul-rio-grandenses nos Jogos Olímpicos (1920 a 1960). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13, 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2014. v. 13, p. 361-368.

MAZO, J. Z.; FROSI, T. O.; MADURO, P. A. O atleta olímpico brasileiro Willy Seewald: memórias do primeiro recordista nacional de lançamento de dardo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n.3, p. 537-555, 2012.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

MELO, V. A; FORTES, R. História do Esporte: panorama e Perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. Dissertação (Mestrado) – Educação Física, UNICAMP, 2011.

MOLINA NETO, V.; MULLER, M. A.; AMARAL, L. O Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS: a visão dos estudantes sobre o seu processo de formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 75-96, 2003.

MORATO, *et al.* A leitura de jogo no futebol para cegos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 97-114, jul./set., 2011a.

MORATO, *et al.* A mediação cultural no futebol para cegos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 45-63, out./dez., 2011b.

MORATO, M.; DE ALMEIDA, J. J. G. Goalball. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 131-141.

OLIVEIRA, L. M. B. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência**. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

OSANDÓN, P. **Guerreiros Paraolímpicos: vida e magia**. Brasília: Thesaurus, 2008.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência – Contexto Histórico. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p 1-14.

PEREIRA, E. L.; SILVA, C. F.; MAZO, Z. M. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 47-64, jan./mar., 2015.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETRÓ, C. A. **A criação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul: projeto e campo de possibilidades na Porto Alegre da década de 1940**. Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RANIERI, L. P. **Dimensões existenciais do esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, USP, 2011.

RIBEIRO, E. P. **Elizabeth Pedrosa Ribeiro: depoimento 30 jul. 2015**. Entrevistador: Eduardo Klein Carmona. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida do Projeto Memórias do Esporte Paralímpico no Brasil: um estudo sobre a participação de atletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos (1972-2012).

RIBEIRO, S. M.; ARAÚJO, P. F. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 57-69, maio, 2004.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.

RUBIO, K. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. A experiência da pesquisa 'Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros'. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 93-105, 2014.

SANT'ANNA, M. M. S.; PRATES, R. História do rúgbi em cadeira de rodas no Brasil. **Adapta**, Rio Claro, v. 8, n. 1. p. 32-38, 2012.

SARAT, M. História oral como fonte: educação, infância e memória. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 13, 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2014. v. 13, p. 517-525.

SILVA, G. P. **A configuração atletas e ex-atletas paraolímpicas da cidade de Curitiba**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, UFPR, Curitiba, 2007.

SILVA, C. F.; MAZO, J. Z. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377-389, abr./jun., 2015.

SOCIEDADE ESPORTIVA LOUIS BRAILLE. **Ata da reunião de fundação realizada 5 de maio de 1973**.

TEXEIRA, F. A. *et al.* Um panorama acerca da produção científica nacional sobre educação física e sexualidade. **Arquivo de Ciência da Saúde**, São José do Rio Preto, v. 22, n. 1, p. 59-63, jan./mar., 2015.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TODT, N. S. *et al.* Atletas olímpicos gaúchos. *In*: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFED, 2006, p.3134-3137.

TOLEDO, M. S. R.; ECKERT, C. O viver de deficientes visuais no centro de Porto Alegre: trabalho ambulante e espaços de sociabilidade. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.4, n.3, p. 1-21, 2003.

TOSIM, A. *et al.* Sistemas técnicos e táticos no goalball. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7. n. 2, p. 141-148, 2008.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAMPLEW, W. História do Esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**, Niterói, vol. 19 n. 34, p. 5-17, jan./jun., 2013.

VERÍSSIMO, A. W. Atletismo para deficiente Visual. *In*: VERÍSSIMO, A. W.; RAVACHE, R. **Atletismo paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006, p. 11-46.

WINCKLER, C. Atletismo. *In*: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. (Orgs.) **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012, p. 65-74.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Barueri: Manole, 2004.

ANEXO A - PICTOGRAMA DOS ESPORTES PARALÍMPICOS DOS JOGOS DO RIO DE JANEIRO (2016)



ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO E ROTEIRO DE ENTREVISTA

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto de pesquisa “MEMÓRIAS DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS BRASILEIROS NOS JOGOS PARALÍMPICOS (1972-2012)”, por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é “ANALISAR HISTORICAMENTE O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL, DE 1972 A 2012”.

Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pelo grupo de pesquisadores, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou e representou o Brasil nos Jogos Paralímpicos. A entrevista poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz. Informamos, também, que sua entrevista poderá ser transcrita integralmente ou em parte, para fins de publicação dos resultados da pesquisa. Assim, solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, bem como eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) sobre as histórias de vida dos atletas paralímpicos brasileiros. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física da

ESEF/UFRGS, bem como no site do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte Paralímpico Brasileiro.

Informamos ainda, que o(a) senhor(a) não terá custos financeiros e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes de sua participação na pesquisa serão ressarcidas, quando devidas. Adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre existe a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações veiculadas a este projeto, preservar a memória Paralímpica brasileira e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janice.mazo@ufrgs.com.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Por fim, é importante esclarecer que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande Do Sul – Brasil”, também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201 ____

Entrevistador

Nome: _____

Assinatura: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da entrevista, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Permito a identificação de meu nome, o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, bem como os seus usos, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de Identificação Pré-Entrevista

Nome completo:

Apelido:

Data de nascimento:

Naturalidade:

Endereço p/contato:

Telefone:

E-mail:

Modalidade e provas que disputou (se precisar):

Clube ou entidade que atualmente representa:

Clube ou entidade que já representou:

Tipo de deficiência e classificação funcional:

Possui ou possuiu bolsa atleta:

Outra atividade laboral (qual?):

Roteiro de Entrevista

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar o pesquisador (entrevistador) durante a entrevista.

1. Fale sobre a sua trajetória no esporte.
 - Quais os motivos que o levaram ao esporte?
 - Como ocorreu a sua inserção no esporte?
 - Qual o papel da sua família na sua inserção no esporte?
 - Como surgiu o interesse por este esporte em específico?

- Quais foram os maiores desafios enfrentados no início da sua carreira? E depois, ao longo dela?
2. Quais competições que você destacaria como as mais importantes em sua carreira? Por quê?
 3. E a maior decepção?
 4. Qual o significado dos Jogos Paralímpicos para você? Que momentos da sua participação você destacaria?
- O que representa para você ter participado dos Jogos Paralímpicos? O que essa participação mudou na sua vida?
 - O que significou a conquista da medalha para você?
 - Qual é/era o seu maior desejo como atleta Paralímpico?
5. Como você percebe o desenvolvimento do Esporte Paralímpico no Brasil?
 6. Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.